AELREDO DE RIEVAULX

Amizade espiritual

Oração pastoral

cultor de livros

AELREDO DE RIEVAULX (1110-1167) foi monge e abade inglês da Ordem Cisterciense. Quando abade do Mosteiro de Rievaulx, testemunhou um grande crescimento da comunidade monástica. Fez viagens a outros mosteiros da Inglaterra, da Escócia e da França a fim de acompanhar as recentes fundações. Além de algumas obras de História, as duas de espiritualidade que mais se destacaram foram: "A amizade espiritual" (De spirituali amicitia) e "O espelho da caridade" (*Speculum charitatis*).

Amizade espiritual

&

Oração pastoral

por
Aelredo de Rievaulx

[cultor de livros]
São Paulo
2017

Título Original
De spirituali amicitia. Oratio pastoralis

Tradução
Maria do Socorro Coelho e
Pe. João Paulo de Mendonça Dantas

Revisão
Cristina Hulshof

Capa e Diagramação
Priscila P. S. Guerin

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Rievaulx, Aelredo de
Amizade espiritual. Oração Pastoral / Aelredo de Rievaulx
São Paulo: Cultor de Livros, 2017
ISBN 978-85-5638-080-7
1. Espiritualidade 2. Amizade I. Aelredo de Rievaulx II. Título
CDD-241.4

Índices para catálogo sistemático:
1 Espiritualidade : Amizade 241.4

Cultor de Livros
Edição e distribuição de publicações
Rua Iperoig, 719 - CEP: 05016-000 - São Paulo/SP
Tel. (11) 3672-3508
www.cultordelivros.com.br

Sumário

INTRODUÇÃO 7
Breve cronologia da Vida e das Obras de Aelredo de Rievaulx 21
Siglas e abreviações 23

AMIZADE ESPIRITUAL

PRÓLOGO 27

PRIMEIRO LIVRO
Natureza e origem da amizade 31

SEGUNDO LIVRO
Vantagens e limites da amizade 51

TERCEIRO LIVRO
A escolha dos amigos e a prática da amizade 73

ORAÇÃO PASTORAL

INTRODUÇÃO 123

TEXTO 127

INTRODUÇÃO

Entre os monges medievais provenientes da grande família Cisterciense, Aelredo de Rievaulx é um dos que mais tem suscitado o interesse dos estudiosos nas últimas décadas[1]. Dom Le Bail apresentou-o como um dos "quatro evangelistas de Cîteaux"[2], colocando-o, assim, ao lado de Bernardo de Claraval, Guilherme de Saint-Thierry e Guerrico d'Igny. Outros o chamaram de "Bernardo do Norte"[3], para colocar em relevo a importância de sua contribuição teológica[4].

Aelredo de Rievaulx (1110-1167), monge e abade

Na vida de Aelredo de Rievaulx, a caridade fraterna e a amizade foram vividas de um modo tão intenso e profundo, que se pode dizer que se tornaram um resumo da sua vida consagrada a Deus e aos homens, um carisma que ele soube acolher e viver, cheio de gratidão e consciente que a sabedoria do amor precisa ser transmitida como um verdadeiro tesouro para as

1. Um sinal claro desse interesse constata-se na recente tradução de seus escritos para o francês e o italiano. Por exemplo, D. Pezzini traduziu para o italiano *Amizade espiritual* (*Amicizia Spirituale*, 1996), *Espelho de Caridade* (*Lo Specchio della Carità*, 1999), *Jesus aos doze anos - Oração pastoral* (*Gesù Dodicenne - Preghiera pastorale*, 2001) e Regra das reclusas (*Regola delle recluse*, 2003). Em 2012, foram publicadas, sob o cuidado de A. Tombolini, em uma edição bilíngue (Latim-Italiano), a *Vida de Aelredo de Rievaulx*, a *Lamentação* pela sua morte e a *Carta a Maurício*, textos redigidos pelo monge W. Daniel de Rievaulx.

2. Cf. I. BIFFI, *Presentazione*, in: W. DANIEL, *Vita di Aelredo di Rievaulx* (a cura di A. Tombolini), Milano 2012, XI.

3. Cf. D. KNOWLES, *The Monastic Order in England*, Cambridge 1949, 240.

4. Cf. por exemplo J. LECLERCQ, *Aelred de Rieveaulx, Père Abbé*, in: *Id.* - L. BOUYER – F. VANDENBROUCKE, *La Spiritualité du moyen Âge*, Paris 1961, 258.

novas gerações. Em Aelredo[5] deparamo-nos com um dos pontos mais altos, no que concerne ao método e à penetração teológica, da teoria da amizade cristã[6].

Visando reconstruir a sua biografia, e assim traçar o perfil desse grande monge e teólogo medieval, deparamo-nos substancialmente com três tipos de fontes: a biografia escrita por seu discípulo Walter Daniel[7], testemunhos contemporâneos e as informações autobiográficas que encontramos nos próprios escritos de Aelredo[8].

Nascido na cidade de Hexham, localizada no condado de Northumberland, no ano de 1110. Tudo leva a crer que a sua família fazia parte da aristocracia da região. O pai, Eilaf, provavelmente era sacerdote, proprietário de terras e, possivelmente, da Igreja de Hexham[9]. No catolicismo anglo-saxão da época, o clero casado não era visto como um problema, nem como um impedimento ao exercício de certa dignidade eclesiástica. O bisavô de Aelredo também fora sacerdote e chegara

5. O seu nome aparece com diferentes grafias: *AILRED, ALRED, EALRED, ETHELRED*. Este último nome é provavelmente a forma saxã originária, significa "nobre conselho", enquanto a forma *AELRED* seria fruto da influência normanda. W. Kasper, discípulo e biógrafo, defende que *AELRED* signifique "todo conselho". Tal nome seria uma espécie de profecia que indicaria o valor da vida e do ensinamento de Aelredo para tantos servos de Deus. J. Capgrave, em seu escrito *VITA AILREDI* (in: Acta Sanctorum, *JANUARII II*, pp. 30-33), propõe que seu nome derive de *EALFREDUS*, que significaria "todo pacífico", cf. D. PEZZINI, *INTRODUZIONE*, in: A. DE RIVEAULX, *L'AMICIZIA SPIRITUALE*, Paoline: Milano 2004, 9 (nota 7).

6. Cf. G. VANSTEENBERGHE, *AMITIÉ*, in: Dictionnaire de Spiritualité Ascétique et Mystique (vol. I), Beauchesne: Paris 1933, col. 516.

7. Cf. W. DANIEL, *THE LIFE OF AILRED OF RIEVAULX* (M. POWICKE ed.), Oxford 1950.

8. Cf. A. SQUIRE, *AELRED PAR LUI-MÊME*, in: Collectanea Cisterciensia 29 (1967), 23-36.

9. O sacerdócio e a propriedade da terra e respectiva igreja eram transmitidos como herança familiar naquela região antes da reforma gregoriana, cf. H. JEDIN, *STORIA DELLA CHIESA* (vol. IV): *IL PRIMO MEDIOEVO*, Milano 1978, 336-342. Cf. também D. KNOWLES, Religious Life and Organization, in: A. L. POOLE (ed.), *MEDIEVAL ENGLAND*, Oxford 1958, 388. Knowles observa que muitas vezes as igrejas que pertenciam às famílias eram as mais belas e possuíam os sacerdotes mais bem preparados, cf. *IBIDEM*.

a exercer a função de ecônomo da catedral de Durhan e de guardião das famosas relíquias de São Cutberto. Do mesmo modo, seu avô e seu pai também foram membros do clero da mesma catedral. Com esta estirpe, Aelredo absorveu desde cedo o sentido da tradição no culto dos grandes santos Cutberto, Wilfredo e Beda, que representavam a estação mais gloriosa do reino de Northumberland.

Em 1066, o duque da Normandia, Guilherme, torna-se rei da Inglaterra e promove uma política eclesiástica de alinhamento com Roma e, consequentemente, de apoio à Reforma Gregoriana. Com a ajuda de Lanfranco de Pavia, nomeado arcebispo de Canterbury (1070), são propostas uma série de reformas que miravam fomentar a vida monástica e conduzir o clero a boa vivência do celibato[10].

O avô de Aelredo, *EILAF*, era chamado de *LARWA*, um termo saxão que significa professor; o tio, *ALDRED*, tornou-se famoso em Durham como *EXPERT* da Sagrada Escritura, e por essa razão pode-se pensar que Aelredo tenha recebido uma ótima educação no seio de sua família, que foi completada na escola de Durham, como ele mesmo recorda no início da obra *AMIZADE ESPIRITUAL*.

Por volta de seus 14 anos, foi enviado para a corte de David I, rei da Escócia, onde pôde dar continuidade à sua formação. Neste período lê *LÉLIO*, o diálogo de Cícero sobre a amizade. Por volta de 1132, recebe o encargo de *ECONOMUS* da corte.

Aos 24 anos, retornando de uma missão que o levou até o bispo Thurstan de York, Aelredo conhece e decide ingressar na pequena e jovem comunidade cisterciense de Rievaulx[11], cujo abade se chamava Guilherme, amigo e ex-secretário de São Bernardo de Claraval.

10. Cf. PEZZINI, *INTRODUZIONE*, 10.

11. Sobre Rievaulx cf. D. KNOWLES, *THE MONASTIC ORDER IN ENGLAND*, Cambridge 1963, 227-245.

Os primeiros anos de vida monástica foram dedicados à oração prolongada, à *LECTIO DIVINA*[12], ao trabalho manual e ao amor fraterno. Walter Daniel, seu biógrafo, recorda que ao longo de seu tempo de noviciado, Aelredo foi guiado pela leitura e meditação da obra *CONFISSÕES* de Santo Agostinho[13].

Torna-se membro do conselho do abade Guilherme, e em 1141 foi enviado à Roma para tratar com o Papa sobre a delicada questão do novo arcebispo de York, ocasião que lhe deu a oportunidade de encontrar Bernardo pela primeira vez, e o abade de Claraval pediu-lhe que escrevesse a obra *ESPELHO DE CARIDADE*. Um ano depois, de volta a Rievaulx, Aelredo foi nomeado mestre de noviços, e, no ano seguinte, foi enviado como abade para a nova fundação de São Lourenço de Revesby, na diocese de Lincoln. Neste período torna-se um pregador famoso, convidado muitas vezes para pregar em Sínodos.

Em 1147, volta para Rievaulx e é eleito o novo abade. Segundo alguns testemunhos, Aelredo, como abade, destacou-se pela serenidade inalterável[14] e pela grande sociabilidade, alegria, generosidade e discrição[15]. Outros destacaram a sua mansidão, paciência e compaixão pelos enfermos do corpo e da alma[16].

> "O seu falar, largo e nutritivo como o leite, tinha como efeito atrair furtivamente o espírito daqueles que o escutavam, como se estes se encontrassem inebriados [...] para edificar, utilizava argumentos fáceis, mas, ao mesmo tempo, nas suas palavras deixavam entrever a presença ardente de uma graça inebriante. Possuía uma inteligência doce e afável, mas um sentimento veemente"[17].

12. W. Daniel não esconde o particular amor que Aelredo nutria pelo Evangelho de João. Ao final de sua vida, o abade de Rievaulx pediu aos monges que lhe trouxessem as Confissões de Santo Agostinho e o texto do Evangelho de São João, cf. DANIEL, *VITA DI AELREDO DI RIEVAULX*, 135.
13. Cf. DANIEL, *VITA DI AELREDO DI RIEVAULX*, 117. Cf. também *IBIDEM*, 135.
14. Cf. G. SILVA, *L'EUCHARISTIE, EPIPHANIE DE L'AMITIÉ DIVINE. LA CHARITÉ COMME AMITIÉ SE RÉALISE DANS L'EUCHARISTIE*, Lugano 2009, 130.
15. Este é o testemunho do abade Juscelino de Furness, cf. *VITA S. WALTHENI*, in: *ACTA SANCTORUM*, Aug. I, 258.
16. Este testemunho encontra-se no elogio pronunciado por ocasião da morte de Aelredo, pelo abade Gilberto de Hoyland, cf. PL 184, 216 (Trata-se de um trecho do sermão 41 sobre o Cântico dos Cânticos).

O segredo de sua vida radiante encontra-se no fato de que ele soube ser discípulo e, posteriormente, mestre da ciência do amor:

> "O charme de suas amizades compuseram o charme de sua vida; para ele, toda a vida se baseia sobre a amizade; esta o capacitou para enfrentar as provações da vida, pois, aos seus olhos, ela confere à vida, o que inclui a vida monástica, o único valor que a vida realmente possui"[18].

Aelredo também revelou-se um mestre da reconciliação, no sentido mais amplo do termo, tanto no âmbito da vida pública quanto no âmbito da eclesiástica de sua época[19].

> "O aspecto monástico e o público de Aelredo colocam em relevo duas qualidades pessoais que se apresentam como os seus caráteres distintivos: a natural vocação pedagógica e a sua habilidade diplomática como homem de conciliação"[20].

Parte de seu ofício abacial o levava a visitar as abadias "filhas" de Rievaulx (Wardon, Melrose, Revesby e Drundennan) e a participar anualmente (ao menos até 1157) do capítulo geral em Cîteaux (Casa mãe da ordem cisterciense), e por esta razão

17. Cf. G. DE HOYLAND, *SERMONES IN CANTICUM SALOMONIS*, in: PL 184, 216.
18. B. JARRET, *ST. AELRED OF RIEVAULX*, London 1933, 87.
19. Cf. M. POWICKE, *THE LIFE OF AILRED OF RIEVAULX BY WALTER DANIEL*, Oxford 1950, pp. XC-XCIV; A. STACPOOLE, *THE PUBLIC FACE OF AELRED*, in: The Downside Review 85 (1967), 192-194.
20. D. PEZZINI, *INTRODUZIONE*, in: A. de Rievaulx, *LO SPECCHIO DELLA CARITÀ*, Milano 1999, 23.

valorizava muito os períodos em que pacificamente se encontrava em sua abadia, na feliz busca da face de Deus, pela oração, e do coração de seus irmãos, pelo serviço e caridade.

Não faltaram a Aelredo provas que conduzem o homem a dar testemunho heroico de Cristo. W. Daniel recorda alguns episódios em que Aelredo sofreu por causa da estupidez e da inveja de seus irmãos monges, chegou até o ponto de ser insultado publicamente por um de seus abades, provavelmente Filipe de Revesby, entretanto, nesta ocasião, reagiu profeticamente, anunciando o fim próximo de seu desafeto, o que efetivamente ocorreu pouco depois[21].

Vinte anos depois de ter assumido a função de abade de Rievaulx, Aelredo morre no dia 12 de janeiro de 1167, depois de enfrentar anos de sofrimento com frequentes cálculos renais, uma severa artrite, e, no final da vida, uma violenta tosse, deixando como herança a sua vida beata e os seus escritos iluminados pela graça de Deus. Segundo seu biógrafo e discípulo Walter Daniel, depois de ter recebido a Unção das mãos do abade Rogério de Byland, Aelredo, antes de expirar, recitou sua última oração diante de um crucifixo "Meu Senhor e meu Deus, meu Salvador e meu Refúgio, minha Glória e minha Esperança pela eternidade: nas tuas mãos entrego o meu espírito"[22].

Cerca de quarenta anos depois de sua morte (entre 1210-1214), Jocelyn de Furness sintetiza assim os eventos determinantes e as características marcantes da vida de Aelredo:

> "Era descendente de uma nobre estirpe de antigos saxões. Deixou cedo a escola para passar a sua juventude na corte do rei Davi, junto ao filho do rei, Henrique, e a Waldef. Com o decorrer do tempo, tornou-se inicialmente monge, e depois abade de Rievaulx. A sua formação escolástica fora escassa, mas como resultado de uma severa autodisciplina no exercício de suas agudas faculdades, atingiu um nível de cultura superior à daqueles que tiveram acesso à instrução completa da ciência escolar. Exercitou-se no estudo da Escritura, e deixou como herança uma recordação perene através de escritos que se distinguem pela luminosidade do estilo pela riqueza de material de edificação, na medida em que era inteiramente inspirado por um espírito de sabedoria e inteligência. Além disso, era um homem de altíssima integridade, de grande sabedoria prática, alguém que sabia ser bem humorado e loquaz, um companheiro agradável, generoso e discreto. Some-se a todas essas qualidades o fato de que superava em paciência e ternura todos os irmãos prelados da Igreja. Era cheio de compaixão por todas as enfermidades, físicas e morais, dos outros"[23].

Aelredo nunca foi canonizado oficialmente, mesmo que haja quem defenda que o papa Celestino III o tenha beatificado em 1191. De todo modo, o capítulo geral dos cistercienses de 1476 autorizou Rievaulx a celebrar a festa de seu abade mais famoso, o que supõe um culto antigo e ininterrupto. Seu ofício encontra-se no Breviário Monástico no dia 12 de janeiro, dia de sua morte[24]. Segundo J. Leland, no sepulcro ornado de prata e de ouro de Aelredo, encontrava-se um epitáfio que dizia "*Et cito quam legitur, tam cito relegitur*" (quando lido, súbito se tem o desejo de relê-lo)[25].

21. Cf. POWICKE, *The life of Ailred of Rievaulx by Walter Daniel*, p. LXX.
22. DANIEL, *Vita di Aelredo di Rievaulx*, p. 145.
23. J. DE FURNESS, *Vita S. Waldeni*, in: *Acta Sanctorum*, Augusti I, 257 D-E. Para um outro retrato de Aelredo de Rievaulx, cf. um trecho do *Sermão 41* do *Cântico dos Cânticos* de Gilbert de Hoyland, in: PL 184, 216C-218C.
24. Cf. PEZZINI, *Introduzione*, 29.
25. Sobre o seu sepulcro, cf. J. LELAND, *Comentarii de Scriptoribus Britannicis* (vol. I), Oxford 1709, 200.

Escritos sobre o amor

Suas obras[26] de caráter histórico e ascético contribuíram para dar ao então incipiente monarquismo cisterciense uma base sólida e uma doutrina espiritual específica. Segundo B. Pennington, Aelredo pode ser apresentado como um dos quatro "evangelistas" de Cîteaux[27], juntamente com São Bernardo, Guilherme de St. Thierry e Guerrico de Igny.

Quanto ao ofício de escritor de Aelredo, D. Pezzini destaca a fineza e a elegância de seu estilo, bem como a variedade dos gêneros literários que ele adotou: tratado espiritual, manual de formação à vida religiosa, exegese, reflexão litúrgica e pedagógica (sermões), hagiografia e história. Em todas as suas obras nota-se a finalidade prática e o escopo educativo[28].

São duas as obras principais de Aelredo, ambas tratam do amor-caridade: *De Speculo caritatis* e *De Spirituali amicitia*.

De Speculo caritatis (O Espelho da Caridade)

Esta obra se apresenta como o coração da doutrina de Aelredo. O título indica que se trata de um tratado sobre a prática

26. Além da obra *Espelho da Caridade*, escrita entre 1142 e 1143, Aelredo escreveu para o duque da Normandia, o futuro rei Henrique II, a *Genealogia dos reis da Inglaterra*, entre 1152 e 1153, pouco depois escreveu também o tratado sobre *Jesus aos doze anos*, a pedido de Ivo de Wardon. Em 1155, por ocasião do translado de suas relíquias, escreveu uma obra sobre os *Santos da Igreja de Hexham*. De 1154 a 1160, dedicou-se a *Vida de Niniano* e ao opúsculo *Sobre a Batalha do Estandarte*. De 1158 a 1163 escreveu três obras importantes: os *Sermões sobre Isaías*, o tratado sobre a *Amizade Espiritual* e a *Regra para as reclusas*, um diretório para a vida espiritual, escrito para sua irmã. Escreveu ainda a *Lenda da monja de Watton* e a *Vida de São Eduardo, o confessor*. No final de sua vida, dedicou-se a um tratado sobre a Alma, que permaneceu incompleto. Somem-se a estas obras os inúmeros sermões e as cerca de 300 cartas que escreveu para personalidades civis e eclesiásticas de seu tempo, que infelizmente se perderam, cf. PEZZINI, *Introduzione*, 26-27.

27. Cf. B. PENNINGTON, *The Cistercians*, in: B. MCGINN- J. MEYENDORFF (edd.), *Christian Spirituality* (vol. I), London 1986, 210.

28. Cf. PEZZINI, *Introduzione* (*Lo Specchio della Carità*), 25.

da perfeição cristã. Como se usasse um espelho, Aelredo ensina aos monges o discernimento necessário a respeito dos diferentes graus da caridade em suas almas.

Aelredo buscou coordenar a verdade da fé, a necessidade da criatura e a dinâmica relacional, quando, na obediência a Bernardo de Claraval, decidiu escrever para o bem dos monges que lhe foram confiados a obra conhecida como *O Espelho da Caridade*[29].

Dirigida a Gervásio, a obra divide-se em três partes: a) Sobre a excelência da caridade: o autor expõe o itinerário da caridade do homem na busca de Deus, uma resposta ao amor de Deus e de Cristo pelo homem (capítulos 1-7). Trata da liberdade humana situada entre o amor a Deus e o mal das concupiscências (capítulos 8-15). A caridade é apresentada como o resumo de toda perfeição (capítulos 16-17) e o homem só encontrará o seu repouso em Cristo (capítulos 18-30), pois a caridade pode ser comparada ao *Shabat* do homem, bem como de Deus (capítulos 31-33); b) Sobre o discernimento necessário e os frutos da caridade: oferece critérios para que o monge discirna e viva a verdadeira paz no meio das penas deste mundo (capítulos 1-6), e reconheça as visitações de Deus na sua alma (capítulos 7-16). Fala sobre a verdadeira compunção (capítulos 17-20) e a alegria perfeita que se obtém através da mortificação dos sentidos e das paixões (capítulos 21-26); c) Sobre a prática da caridade nas relações: discursa sobre a caridade em relação a Deus, a si mesmo e ao próximo (capítulos 2-6), esta deve servir de medida para todas as coisas na vida do monge (capítulo 7). Apresenta três operações conexas ao exercício da caridade: eleição (capítulo 9), movimento (desejo ou ato, capítulos 10-38) e fruição (capítulos 39-40).

29. Cf. PEZZINI, *Introduzione* (*Lo Specchio della Carità*), 9.

De spirituali amicitia (Amizade espiritual)

Trata-se da obra mais conhecida de Aelredo. Provavelmente foi escrita ao longo de cerca de 20 anos. A obra pode ser dividida em quatro partes: prólogo, primeiro livro, segundo livro e terceiro livro.

No primeiro livro, Aelredo dialoga com Ivo. O ambiente é uma abadia filha de Rievaulx, provavelmente Wardon, à qual pertencia o monge Ivo. No segundo livro, ambientado cerca de vinte anos mais tarde, em Rievaulx, os interlocutores de Aelredo chamam-se Walter e Graciano. O fato de haver no primeiro livro uma afirmação de que a obra "Espelho da Caridade" já é conhecida do monge Ivo (1,19) ajuda-nos a situar esta primeira parte de sua composição no tempo, muito provavelmente pouco depois do ano 1142. No segundo livro, Aelredo recorda (2,5) que já se passaram muitos anos (desde o primeiro diálogo), e um evento histórico de seu tempo ajuda-nos a situarmos no tempo esta segunda parte da obra: a contestada eleição de Pascal III (1164-1168) e a consequente divisão dos cardeais (2,41). Isto nos ajuda a reconhecer que Aelredo escreveu o segundo e o terceiro livro de sua obra entre o ano 1164 e 1167[30].

O prólogo apresenta-nos o tema e o método da obra. A escolha do título do tratado é logo explicada: Aelredo deseja apresentar uma reflexão sobre a verdadeira amizade (Prólogo,2). Reconhecendo a importância fundamental e a beleza da amizade, o autor busca a regra, o modelo, a forma e a lei da verdadeira amizade. Para que exista uma verdadeira amizade, é necessária uma verdadeira disciplina dos afetos![31]

Quanto ao método, deve-se notar que Aelredo parte não tanto de um princípio ou de uma tese, mas de sua experiência de vida: a existência é a sua escola![32] A partir da sua experiência, busca

30. Cf. PEZZINI, *Introduzione* (L'Amicizia Spirtuale), 37.
31. Cf. PEZZINI, *Introduzione* (L'Amicizia Spirtuale), 40.
32. Cf. PEZZINI, *Introduzione* (L'Amicizia Spirtuale), 38.

nos livros a luz da verdade, que lhe permitirá melhor compreender as suas experiências de amizade (cf. Prólogo, 1-2).

Uma obra fundamental é o diálogo sobre a amizade (Lélio) de Cícero, que o ajudará a conjugar o bom e o belo na sua vida e na sua reflexão.

Na vida monástica, Aelredo apaixona-se pela Sagrada Escritura, mas o fato de reconhecer na Bíblia uma sabedoria superior não o leva a esquecer ou desprezar o valor da obra de Cícero. Aelredo não procede por eliminação, mas por integração, de modo que a autoridade da Escritura não esmaga o fruto da reflexão Ciceroniana, mas concede-lhe fundamentos ainda mais sólidos. A vida e o livro iluminam-se, nutrem-se reciprocamente, a experiência o conduz aos livros, e estes guiam as suas experiências.

Logo no início do primeiro livro, Ivo apresenta a Aelredo uma lista longa de temas importantes relativos à amizade (1,5). Este, talvez, fosse o plano original, entretanto o livro abordará apenas dois temas, o da natureza e o da origem da amizade. Gostaríamos de destacar o fato de que Aelredo reconhece a beleza da definição de amizade presente no pensamento de Cícero, mas enriquece a sua reflexão, propondo o valor religioso e espiritual, ou seja, o valor especificamente cristão da amizade.

Walter irrompe no segundo livro com a imagem do homem que tem sede e fome de verdade e de amor. Dotado de um forte desejo, Walter precisa ser, segundo a pedagogia de Aelredo, educado com a perspectiva de ideais magníficos e fascinantes.

O mestre apresenta as vantagens da amizade: ela "humaniza" o homem (2,10), possui propriedades terapêuticas (2,12) e capacita o homem a enfrentar as agruras da vida presente.

Depois que Graciano entra em cena, o diálogo conduz-se na direção de Cristo, Ele é o modelo e o ambiente seguro para toda e qualquer amizade espiritual: a amizade humana é comparada a um degrau que convida à amizade com Deus (2,18-20). O caminho da amizade é marcado pelo exercício da virtude (2,38-39), e o fim, fixado por Cristo, é dar a vida pelos amigos (2,33).

O terceiro livro propõe a gramática da amizade. O fundamento de toda verdadeira amizade é o amor de Deus (3,5), a amizade nasce deste amor e o contém, entretanto se diferencia por um fato: enquanto o amor (caridade) é devido a todos, a amizade é uma eleição recíproca, baseada nas virtudes das partes. É proposto um itinerário de quatro passos: a escolha, o exame (ligado a uma prova), o acolhimento e o acordo no que tange às coisas humanas e divinas (3,8).

No que concerne à escolha, Aelredo explica que quatro tipos de pessoas são inapropriadas para a amizade (3,14): os irascíveis (minam a paz da verdadeira amizade), os instáveis (minam a necessária estabilidade), os desconfiados (minam a confiança) e os falastrões (minam a segurança).

Quatro elementos devem compor a verdadeira amizade: o amor, o afeto, a segurança e a alegria (3,51). Na relação com aqueles que não se demonstraram dignos de uma verdadeira amizade, Aelredo recorda que o amor respeitoso, como vestígio da amizade, deve estar sempre presente, mesmo que os demais atributos da amizade já tenham desaparecido.

No que concerne à prova, Aelredo ensina-nos que precisamos saber se o nosso aspirante a amigo tem as virtudes necessárias, por isso sugere que quatro coisas devem ser examinadas: a fidelidade, a boa intenção, o critério (prudência) e a paciência. Estes atributos também são fundamentais para o êxito de uma verdadeira amizade, e por isso devem ser levados em consideração no caminho de maturação da amizade (3,61).

O mestre da amizade também defende o necessário e moderado afeto que deve envolver o relacionamento de amizade (3.83), ensina como cultivar a amizade (3,88-91), fala da necessária reciprocidade, que deve brilhar em toda verdadeira amizade (3,98-103) e recorda a importância dos conselhos e da correção fraterna na vivência da amizade (3,104-110).

Aelredo conclui a sua obra encorajando os seus discípulos a percorrerem o caminho da verdadeira amizade, para tanto,

oferece como fundamento bíblico o testemunho da amizade que uniu Davi a Jônatas (3,92-97), sem deixar de lembrar, com clara emoção, a memória de dois grandes amigos (3,119-127), que não obstante a morte, ainda se encontram bem vivos em seu coração, pois uma verdadeira amizade faz com que um amigo viva para sempre no coração do outro.

Afirmando a importância e a eficácia da oração recíproca entre os amigos (3,133), Aelredo de Rievaulx, mais uma vez, apresenta a amizade como uma escada que convida ao céu (3,134), que convida ao encontro com o próprio Cristo, que convida a esperarmos a promessa que Ele nos fez. Um dia Deus será tudo em todos (1Co 15,54-55), e então a nossa experiência de amor, que na terra se restringiu a poucos, será vivida em sua plenitude, amaremos a Deus e a todos, sem confins e para sempre!

Concluímos esta breve introdução com a sucinta análise proposta pelo teólogo medievalista Inos Biffi:

> "Na verdade, o percurso espiritual de Aelredo depois de sua conversão se apresenta como um maravilhoso processo de unificação interior cristocêntrica, um infundir-se da amizade de Cristo na vida do monge e do abade de Rievaulx. De fato, a sublimidade, a verdade e a utilidade da amizade encontram-se no fato de que ela 'nasce em Cristo, cresce segundo Cristo e por Cristo é conduzida à perfeição'[33]. Ora, é em tal amizade que toda a mente, a afetividade, a memória e a psicologia de Aelredo se compõem e se resolvem, para encontrar-se como que transfiguradas: Cristo, portanto, é a suavidade, o sabor, a fragrância, a luz e o esplendor de todo o ser. 'Toda a doçura da terra e toda a doçura do Céu, escreve Aelredo, é a humanidade de Cristo'[34]. Ele é a 'forma da vida'[35].

33. *De Spirituali amicitia* 1,10.
34. *Sermo* 68,8.
35. *De Spirituali amicitia* 3,28.

A amizade com Cristo se destina a estender-se para além dos confins pessoais, de um modo a marcar e a fundir a unidade da comunhão monástica. Sendo absolutamente Cristo 'o ponto único de referência'[36], a sua amizade torna-se a estrutura de toda a vida eclesial e social, ou melhor, o princípio que move e rege o mundo e determina e guia a 'harmonia cósmica'[37], no rumo da plenitude escatológica. A amizade com Cristo conduz a uma amizade universal.

Reconhecemos assim 'a chave hermenêutica global da vida e das obras de Aelredo', teórico e "ator" de uma autêntica 'mística cristocêntrica"'[38].

Pe. João Paulo de Mendonça Dantas[39]

36. P.-A. BURTON, *Introduction*, in: W. DANIEL, *La Vie d'Aelred, abbé de Rievaulx*, Oka 2003, 51
37. BURTON, *Introduction*, 50.
38. BIFFI, *Presentazione*, XVI.
39. Possui doutorado em Teologia Sistemática e obteve a Habilitação em Teologia (Pós-Doutorado) junto à Faculdade de Teologia de Lugano (Suíça). Professor de teologia da Faculdade Católica de Belém e da Faculdade de Teologia de Lugano. Publicou diversos livros e artigos de teologia no Brasil, na Inglaterra, na Suíça e na Itália.

Breve cronologia da Vida e das Obras de Aelredo de Rievaulx[40]

1110- Nasce em Hexham (No atual condado inglês de Northumberland, próximo da fronteira com a Escócia).

1115-1124- Frequenta a escola de Hexaham e, posteriormente, de Durham.

1124-1134- Vive na corte de David I, rei da Escócia.

1132- Nomeado superintendente-ecônomo da corte.

1134- Ingressa na abadia de Rievaulx (Neste período, o mestre de noviços chama-se Simon, futuro abade de Wardon).

1138- Morte do pai (Eilaf) de Aelredo.

1141(2)- Enviado à Roma para representar os que se opunham à nomeação de Guilherme como arcebispo de York. Durante esta viagem, Aelredo encontrará pela primeira vez Bernardo de Claraval, que lhe pedirá para escrever a obra Espelho de Caridade.

1142-1143- Mestre de noviços em Rievaulx. Escreve o *Espelho da Caridade* (Provavelmente escreve o primeiro livro do tratado *Amizade Espiritual*).

1143-1147- Abade de São Lourenço de Revesby (Lincolnshire).

1145- Morre Guilherme, o primeiro abade de Riveaux. É eleito Maurício, que se demite em 1147.

1147- É eleito abade de Rievaulx.

1152-1153- Escreve a *Genealogia dos reis da Inglaterra* (dedicado a Henrique II).

1154-1155- Compõe *Jesus aos doze anos* (dedicado a Ivo de Wardon).

1155- Escreve diversas obras hagiográficas: *A vida de são Niniano* e *Os santos da Igreja de Hexham*.

40. Cf. PEZZINI, *Introduzione* (Lo Specchio della Carità), 75-76; W. DANIEL, *Vita di Aelredo de Rievaulx* (a cura di A. Tombolini), Milano 2012, 213-215.

1157- Por causa de suas enfermidades, Aelredo recebe por parte do capítulo geral de Cîteaux a dispensa da vivência de alguns aspectos da regra monástica.

1160- Escreve a *REGRA PARA AS RECLUSAS* e conclui o tratado sobre a Amizade espiritual (ou 1164).

1163- Escreve (a pedido de seu parente Lourenço, abade de Westminster) a *VIDA DE SANTO EDUARDO CONFESSOR* e os *32 SERMÕES SOBRE ISAÍAS* (*DE ONERIBUS*, dedicados a Gilberto, bispo de Londres).

1163-1167- Escreve a *REGRA PARA AS RECLUSAS* e conclui o tratado sobre a *AMIZADE ESPIRITUAL*.

1167- Morre no dia 12 de janeiro.

1476- O Capítulo Geral dos Cistercienses autoriza Rievaulx a celebrar a festa de seu abade mais famoso. O seu ofício é celebrado no dia 12 de janeiro, dia de sua morte.

Siglas e abreviações

OBRAS DE AELREDO

Amizade	Amizade Espiritual
Regra	A Regra das reclusas
Espelho	Espelho da Caridade

OUTRAS OBRAS

CCL	*CORPUS CHRISTIANORUM, SERIES LATINA*, Turnhout
CCCM	*CORPUS CHRISTIANORUM, CONTINUATIO MEDIAEVALIS*, Turnhout
DSP	*DICTIONNAIRE DE SPIRITUALITÉ ASCÉTIQUE ET MYSTIQUE*, Paris
PL	*PATROLOGIAE, SERIES LATINA*, Paris
PG	*PATROLOGIAE, SERIES GRAECA*, Paris
SCh	*SOURCES CHRÉTIENNES*, Paris
Lélio	*CÍCERO, LAELIUS DE AMICITIA*, Paris 1971.

AMIZADE ESPIRITUAL

Uma escada que conduz ao Céu

PRÓLOGO

1. Quando, ainda jovem, frequentei a escola, a graça dos meus colegas encantava-me, e assim, entre os costumes e as fraquezas que normalmente tornam arriscada aquela idade, entreguei-me com toda a alma[41] e consagrei-me ao amor: nada me parecia tão doce, tão alegre, tão gratificante quanto ser amado e amar[42].

2. O meu ânimo consequentemente passou a flutuar entre vários afetos e amizades, como se fosse arrastado em muitas direções: ignorava a regra da verdadeira amizade, e frequentemente deixava-me enganar por aquilo que era só a aparência dela. Finalmente, aconteceu-me um dia ter entre as mãos o livro de Cícero sobre a amizade[43], e logo me pareceu útil pela profundidade das ideias, e agradável pela fluida doçura do estilo.

---

41. "Com toda alma" traduz *TOTA MENS MEA*. J. McEvoy observa que o termo *MENS* deveria ser entendido segundo o rico significado que tem na tradição agostiniana, ou seja, como síntese das três faculdades: memória, inteligência e amor (*NOTES ON THE PROLOGUE OF ST. AELRED OF RIEVAULX'S "DE SPIRITUALI AMICITIA"*, in *TRADITIO* 37, 1981, 309). A expressão indica, portanto, não só a mente ou a alma, mas a pessoa na sua integridade. As notas de rodapé desta edição são uma tradução adaptada das notas elaboradas por D. Pezzini em A. DE RIEVAULX, *L'AMICIZIA SPIRITUALE* (Tradução, introdução e notas de D. Pezzini), Milano, 2004.

42. Cf. SANTO AGOSTINHO. *CONFISSÕES* 2,2: "Que outro me deleitava então, se não amar e sentir-me amado?". Note-se que Aelredo, e não só aqui, inverte a ordem dos dois verbos. Isto assinala o que acontece normalmente na vida: antes somos "amados", e sem esta experiência é difícil "amar" de modo pleno e equilibrado. A regularidade com a qual Aelredo reordena a sequência agostiniana, invertendo-a, poderia talvez sugerir uma dominante "passiva" no seu temperamento, hipótese que parece apoiada pela forte carga de estima que ele exprime no seu afeto pelos amigos (veja-se a propósito o elogio de Simão em *ESPELHO* 1, 98-114), e no modo com o qual exalta a atitude de Jonatas em relação a Davi (*AMIZADE* 3, 92-95).

43. Sobre a importância da obra *LÉLIO* (*DE AMICITIA*) de Cícero na obra de Aelredo, veja-se quanto escreveu J. Dubois na sua introdução a A. de Rievaulx, *L'AMITIÉ SPIRITUELLE*, Bruges, 1948, pp. XLVIII-LX.

3. E embora ainda não me sentisse maduro pelo ideal que propunha, todavia estava feliz de ter achado um certo modelo de amizade que me permitia canalizar a vaga dispersão dos meus sentimentos e dos meus amores.

Quando aprouve ao meu bom Senhor retificar os meus desvios, levantar-me da terra, purificar-me com o seu toque salutar da minha lepra, deixei os projetos de carreira mundana e entrei no mosteiro.

4. Cedo joguei-me na leitura dos livros sagrados: de fato, antes os meus olhos inflamados e viciados no escuro da carnalidade não conseguiam nem mesmo esfolhar a superfície. Assim, enquanto o gosto pelas sagradas Escrituras se tornava mais doce[44], e em relação a elas aquele pouco de ciência que me veio do mundo ia perdendo valor, voltavam-me à mente as coisas que tinha lido no já citado opúsculo sobre a amizade, e admirei-me que não tivessem mais o mesmo sabor de antes.

5. Com efeito, naquela altura da minha vida, se uma coisa não sabia daquele mel que é o docíssimo nome de Jesus, se não era temperada com o sal da Escritura, não conseguia envolver inteiramente o meu sentimento[45]. E pensando e refletindo continuamente sobre aquelas ideias, perguntava-me se não seria possível reforçá-las, dando-lhes como fundamento a autoridade das Escrituras.

44. O léxico do "gosto" volta com frequência no escrito de Aelredo, assim como, ainda mais frequente, aquele conexo da "doçura". Na tradução preferiu-se tornar *DULCIS* e derivados simplesmente com "doce": porém, tenha-se presente que o termo indica uma sensação agradável derivada de algo, ou de alguém, que é ao mesmo tempo atraente e gratificante (cf. McEVOY, J. *NOTES ON THE PROLOGUE*, p.400).

45. Aelredo funde, um pouco paradoxalmente, a metáfora do mel com aquela do sal. Se a primeira evoca a doçura gratificante, a segunda introduz, além do gosto, também o elemento da "purificação", já que o sal preserva o alimento da corrupção. É possível encontrar aqui também uma consonância sugestiva com um trecho de São Bernardo: "O nome de Jesus não é só luz, é também alimento... Todo alimento da alma é seco se não é embebido neste óleo, é sem sabor se não é temperado com este sal... Jesus é mel para a boca, música para os ouvidos, canto de júbilo para o coração" (*SERMÕES SOBRE O CÂNTICO DOS CÂNTICOS* 15,6 in: *OPERA*, I, p.86).

6. Tendo já lido nos escritos dos Santos Padres[46] muitas coisas sobre a amizade, querendo amar espiritualmente, mas não me sentindo capaz[47], comecei a escrever sobre a amizade espiritual para oferecer a mim mesmo as regras de um amor casto e santo.

7. Assim nasceu este opúsculo, que dividi em três pequenos livros: no primeiro trato da natureza da amizade e examino a origem ou a causa dela; no segundo se prevê os frutos e a excelência dela; no terceiro explico, segundo as minhas capacidades, de que modo e entre quem ela pode se conservar intacta até o fim.

8. Se alguém tirar uma utilidade qualquer desta leitura, renda graças a Deus e suplique a misericórdia de Cristo pelos meus pecados. Se alguém, ao invés, achar supérfluo ou inútil o quanto fui escrevendo, tenha compaixão pela minha condição infeliz que, empenhando-me em numerosas ocupações, me obrigou a comprimir no quadro desta meditação o rio dos meus pensamentos.

46. Das leituras de Aelredo, que poderiam também ter-lhe fornecido material para uma série de anotações sobre a amizade, existe abundante testemunho na obra. Os Padres que se refere são Santo Ambrósio, Santo Agostinho, São Jerônimo e São Cassiano. Os três primeiros são, em qualquer modo, citados explicitamente, mas a presença deles é discretamente mais ampla, já que com frequência os textos são retomados sem mencionar a fonte.

47. Na compacta expressão latina o contraste é visivelmente e fonicamente muito acentuado: *VOLENS SPIRITALITER AMARE NEC VALENS.*

PRIMEIRO LIVRO
Natureza e origem da amizade

Os interlocutores e o tema: Aelredo, Ivo e Cristo como "terceiro"

1. AELREDO. Eis-nos aqui[48], eu e tu[49], e espero que exista um terceiro no meio de nós, o Cristo. Não há ninguém que possa nos incomodar, ninguém que possa interromper o nosso conversar como amigos: ninguém que se insinue com conversas ou fracasso nesta agradável solidão. Coragem, caríssimo, abre o teu coração, derrama aquilo que queres nos ouvidos de quem é teu amigo: acolhamos com gratidão o lugar, a hora, a tranquilidade do repouso.

2. Há pouco, de fato, enquanto estavas sentado no meio da multidão dos irmãos que me empurravam de todas as partes falando em alta voz, quem perguntando, quem discutindo, um sobre escritura, outro sobre moral, um sobre vícios e outro sobre virtudes, só tu estavas calado. Às vezes levantavas a cabeça, e parecias querer falar, depois, como se a voz morresse na tua garganta, abaixavas a cabeça e calavas; às vezes te separavas um pouco do grupo, depois voltavas, mostrando um rosto triste. Eu entendia por todos estes sinais que, para fazer sair os

48. O diálogo localiza-se numa das abadias de Rievaulx, provavelmente Wardon (Bedfordshire), durante a visita de Aelredo.

49. O interlocutor do primeiro livro é Ivo, um monge de Wardon, a quem Aelredo era profundamente afeiçoado. A seu pedido escreveu "Jesus aos Doze Anos", livro no qual se encontram muitas expressões que revelam uma intensa relação de amizade e de estima entre os dois.

pensamentos do teu coração, detestavas a multidão e desejavas, ao invés, a reserva.

3. IVO. É assim mesmo, e me faz muito feliz saber que cuidas deste teu filho, porque só o espírito de caridade pode ter te revelado o meu estado de ânimo e o meu desejo. Queira a tua bondade conceder-me que, todas as vezes que vieres visitar os teus filhos que vivem aqui, seja-me dado ao menos uma vez estar mais tempo contigo, longe dos outros, para poder expor-te com calma aquilo que ferve dentro do meu coração.

4. AELREDO. Certo que te concedo, e com prazer. E isto justamente porque estou contentíssimo em te ver nem um pouco ávido por conversas vãs e ociosas, mas sempre desejoso em falar do que pode ser útil ou necessário ao teu crescimento. Fala também com tranquilidade e partilha com quem é teu amigo as tuas angústias e os teus pensamentos, de modo que nesta troca tu possas aprender e ensinar, dar e receber, derramar e recolher.

5. IVO. Mas eu estou pronto para aprender, não para ensinar; não para dar, mas para receber; para recolher, não para derramar: a isso me ordena a minha idade, me obriga a minha inexperiência, me aconselha com força a minha profissão de monge. Mas para não desperdiçar estupidamente o tempo que é necessário para outras coisas, gostaria que tu me ensinasses alguma coisa sobre a amizade espiritual, ou seja, o que é, que utilidade tenha, quais sejam a origem e o fim dela, se pode nascer entre qualquer um, se não entre quem, como pode ser conservada intacta, e alcançar um horizonte de santidade sem que alguma desagradável dissidência a arruíne.

6. AELREDO. Maravilha-me que tu peças a mim estas coisas quando sabes muito bem que ilustres doutores da antiguidade trataram suficientemente e com abundância de tudo isto. Além do mais, passaste os teus anos de jovem estudando escritos, e leste o livro de Túlio Cícero sobre a Amizade, no qual, com feliz estilo e com abundância de argumentações, discute-se tudo

quanto se refere a esta matéria, e no qual se expõe, por assim dizer, algumas leis e preceitos que a regulam.

7. IVO. Não ignoro certamente aquele livro, ao contrário, há algum tempo o estava lendo com grande prazer; mas desde quando comecei a saborear um pouco daquela doçura que derrama do favo das Escrituras, e Cristo com o seu mel tomou para si o meu afeto, tudo aquilo que não tem o sal da palavra celeste, ou não está embebido da doçura daquele nome, mesmo que se trate de coisas escritas ou ditas de modo sutil ou refinado, não tem para mim nem sabor nem luz[50].

8. Por isto, gostaria que tudo aquilo que foi dito no passado, sempre que esteja conforme à razão, e aquilo que nascerá desta discussão e se revelará útil, fosse provado com a autoridade da Escritura, e que tu me explicasse de modo mais completo como a amizade que deve haver entre nós nasça em Cristo, seja conservada segundo a vontade de Cristo, e encontre em Cristo o seu fim e o seu ganho[51]. Parece, de fato, que Cícero tenha ignorado a verdadeira força da amizade, dado que não conhecia em algum modo aquele que é o princípio e o fim dela, o Cristo.

9. AELREDO. Declaro-me vencido e, uma vez que não sei bem quais sejam as minhas forças, não me atreverei fazer-me de mestre, mas principalmente quero conversar contigo, a partir do momento que foste tu a abrir a ambos o caminho, e justamente sobre o limiar da nossa busca acendeste aquela luz fulgurante que não permitirá que nos percamos por caminhos

50. A sintonia entre os dois interlocutores é tal que Ivo conta o seu percurso no território da amizade praticamente nos mesmos termos com que Aelredo narrou o seu no Prólogo (4-5).

51. Parece ouvir uma cadência litúrgica neste caminho da amizade que se realiza por Cristo, com Cristo e em Cristo. O caminho repetido em 2,20 foi magnificamente expresso por G. M. Hopkins em "*La lanterna di là dalla porta*", onde o Cristo é definido: "first, fast, last friend" (primeiro, pronto, último amigo); sobre o desenvolvimento do tema cf. PEZZINI, D. *Images of Friendship in Hopkins Poetry* in SUNDERMEIER, M. (Ed) *Gerard Maley Hopkins Annual 1992*. Nebraska, Omaha, 1992, pp. 83-103.

transversais, mas como um guia seguro nos conduzirá à meta que nos propomos.

10. De fato, o que pode ser dito de mais sublime sobre a amizade, mais verdadeiro e mais útil se não demonstrar que ela nasce de Cristo, progride segundo Cristo, e por Cristo é levada à perfeição? Fala, então, e me diz qual é o tema que devemos explorar por primeiro.

IVO. Parece-me, antes de tudo, que se deve refletir sobre o que seja a amizade, já que, se ignoramos o princípio sobre o qual se fundamenta e se desenvolve a nossa discussão, corremos o risco de parecer gente que pinta no ar.

A definição ciceroniana da amizade

11. AELREDO. Não te basta aquilo que disse Cícero: "A amizade é o acordo, cheio de benevolência e caridade, sobre as coisas humanas e divinas"?[52]

12. IVO. Se isto basta a ti, também considero-me satisfeito.

13. AELREDO. Então diremos que todos aqueles que se encontram em sintonia de opinião e de vontade sobre as coisas divinas e humanas, e vivem uma unidade feita de benevolência e caridade, alcançaram a perfeição da amizade.

14. IVO. E por que não? Não consigo, porém, ver o que poderia significar, na boca de um pagão, palavras como benevolência e caridade[53].

15. AELREDO. Talvez com o termo caridade quisesse dizer o afeto interior, e com benevolência a tradução deste afeto em

52. Cfr. *Lélio* 20.

53. O problema é real e de não pouca importância. R. Hyatte recorda que a identidade lexical, que de um lado pode ter favorecido a adoção dos textos antigos em âmbito cristão, produziu como reflexo o perigo de ler como se fosse já cristã a literatura pagã (*The Arts of Friendship*, pp.39-40). Ivo revela estar bem consciente da dificuldade, e Aelredo apresenta-se para ele como intérprete dessa questão.

obras. De fato, nas coisas humanas e divinas a sintonia dos dois corações deve ser cara a ambos, isto é, amável e preciosa; enquanto que nas coisas externas o agir deve mostrar-se cheio de benevolência e de alegria.

16. IVO. Admito que esta definição agrada-me bastante, mas tenho impressão que esteja bem para os pagãos e para os hebreus, ou melhor, também para os maus cristãos. Eu, porém, estou convencido que entre aqueles que estão sem Cristo não pode subsistir a verdadeira amizade[54].

17. AELREDO. No decorrer do discurso nos aparecerá com clareza se à definição falte alguma coisa ou peque por exagero, de modo que poderemos ou recusá-la, ou aceitá-la como expressão suficiente e não viciada por algum elemento estranho. De fato, desta definição, embora talvez não te pareça adequada, podes entender o que seja a amizade.

18. IVO. Não pretendas isso, peço-te, se te digo que assim não me basta, a menos que tu não me expliques bem o sentido do próprio vocábulo.

54. A afirmação de Ivo não quer soar como um juízo moral sobre as pessoas: pretende, antes de tudo, proclamar a primazia e a absoluta centralidade de Cristo, em relação ao qual quem não o segue (os maus cristãos), quem não o reconhece (os hebreus) e quem não o conhece (os pagãos) venha a encontrar-se objetivamente em faixas sempre mais longes. A relação é em termos de parcialidade em relação à plenitude. Esta visão de Igreja, largamente difundida naquele tempo, não comporta por si só a exclusão, e muito menos a condenação, de quem não é cristão. De resto, a escolha de Aelredo em construir a sua reflexão a partir de Cícero está ali a demonstrar o contrário. É útil talvez recordar, para superar aquela que pode parecer uma perspectiva um pouco angustiada, os dois princípios que o Concílio Vaticano II afirmou na Declaração *Nostra Aetate*, a propósito das religiões não cristãs, ou seja, que a Igreja "nada rejeita de quanto é verdadeiro e santo nestas religiões", e que, por outro lado, "ela anuncia e é levada a anunciar que em Cristo os homens devem encontrar a plenitude da vida religiosa" (n.2). Sobre o problema da salvação fora da Igreja, em particular sobre a história do tema, veja-se o tratado conciso de M. SECKLER, s.v. Non-cristiani in *Dizionario Teologico* II, H. FRIES, Brescia, 1967, pp.446-453.

Amor, amigo, amizade, caridade: esclarecimentos

19. AELREDO. Com prazer o farei, desde que tu compreendas a minha ignorância e não me obrigues a ensinar-te aquilo que eu mesmo não sei. Parece-me que o termo "amigo" venha de "amor", e "amizade" de "amigo". O amor é um sentimento da alma racional, pelo qual, estimulada pelo desejo, procura algo e anseia por aproveitar isto, aprecia-o com certa doçura e suavidade interior, abraça, pois, o objeto desta busca, e conserva aquilo que encontrou. Estudei a natureza e a dinâmica deste sentimento com a máxima lucidez e diligência de que era capaz no meu *"ESPELHO DE CARIDADE"*, que tu conheces bem.

20. Digo que o amigo é como um guardião do amor, ou, como disse alguém, "um guardião da própria alma"[55], pois o amigo, como entendo eu, deve ser um guardião do amor recíproco, ou melhor, da minha própria alma: deve conservar num silêncio fiel todos os segredos da minha alma; cuidar e tolerar, segundo as suas forças, tudo quanto ali se encontra de imperfeito; alegrar-se quando o amigo se alegra; sofrer quando sofre (cf. Rm 12,15); sentir como próprio tudo aquilo que é do amigo.

21. Portanto, a amizade é aquela virtude que une as almas num pacto tão forte de amor e de doçura que aqueles que antes eram muitos agora são um[56]. Por isso, os próprios filósofos deste mundo colocaram a amizade não entre as realidades casuais e passageiras, mas entre as virtudes eternas[57]. É quanto o próprio Salomão parece dizer nos Provérbios, quando escreve: *QUEM É AMIGO AMA SEMPRE* (Pr 17,17), afirmando assim com clareza que a amizade é eterna se é verdadeira; se, ao contrário, cessa de existir, quer dizer que não é verdadeira, embora o parecesse.

55. Isidoro de Sevilha, "Etmologie" (Etmologias), a cura de W. M. LINDSAY, (Oxford,1962), Tomo I, X, 4-5: "*AMICUS, PER DERIVATIONEM, QUASE ANIMI CUSTOS*".
56. Cf. *LÉLIO* 81,92, cf. também *ESPELHO* 3,9.
57. Cf. *LÉLIO* 32.

22. IVO. Como é, então, que se lê que entre grandes amigos surgiram graves inimizades?[58]

A amizade: um ideal difícil, um sonho a alcançar

23. AELREDO. Disto falaremos a seu tempo, se Deus quiser[59]. Mas quero logo que tu saibas que nunca foi amigo alguém que pôde ofender o outro depois de tê-lo acolhido na sua amizade, e nem mesmo pode dizer que tenha degustado a alegria da verdadeira amizade quem, uma vez ofendido, cessa de amar aquele que antes amava. De fato, *QUEM É AMIGO AMA SEMPRE* (Pr 17,17).

24. Também quando tiver sido repreendido, insultado, dado às chamas, pregado na cruz, quem é amigo ama sempre; e como diz o nosso São Jerônimo, "uma amizade que pode se apagar nunca foi uma verdadeira amizade"[60].

25. IVO. Se a perfeição da verdadeira amizade é tão alta, não me admiro mais que sejam tão raros aqueles que a antiguidade nos transmitiu como verdadeiros amigos. De fato, Cícero diz que, em tantos séculos que o precederam, se podem contar "apenas três ou quatro duplas de amigos"[61] que alcançaram a celebridade. E se também na nossa época cristã os amigos são tão raros, parece-me justamente suar por nada na tentativa de fazer minha esta virtude: a sua sublimidade assusta-me e quase desespero-me em poder alcançá-la.

26. AELREDO. Foi dito que "só a tentativa de chegar a coisas grandes já é grande"[62]. Por isto, é próprio da mente virtuosa meditar constantemente coisas árduas e sublimes, com

58. Cf. *LÉLIO* 34.
59. Falará disto no Livro III, nos parágrafos 39-44.
60. SÃO JERÔNIMO, *CARTAS*, a cura de J. LABOURT (Paris, 1949), Tomo I, Carta 3, 6, p.16.
61. Cf. *LÉLIO* 15.
62. Cf. POMERIO, *LA VITA CONTEMPLATIVA* I, Prol. 2 (PL.54, 415B); cf. também Ps SENECA, *MONITI* 9.7.

o resultado ou de alcançar aquilo que anseia, ou de conhecer e compreender com maior lucidez qual deve ser o objeto do seu desejo: deve acreditar que já deu um passo não pequeno quem, conhecendo a virtude, percebe o quanto está longe dela.

27. No mais, o cristão nunca pode se desesperar para conquistar uma virtude, porque ouve todo dia no Evangelho a voz divina que lhe diz: *PEDI E RECEBEREIS* (Mt 7,7; Jo 16,24). E não te maravilhes se entre os pagãos foram raros os seguidores da virtude, já que eles não conheciam aquele que é o Senhor e o doador da virtude, do qual está escrito: *O SENHOR DAS VIRTUDES É O MESMO REI DA GLÓRIA* (Sl 23,10).

28. E na verdade, posso trazer-te o exemplo não de três ou quatro, mas de mil duplas que, pela fé Nele, estavam prontas a "morrer um pelo outro", operando aquele milagre grandioso que os antigos declaravam ou imaginavam que tinha se realizado no caso de Pílades e Orestes[63]. Não eram talvez verdadeiros amigos segundo a definição de Cícero aqueles de quem está escrito: *A MULTIDÃO DOS FIÉIS ERA UM SÓ CORAÇÃO E UMA SÓ ALMA; NINGUÉM DIZIA COMO SUA PROPRIEDADE AQUILO QUE LHE PERTENCIA, MAS TUDO ERA EM COMUM ENTRE ELES* (At 4,32)?

29. Como podia não ser sumo[64] o "consenso nas coisas divinas e humanas, unido à caridade e benevolência" entre aqueles que tinham um só coração e uma só alma? Quantos mártires deram a vida pelos seus irmãos, quantos não pouparam despesas, fadigas, as próprias torturas. Penso que com frequência, não sem chorar, leste a historia daquela jovem de Antioquia que um soldado, com hábil astúcia, arrancou de um bordel, tornando-se

63. Cf. *LÉLIO*, 24. Pílades, primo de Orestes, filho de Agamênon, tinha ajudado o amigo a vingar o assassinato do Pai. Os dois fugiram juntos depois. Quando Orestes, no país onde vivia em exílio, foi condenado à morte, Pílades se ofereceu para ficar no seu lugar. Desta dupla de amigos fala também Agostinho em *CONFISSÕES* 4,6.

64. "Sumo": Aelredo acrescenta este adjetivo à definição de Cícero, quase recordando que Cristo dá a possibilidade de levar à perfeição a amizade.

depois seu companheiro no martírio depois de ter sido no bordel guardião da sua pureza[65].

30. Poderia trazer-te muitos outros exemplos, se não nos desaconselhasse o risco de falar demais, e a própria abundância de histórias não nos induzisse ao silêncio. De fato, Cristo Jesus *ANUNCIOU E PROCLAMOU, E ELES SE MULTIPLICARAM ALÉM DE TODA MEDIDA* (Sl 39,6). Disse: *NINGUÉM TEM MAIOR AMOR DO QUE AQUELE QUE DÁ A VIDA POR SEUS AMIGOS* (Jo 15,13).

31. IVO. Mas então entre a amizade e a caridade não há nenhuma diferença?

32. AELREDO. Pelo contrário, existe e é grande. A autoridade de Deus, de fato, estabeleceu que sejam muitos mais aqueles que acolhemos no ventre da caridade do que aqueles que admitimos ao abraço da amizade. A lei da caridade obriga-nos a acolher no seio do amor não só os amigos, mas também os inimigos (cf. Mt 5,44; Lc 6,27-35). Nós, porém, chamamos amigos apenas aqueles a quem não tememos em confiar o nosso coração com tudo aquilo que tem dentro, e assim fazem também eles, unindo-se a nós num laço que tem a sua lei e a sua segurança na confiança recíproca.

Como se reconhecem os vários tipos de amizade

33. IVO. São muitos aqueles que, vivendo segundo as regras do mundo e tendo em comum certos vícios, se unem um ao outro num pacto deste gênero, e experimentam a agradável

65. É a história de Teodora de Alexandria referida no *MARTIROLOGIO ROMANO* em 29 de abril. A relação com Antioquia é erro de Santo Ambrósio, que se refere à história no seu tratado *SOBRE AS VIRGENS* 2,4,22-43 (*OPERA OMNIA* 14/1, aos cuidados de F. Gori, Milão-Roma, 1989, pp.182-203). O nome do soldado é Dídimo. O sucesso e a persistência deste exemplo na história é comprovado também pelo fato que Pierre Corneille fez dele um drama, *THÉODORE, VIERGE ET MARTYRE* (1645), e G. F. Händel um oratório, *THEODORA*, o último composto por ele (1749), em um livreto de Thomas Morell.

doçura de tal vínculo amigável mais que todas as delícias deste mundo fugaz.

34. Não te desagrade explicar-me como discernir, entre tantas formas de amizade, a diferença entre elas e a da amizade "espiritual": porque esta, afinal, acaba sendo de algum modo envolvida e obscurecida pelas outras, que se apresentam de forma mais imediata e com mais clamor àqueles que a buscam e a desejam. Assim nos ajudarás a desemaranhá-la daquilo que a une às outras, e esse confronto a tornará para nós mais clara e, portanto, mais desejável: tu nos estimularás assim a agir com maior veemência e fervor para torná-la nossa.

35. AELREDO. Não têm direito de usar o nobilíssimo nome da amizade aqueles que se uniram pela conivência no vício: de fato, quem não ama não é um amigo, e não ama o homem aquele que ama a iniquidade, já que quem *AMA A INIQUIDADE* não ama, mas *ODEIA A SUA ALMA* (Sl 10,6), e quem não ama a sua alma não pode amar a de um outro[66].

36. Disto deduz-se que, aqueles que se gloriam de uma amizade que é só de nome, são enganados por algo que é só a imitação dela, e não a possuem verdadeiramente. Porém, se numa amizade do gênero – digo, aquela que é manchada pelo desejo, suja pela avareza e desonrada pela luxúria – pode-se experimentar uma grande doçura, penso quanta suavidade derrama-se sobre uma amizade que quanto mais é honesta tanto mais é segura, quanto mais é casta tanto mais é alegre, quanto mais é livre tanto mais é feliz.

66. Cf. *ESPELHO* 3,3-4: "Estes três amores (por si mesmo, pelo próximo e por Deus), embora sejam manifestadamente distintos, são entre eles tão maravilhosamente correlacionados que cada um se encontra nos outros, e todos em cada um, e não se possui nunca um sem os outros, e se um vacila também os outros se enfraquecem. Com efeito, não ama a si mesmo quem não ama nem o próximo nem Deus, mas nem mesmo ama o seu próximo como a si mesmo aquele que não ama a si mesmo, e não se poderia acreditar que ama Deus aquele que não ama o seu próximo: De fato, *QUEM NÃO AMA O PRÓPRIO IRMÃO QUE VÊ, NÃO PODE AMAR DEUS QUE NÃO VÊ* (1Jo 4,20). O amor pelo próximo passa, portanto, num certo sentido, antes que aquele por Deus, e o amor por

37. E, todavia, a partir do momento que em nível de sentimentos se adverte certa semelhança, deixamos que, com base nisso, sejam chamadas amizades também aquelas que não são verdadeiras, desde que, porém, elas sejam distinguidas com sinais claros e certos daquela que é espiritual, e então verdadeira.

38. Digamos que a amizade pode ser carnal, mundana, espiritual. A carnal nasce da sintonia no vício; a mundana se acende pela esperança de um ganho; a espiritual se cimenta entre aqueles que são bons, em base a uma semelhança de vida, costumes, gostos, aspirações[67].

A amizade carnal

39. A amizade carnal nasce do sentimento, daquele tipo de emotividade que, como uma prostituta, abre as pernas[68] diante de todos aqueles que lhe passam ao lado (cf. Ez 16,25), seguindo o vagar dos olhos e ouvidos para a impureza (cf. Nm 15,39). A partir destas portas introduzem-se nos recessos da mente imagens de belos corpos e de coisas sensuais, pensa-se que a felicidade esteja em aproveitar-se delas à vontade, e que o prazer será maior quando se encontra alguém com quem dividi-lo.

40. Então, colocam-se em movimento gestos, sinais, palavras, saudações e adulações com os quais um agrada o outro, um atiça o foco no outro até fundir-se numa só coisa. Uma vez alcançado o desprezível acordo, chegam a fazer ou a sofrer um pelo outro qualquer coisa iníqua e sacrílega, e pensam que não existe nada de mais doce e mais justo que tal amizade: "querer

si mesmo passa à frente àquele pelo próximo; passa à frente quanto à ordem, não quanto à dignidade".

67. Cf. CASSIANO, *CONFERÊNCIAS* 16,2 (SCh 54, 223-224).

68. A expressão de Ez 4,16, aqui traduzida literalmente, normalmente é lida com eufemismos mais delicados. Sobre o texto cf. SÃO JERÔNIMO, *SU EZECHIELE* 4,16 (CCL 75, 180-181).

as mesmas coisas, recusar as mesmas coisas"[69], considerando assim obedecer às leis da amizade.

41. Mas semelhante amizade não nasce de uma escolha deliberada, não é colocada à prova a partir do juízo, não é dirigida pela razão, mas é impulsionada aqui e ali sob a urgência impetuosa do sentimento: não observa medida alguma, não procura coisas honestas, não se esforça em prever aquilo que é útil e aquilo que não o é, mas lança-se sobre tudo de modo desconsiderado, imprudente, superficial, excessivo. Assim, como agitada pelas fúrias, se autodestrói e, com aquela mesma leveza com a qual nasceu, evapora.

A amizade mundana

42. A amizade mundana, ao contrário, aquela que nasce da ânsia por coisas ou bens temporais, é cheia de fraudes e enganos: nessa nada é certo, nada é constante, nada é seguro, justamente porque muda com a mudança da sorte, e persegue a bolsa[70].

43. Por isso está escrito: Tem quem é amigo quando lhe convém, mas não resiste no dia da tribulação (Eclo 6,8). Tire a esperança de ganhar, e logo desaparecerá também o amigo. Esta amizade foi ridicularizada com versos elegantes:

> Não da pessoa, mas da prosperidade é amigo
> aquele que à doce sorte restringe,
> mas aquela amarga coloca em fuga[71].

69. Provérbio *IDEM VALLE ET IDEM NOLLE*, colocado por Salústio na boca de Catilina quando exorta os conjurados, em nome da amizade, a unir-se a ele na rebelião (*CATILINA* 20,4: Ed. A. Ernout, Les Belles Lettres, Paris 1958, p.74). Para um comentário cf. L. F. Pizzolato, *L'IDEA DI AMICIZIA*, pp. 103-105).
70. Cf. SÃO JERÔNIMO, *APOLOGIA CONTRA RUFINO* 1,17 (CCL 79, 15-17). Sobre o modo de pensar de São Jerônimo a propósito de amizade, cf. PIZZOLATO, *L'IDEA*, pp.283-287.
71. O autor deste dístico não foi identificado.

44. E, todavia, aquilo que faz nascer este tipo de amizade viciada conduz frequentemente alguns a certo grau de amizade verdadeira: refiro-me àqueles que no início, em vista de um ganho comum, contraem uma união de confiança recíproca que, sim, permanece baseada no dinheiro iníquo, mas ao menos nas coisas humanas alcançam uma sintonia altíssima e agradável. Porém, esta amizade não pode de algum modo ser considerada verdadeira, dado que nasce e permanece fundamentada apenas na base de uma vantagem temporal.

A amizade espiritual

45. A amizade espiritual de fato, aquela que nós chamamos de verdadeira, é desejada e procurada não porque se intui um ganho qualquer de ordem terrena, não tem uma causa que lhe permaneça externa, mas porque tem valor em si mesma, é desejada pelo sentimento do coração humano, de modo que o "fruto" e o prêmio que dela derivam não são outra coisa que a própria amizade[72].

46. Como diz o Senhor no Evangelho: Eu vos escolhi para irdes e produzirdes fruto, isto é, para que vos ameis reciprocamente (Jo 15,16-17). De fato, é na própria amizade, aquela que é verdadeira, que se progride caminhando, e se colhe o fruto degustando a doçura da sua perfeição. A amizade espiritual nasce entre os bons por uma semelhança de vida, de costumes, de aspirações, e é uma sintonia nas coisas humanas e divinas cheia de benevolência e caridade[73].

72. Cf. *LÉLIO* 31. Cf. também SÃO BERNARDO, *SERMÕES SOBRE O CÂNTICO DOS CÂNTICOS* 83,4: "O amor não tem outra causa que si mesmo, e não tem algum fruto distinto de si: o fruto do amor é aproveitá-lo. Amo porque amo. Amo para amar. Grande coisa é o amor, se, porém, retorna ao seu princípio, se conecta-se à sua origem, se volta a fluir na sua fonte, e sempre dela deriva aquilo que lhe permite seguir seu fluxo sem interrupção" (*OPERA OMNIA*, Ed. Leclerq-Rochais, II, p.300).
73. Cf. CASSIANO, *CONFERÊNCIA* 16,3.

47. Parece-me que esta definição basta para exprimir a ideia de amizade, uma vez que entendemos o termo "caridade" em sentido cristão, tal que se exclua da amizade todo vício, e com "benevolência" entenda-se o mesmo sentimento de amor que experimentamos interiormente juntamente a certa doçura.

48. Onde existe uma amizade deste gênero, lá está certamente "o querer e o recusar as mesmas coisas"; um sentir que é tanto mais doce quanto mais é sincero, tanto mais suave quanto mais é sagrado, a ponto que os amigos não podem nem mesmo querer aquilo que é inconveniente, ou não querer aquilo que é bom.

49. Tal amizade é guiada pela prudência, regida pela justiça, vigiada pela fortaleza, moderada pela temperança[74]. Disto falaremos a seu tempo. Diga-me agora se respondi de modo adequado ao teu primeiro quesito, isto é, o que seja a amizade.

Origem da amizade

50. IVO. Basta-me aquilo que disseste, não me parece ter algo mais para te perguntar. Mas antes de passar a outro ponto, desejo saber como terá nascido a amizade entre as criaturas mortais, se da natureza, ou do acaso, ou de alguma necessidade; se chega-se a praticá-la por um comando ou lei imposta ao gênero humano; e se terá sido a prática que a tornou recomendável.

51. AELREDO. Parece-me que o sentimento de amizade foi, antes de tudo, impresso no ânimo humano pela própria natureza; a experiência depois o desenvolveu; enfim, a autoridade da lei estabeleceu as suas regras[75].

74. Da caridade como soma das quatro virtudes cardeais se fala também em *Jesus aos doze anos* 20, e, sobretudo, no *Espelho* 1, p.89-97.
75. Cf. *Lélio* 27.

A natureza: vocação universal à amizade.

Deus, de fato, que é sumamente bom e potente, é um bem que basta a si mesmo: é Ele o próprio bem, a própria alegria, a própria beatitude[76].

52. Não tem necessidade de nada mais fora de si mesmo, nem de um homem, nem de um anjo, nem do céu, nem da terra, nem de alguma das coisas que neles se encontram; a Ele toda criatura proclama: Tu és o meu Deus, pois não tens necessidade dos meus bens (Sl 15,2). E não apenas Ele basta a si mesmo, mas é também aquilo que constitui a plenitude de todos os seres: dá a alguns a existência, a outros a vida sensorial, a outros ainda a inteligência, e é Ele a causa de tudo aquilo que existe, a vida de tudo aquilo que é sensível, a sabedoria e tudo aquilo que é inteligente.

53. Ele, que é a suma natureza, estabeleceu todas as naturezas, as dispôs com ordem cada uma no seu lugar, e as distinguiu e distribuiu cada uma no seu tempo definido. Mas, porque assim prescrevia a sua mente eterna, quis também que todas as suas criaturas se harmonizassem na paz, se unissem em sociedade, de modo que todas tirassem Dele, que é uno em grau sumo e perfeito, um vestígio qualquer de unidade. Por este motivo não deixou na solidão nenhuma espécie criada, mas reuniu a multidão em uma espécie de sociedade.

54. Se queremos começar pelas coisas insensíveis, perguntamo-nos qual terreno ou qual rio tenha produzido uma única pedra de uma só espécie, ou qual floresta produz uma única árvore de uma só qualidade. Assim, entre as próprias criaturas insensíveis transparece uma espécie de amor de companhia, já que nenhuma destas criaturas está sozinha, mas é criada e mantida em sociedade com qualquer outra da sua espécie.

E como descrever de modo adequado com qual fulgor resplandece nas criaturas sensíveis a imagem da amizade, da companhia, do amor?

76. Cf. *Espelho* 1,4.

55. Enquanto que em todo o resto as criaturas sensíveis se revelam irracionais, sob este aspecto imitam a tal ponto o ânimo humano que parecem ser impulsionadas pela razão. Perseguem-se, brincam entre si, exprimem e manifestam o afeto que as une com movimentos e sons, gozam da recíproca companhia com tal avidez e tanta alegria que parece que não cuidam de outra coisa senão de viver a amizade[77].

56. Também em relação aos anjos a divina sabedoria agiu de modo que não fosse criado um só deles, mas multidões. Entre eles a prazerosa companhia e o amor suavíssimo criou uma mesma vontade, um mesmo afeto, a ponto que nenhum pode se sentir superior ou inferior ao outro, e a caridade da amizade tirou o espaço da inveja. Assim, a multidão eliminou a solidão e a comunhão da caridade aumentou em todos a alegria.

57. Enfim, quando criou o homem, para recomendar com mais força ainda o bem da companhia, disse: Não é bom que o homem esteja só. Vou fazer uma auxiliar que lhe corresponda (Gn 2,18). E a divina potência não formou tal ajuda com material parecido ou igual, mas para expressar de modo mais claro a sua intenção em incentivar a caridade e a amizade, criou a mulher da mesma substância do homem (cf. Gn 2,21-22). É belo que o segundo ser humano tenha sido tirado da costela do primeiro: assim a natureza quis nos ensinar que os seres humanos são todos iguais, quase colaterais, e que nas coisas humanas não há nem superior nem inferior, o que constitui a própria essência da amizade[78].

58. Assim, desde o princípio, a própria natureza imprimiu no espírito humano o desejo da amizade e da caridade, um desejo que o sentimento interior do amor logo intensificou dando-lhe certo gosto de doçura.

77. Cf. *Lélio* 81.

78. Cf. *Lélio* 69. Sobre quanto seja importante, na amizade, considerar-se igual a quem é inferior, cf. também SÃO BERNARDO, *Sermões sobre o Cântico dos Cânticos* 59,2.

- A prática da amizade. Mas depois da queda do primeiro homem, com o esfriamento da caridade, quando subentrou no mundo a cobiça que o levou a preferir o bem privado ao comum, a avareza e a inveja ofuscaram o esplendor da amizade e da caridade, e introduziram nos costumes corrompidos do homem contendas, rivalidades, ódios, suspeitas.

59. Então começaram a distinguir a caridade da amizade, advertindo que o amor era devido também aos inimigos e aos perversos, mas sendo ao mesmo tempo evidente que entre os bons e os maus não podia existir alguma comunhão de vontade e de propósitos. A amizade, que no início era praticada como a caridade, por todos e com todos, permaneceu confinada pela lei natural a poucos bons; estes, vendo como muitos violavam os sagrados direitos da lealdade e da sociedade, uniram-se entre si num pacto mais estreito de amor e de amizade a ponto de encontrar, em meio aos males que viam e sofriam, alívio e paz na graça do amor recíproco.

A lei

60. Porém, também nas pessoas em que a vida malvada tinha cancelado todo sentido de virtude, a razão, que não podia se apagar, deixou nelas a inclinação para a amizade e a companhia, a ponto que as riquezas não podiam agradar ao avaro, ou a glória ao ambicioso, ou o prazer ao sensual, se não houvesse alguém junto a quem desfrutar. Também entre as piores pessoas, de fato, foram estreitos laços detestáveis, que se disfarçaram com o belíssimo nome da amizade, mas que tiveram que ser dela distintos com regras e preceitos, para evitar que, enganados por qualquer semelhança, aqueles que buscavam a amizade verdadeira caíssem imprudentemente na errada.

61. Assim a amizade, criada pela natureza e reforçada pelo uso, foi no final regulamentada pela autoridade da lei.

A amizade e a sabedoria

Portanto, está claro que a amizade é natural como a virtude, como a sabedoria, e como todas aquelas coisas que, por sua bondade natural, são para ser desejadas e praticadas por si mesmas. Todos aqueles que a possuem, pois, sabem fazer dela um bom uso, e ninguém dela abusa[79].

62. IVO. Mas, pergunto-te, será que não são muitos aqueles que abusam da sabedoria, dela tiram motivo para se ostentar diante dos outros[80], se enchem de orgulho pela inteligência recebida, ou dela se servem de modo comercial e desonesto, assim como outros usam a sua piedade para fazer dinheiro?

63. AELREDO. Aqui poderá responder-te o nosso Santo Agostinho, que escreveu: "Quem agrada a si mesmo agrada um estúpido, porque é certamente um estúpido que se agrada a si"[81]. Quem é estúpido não é sábio, e quem não é sábio, não tendo a sabedoria, não sabe de nada. Portanto, como poderia usar mal a sabedoria aquele que sábio não é? Do mesmo modo, uma castidade soberba não é uma virtude, porque a soberba, que é um vício, torna conforme a si aquela que era considerada uma virtude, e por isso esta castidade não é uma virtude, mas um vício.

79. Cf. SANTO AGOSTINHO, *Livre arbítrio* 2,19 (CCL 29, 239).
80. Cf. SÃO BERNARDO, *Sermões sobre o Cântico dos Cânticos* 36, 3-4, no qual se qualifica como *turpis curiositas* a atitude de quem quer conhecer só para saber, *turpis vanitas* aquela de quem quer conhecer para ser conhecido, e denuncia-se como vergonhoso negócio (*turpis quaestus*) o procurar o conhecimento para vendê-lo em troca de dinheiro ou honrarias. São Bernardo afirma, com eficaz metáfora, que uma ciência que não se cozinha no fogo da caridade produz no estômago da memória humores nocivos (Opera Omnia, II, Ed. Leclercq-Rochais, pp. 5-6).
81. Cf. SANTO AGOSTINHO, *Sermão* 47, 9, 13 (CCL 41,584).

64. IVO. Vou dizer-te com franqueza que não me parece lógico que tu tenhas relacionado a sabedoria com a amizade, já que não é possível fazer uma comparação entre as duas.

65. AELREDO. Frequentemente, as coisas pequenas e as grandes, as boas e as melhores, as fracas e as fortes, embora não coincidam, são todavia aproximadas, sobretudo quando se trata de virtude: se é verdade que subsistem entre elas diferenças de grau, existem, porém, algumas semelhanças que as aproximam. Por exemplo, a viuvez é próxima da virgindade, a castidade conjugal é próxima da viuvez, e embora entre estas virtudes haja uma grande diversidade, todavia, justamente porque são virtudes, pode-se estabelecer entre elas alguma relação.

66. A continência conjugal não deixa de ser uma virtude pelo fato que a castidade da viúva esteja em um grau mais alto, e embora a santa virgindade seja ainda melhor, não por isso é eliminada a graça das outras duas. Se prestas bem atenção a quanto eu disse da amizade, acharás que ela é tão próxima da sabedoria, e dela é tão cheia, que poderei afirmar sem temor que a amizade não é senão sabedoria.

67. IVO. Confesso que a coisa me surpreende, e penso que não será fácil convencer-me do que disseste.

68. AELREDO. Esqueceste do que diz a Escritura: Quem é amigo ama sempre? (Pr 17,17). E te lembrarás do que disse o nosso São Jerônimo: "Uma amizade que pode terminar nunca foi uma amizade verdadeira"[82]. Que depois a amizade não possa subsistir sem a caridade, foi demonstrado acima com abundância. Já que na amizade rege o vigor da eternidade, resplende a verdade, e se degusta a doçura da caridade, diga-me se é possível tirar destas três coisas o nome de sabedoria.

82. Cf. SÃO JERÔNIMO, *Lettere*, 3,6, já citado na nota 13.

Deus é amizade?

69. IVO. Que discurso é este? Posso então dizer da amizade aquilo que São João, o amigo de Jesus, disse da caridade, ou seja, que Deus é amizade? (1Jo 4,16).

70. AELREDO. Na verdade, a expressão é inusitada e não tem a autoridade da Escritura. Mas não hesito a aplicar à amizade a frase que segue, e que São João disse da caridade: Quem permanece na amizade, permanece em Deus, e Deus nele (Cf. 1Jo 4,16). Isso ficará ainda mais claro quando começarmos a falar dos frutos e da utilidade da amizade. Agora, se por aquilo que pode fazer a minha pouca inteligência, disse bastante sobre o que é a amizade, adiamos a outro tempo o exame dos outros pontos que me pediste para analisar.

71. IVO. Embora, pela ânsia que tenho por escutar-te, este adiamento causa-me muito incômodo, somos obrigados a concluir, seja porque é hora do jantar, ao qual não podemos faltar, seja porque a espera de todos aqueles a quem deves dar ti mesmo seria pesada demais

SEGUNDO LIVRO
Vantagens e limites da amizade

Preâmbulo: Aelredo e Walter

1. AELREDO. Agora te aproxima, irmão, e, enquanto eu falava de negócios mundanos com gente do mundo, diz-me por qual motivo estavas sentado sozinho, um tanto longe de nós, e agora olhavas para um lado e para o outro, depois passavas a mão na testa, ou mexias no cabelo com os dedos, e às vezes mostravas na face o incômodo por algo que não era segundo os teus gostos, manifestando a tua desaprovação com o frequente mudar do teu aspecto.

2. WALTER. É exatamente como dizes. Como se pode ficar calmo por todo o dia quando se vê que certos inspetores do faraó (cf. Ex 5,14) gozam abundantemente da tua companhia, enquanto que nós, a quem deves uma particular dedicação, não conseguimos ter nem mesmo um breve colóquio contigo.

3. AELREDO. Devemos também tratar com aqueles que podem procurar-nos alguns benefícios ou criar-nos alguns problemas. Mas, agora que finalmente foram embora, a solidão me chega tanto mais agradável quanto mais insuportável era a agitação de antes. De fato, "a fome é um ótimo tempero do alimento"[83], nem o mel ou qualquer outra especiaria torna o vinho tão saboroso quanto uma sede violenta torna desejável a água. Esta

83. O aforismo se encontra em *Memorabilia* de Xenofonte (1,3,5): cf. MARBODO DE RENNES, *Proverbi* in: PL 171, 1736C, e WALTHER, H., *Proverbia Sententiaeque Latinitatis Medii Aevi*, I, Göttingen, 1963, p. 356.

nossa conversa, portanto, será para ti como um alimento ou uma bebida espiritual, tanto mais agradável quanto mais ardente foi o desejo que a precedeu. Então coragem, e não hesite em tornar público aquilo que há pouco tu preparavas para sair do teu coração agitado.

4. WALTER. Certo que o faço. De fato, se me colocasse a lamentar porque a hora que aqueles nos deixaram é muito breve, torná-la-ia ainda mais breve. Então me diga, peço-te, se esqueceste ou se ainda lembras aquilo que uma vez disseste tu e Ivo a propósito da amizade espiritual: quais perguntas tinha feito a ti, em que ponto estava o desenrolar dos problemas, e o que deixaste escrito sobre o assunto.

5. AELREDO. A lembrança do querido Ivo, ou melhor, o abraço constante do seu afeto me está sempre tão presente que, embora agora nos tenha sido tirado, tendo tido que pagar à natureza o seu tributo, no meu coração nunca morreu. Lá está sempre comigo; lá me vejo esplender diante da intensidade espiritual do seu rosto; lá sorri para mim a doçura dos seus olhos; lá as suas palavras cheias de alegria me dão tal gosto que me parece ou ter passado com ele no paraíso ou que ele ainda está conversando comigo nesta terra. Porém, sabes que se passaram muitos anos desde quando perdi aquele breve compêndio no qual tinha fixado as suas perguntas e as minhas respostas a propósito daquela amizade espiritual[84].

6. WALTER. Não ignoro tudo isso, mas para dizer a verdade, toda a minha avidez e a minha impaciência nascem justamente do fato que – como me disse alguém – aquele compêndio foi encontrado e foi-te entregue há três dias. Mostra-o, peço-te, ao teu discípulo; o meu coração não terá paz até que, depois de ter lido toda aquela discussão e visto aquilo que nela faltava, poderei submeter ao exame da tua paterna atenção aquilo que ou a

84. O Livro I, em que Aelredo dialoga com Ivo de Wardon, remonta a 1143. A retomada, com troca de interlocutores (Walter e Graziano) e de sede (Rievaulx) é colocada entre 1160 e 1163.

minha mente ou uma inspiração secreta me sugerir para perguntar-te: assim tu poderás dizer se discordas ou se concordas, ou então explicar os pontos que precisam.

Vantagens da amizade

7. AELREDO. Farei segundo o teu desejo. Porém, quero que tu leias sozinho aquilo que escrevi, e que não o tornes público, porque poderei considerar que existem algumas coisas para tirar, outras para acrescentar, e certamente muitos pontos para corrigir[85].

* * *

8. WALTER. Estou aqui com os ouvidos abertos para escutar as tuas palavras, tanto mais ávido de saber quanto mais doce foi o gosto pelas coisas que li sobre a amizade. Então, uma vez que já li quanto tu magnificamente expuseste sobre a natureza da amizade, gostaria que me dissesses que vantagens ela traz a quem a cultiva. De fato, trata-se de como demonstraste com motivações irrefutáveis de uma coisa de grande importância: então, será tanto mais veemente o desejo que nos estimulará a procurá-la quanto melhor conheceremos o fim e os frutos dela.

9. AELREDO. Não presumo conseguir te dar uma explicação que esteja à altura de um bem tão grande: nas coisas humanas, de fato, nada podemos desejar de mais santo, nada se pode procurar que seja mais útil, nada é mais difícil de encontrar, nada se pode experimentar de mais doce, nada é mais rico de frutos. De fato, a amizade[86] traz os seus frutos na vida presente e naquela futura (cf. 1Tm 4,8).

85. O modo de exprimir-se de Aelredo faz pensar que, a este ponto, o diálogo do Livro I, por ele chamado de "*SCHEDULA*" ("pequena ficha"), estava numa forma só esboçada, ainda não publicável. É uma ulterior confirmação do seu método compositivo. Além disso, deve-se supor que entre as falas introdutivas (nn. 1-7) e a retomada do diálogo (n.8) tenha transcorrido um certo lapso de tempo para permitir a Walter ler o "compêndio" apenas encontrado.

86. Temos aqui um dos casos (o mais famoso é o "Quem permanece na amiza-

10. Ela tempera com a sua suavidade todas as virtudes, sepulta os vícios com a sua força, adoça as adversidades, modera a prosperidade, de modo que sem um amigo quase nada entre as criaturas humanas pode ser fonte de alegria[87]. Um homem sem amigos é como um selvagem, pois não tem quem se alegre com ele quando as coisas lhe estão bem, ou dividir a sua tristeza nos momentos de dor; falta-lhe alguém com quem desabafar quando a mente recebe alguma luz fora do comum.

11. Ai daquele que é só, porque se cai não tem quem o levante (Ecl 4,10). Está na solidão mais total aquele que não tem amigos.

E, ao contrário, que felicidade, que segurança, que alegria ter alguém "com quem tu tenhas a liberdade de falar como a ti mesmo"[88], alguém com quem poder confiar sem temor os teus erros, alguém a quem poder revelar sem vergonha os teus progressos na vida espiritual, alguém a quem confiar todos os segredos e os projetos do teu coração! O que pode ter de mais alegre que a união de uma alma com outra, de dois que se tornam um a ponto que desaparece o medo da prepotência, ou o temor induzido pelo suspeito, e a correção de um não faz sofrer o outro, e o louvor não pode ser tomado como adulação?

12. Um amigo, diz o Sábio, é um remédio para a vida (Eclo 6,16). Excelente, realmente! De fato não há, em tudo quanto possa nos acontecer nesta vida, remédio melhor, mais válido ou mais eficaz para as nossas feridas, que ter um amigo que divida conosco os momentos de sofrimento e os momentos de alegria, carregando, como diz o Apóstolo, os fardos uns dos outros (Gl 6,2).

13. Portanto, a amizade "torna mais esplendida a boa sorte e mais leve as adversidades dividindo-as e colocando-as em

de permanece em Deus e Deus nele", em 1,70) no qual Aelredo alarga o sentido da Escritura para adaptá-la ao seu discurso. O texto de 1Tm 4,8 de fato recita: *A PIEDADE É ÚTIL A TUDO, LEVANDO CONSIGO A PROMESSA DA VIDA PRESENTE COMO DAQUELA FUTURA.*

87. Cf. *LÉLIO* 86: "Sem a amizade não há vida".
88. Cf. *LÉLIO* 22.

comum"[89]. Realmente, o amigo é um remédio excelente para a vida.

Sobre isto concordam também os pagãos, para os quais "muito frequentemente servimo-nos mais do amigo do que da água e do fogo"[90]. Em toda ação, em todo projeto, nas certezas e nas dúvidas, em qualquer acontecimento, em qualquer ocasião, em segredo e em público, quando temos necessidade de um conselho, em casa e fora, em qualquer lugar a amizade dá prazer, o amigo é necessário, e preciosa a sua ajuda. Os amigos, como diz Cícero, "estão presentes mesmo que estejam ausentes, são ricos mesmo que pobres, são fortes mesmo que fracos, e, coisa ainda mais difícil, embora mortos, vivem"[91].

14. Portanto, a amizade é a glória de quem é rico, a pátria de quem está em exílio, a riqueza de quem é pobre, o remédio de quem está doente, a vida de quem está morto, a graça de quem está saudável, a força de quem está fraco, o prêmio de quem está forte. Esta é a honra, a recordação, o apreço e o lamento que acompanha os amigos, que a vida deles nos aparece como digna de louvor, e a sua morte preciosa[92]. Mas existe ainda uma coisa que supera todas as anteriores: a amizade está a um passo da perfeição, que consiste no amor e no conhecimento de Deus[93], de modo que um homem, em virtude da amizade que tem para com outro homem, torna-se amigo de Deus, segundo quanto diz o Senhor no Evangelho: Não vos chamo mais servos, mas meus amigos (Jo 15,15).

15. WALTER. Reconheço que as tuas palavras me comovem a tal ponto e acendem na minha alma um desejo de amizade

89. Cf. *LÉLIO* 22.
90. Cf. *LÉLIO* 22.
91. Cf. *LÉLIO* 23.
92. Toda a frase está construída com elementos tirados de *LÉLIO* 23.
93. Note-se que Aelredo faz preceder o amor ao conhecimento de Deus. Trata-se, na realidade, de um círculo: ama-se aquilo que se conhece, e se conhece aquilo que se ama. A ordem indicada, porém, pela sequencia expressa aqui, resulta mais congruente, além de acentuar, com uma forte conotação experiencial, o aspecto afetivo da fé.

total a ponto de acreditar que não conseguirei viver se me faltarem a riqueza de frutos de um bem tão grande. Mas gostaria que explanasse mais amplamente esta última coisa que disseste, e que me sequestrou num encanto absoluto, quase me arrancando da realidade terrena: ou seja, que a amizade constitui o degrau mais alto rumo à perfeição.

Entra Graziano

16. E é uma sorte que tenha entrado justamente neste momento Graziano, ele que com razão poderia ser chamado de discípulo da amizade, dado que o seu máximo empenho é aquele de "ser amado e amar"; é bom que esteja aqui, para que não lhe aconteça que, ávido demais como é de amizade, e enganado por aquilo que é só uma aparência dela, tome por verdadeira uma amizade que é falsa[94], por sólida uma que é frágil, por espiritual uma que é só carnal.

17. GRAZIANO. Agradeço-te pela tua cortesia, irmão, já que me concedes tomar parte neste convite espiritual, mesmo não tendo sido chamado, ao contrário, tendo-me inserido no discurso de vocês sem nem mesmo pedir licença. Devo admitir que, se me chamaste seriamente, e não por brincadeira, de discípulo da amizade, deveria ter sido convidado aqui desde o princípio da conversa, e assim não teria sido constrangido a trair a minha avidez, superando o meu natural pudor. Mas tu, pai, continua a tua exposição, e coloca sobre a mesa algo para mim: embora não poderei saciar-me como Walter, que depois de ter devorado quem sabe quantos pratos, agora faz o melindroso e

94. O leitor não demorará a reconhecer, no modo com o qual Walter introduz Graziano, precisos ecos verbais de como Aelredo fala de si mesmo no Prólogo, 8. A mesma coisa tinha-se notado a propósito de Ivo (1,7-8). É a tradução em nível linguístico de um princípio básico da doutrina aelrediana: a amizade ou encontra ou torna iguais.

parece querer me oferecer só os seus restos, terei ao menos do que me refrescar um pouco.

A amizade como degrau rumo a Deus

18. AELREDO. Não tenha estes medos, filhinho, porque sobre o bem da amizade restam ainda tantas coisas para dizer que, se um sábio qualquer quisesse prosseguir o discurso, perceberias que o quanto eu disse até aqui não é nada. Agora considera brevemente de que modo a amizade constitui um degrau que leva ao amor e ao conhecimento de Deus. Na verdade, na amizade nada pode existir de desonesto, nada que seja fingido ou simulado, nela tudo é santo, espontâneo e verdadeiro[95]. Tudo isto é próprio também da caridade.

19. A qualidade particular da amizade brilha no fato de que entre aqueles que estão unidos no vínculo da amizade tudo é fonte de alegria, tudo dá uma sensação de segurança, de doçura, de suavidade. Em nome da caridade perfeita nós amamos muitos que nos são de peso e nos fazem sofrer: ocupamo-nos deles com toda honestidade, sem fingimentos ou simulações, mas com sinceridade e boa vontade, e, porém, não os admitimos na intimidade da nossa amizade.

20. Ao contrário, na amizade reúnem-se a honestidade e a suavidade, a verdade e a alegria, a doçura e a boa vontade, o sentimento e o agir. Todas estas coisas iniciam em Cristo, mediante Cristo amadurecem, e em Cristo alcançam a perfeição. Portanto, não parece inacessível demais nem antinatural o caminho que partindo de Cristo, que inspira em nós o amor com o qual amamos o amigo, sobe rumo a Cristo que nos oferece a si mesmo como amigo a amar: assim se acrescenta encanto a encanto, doçura a doçura, afeto a afeto.

95. Cf. *LÉLIO* 26.

Vários tipos de amizade: os três beijos

21. Portanto, o amigo que no espírito de Cristo entra em sintonia com outro amigo, torna-se com ele um só coração e uma só alma (At 4,32), e assim, subindo juntos pelos diversos degraus do amor até a amizade de Cristo[96], torna-se um só espírito com ele num único beijo[97]. Este era o beijo que uma alma santa ansiava quando dizia: Beija-me com o beijo da sua boca (Ct 1,2).

22. Consideremos agora as características deste beijo carnal, para poder passar das coisas carnais àquelas espirituais, das humanas àquelas divinas. A vida do homem sustenta-se com dois alimentos: a comida e o ar. Sem a comida pode-se sobreviver por um pouco, mas, sem o ar, nem mesmo uma hora. Para viver, com a boca inspiramos o ar e o expiramos. E aquilo que é inspirado ou expirado chamamos "espírito" ou respiração[98].

23. Por isso dizemos que em um beijo duas respirações se encontram, se misturam e se unem. Daqui nasce uma íntima sensação de prazer que estimula o sentimento daqueles que se beijam e os une um ao outro.

24. Portanto, existe um beijo corporal, um beijo espiritual, e um beijo intelectual[99]. O beijo corporal se faz unindo os lábios, o

96. A imagem da escada, aqui usada só pelo seu significado ascendente, retornará em 3,127 para indicar um movimento entre dois polos numa espécie de gangorra: cria-se, com efeito, uma circularidade vital entre o amor pelos amigos e o amor por Cristo, entre o desejo estimulado por aquilo que se experimenta na amizade e que impulsiona a subir, e a necessidade de experiência concreta de afeto para dar substância ao desejo.

97. Cf. a *Regra das reclusas*: "Quem adere a Deus se torna um só espírito com Ele, e passa naquele Uno que é sempre idêntico a si, e vive em anos que não terão fim. Esta adesão é a caridade" (26). Também neste trecho reaparece em oblíquo a imagem da escada: o convite é subir a partir das imagens da escada (aquelas do Crucificado, sinal do amor, e de Maria e João, emblemas da virgindade) à "realidade" do Uno.

98. O latim tem só "*spiritus*". Em português podemos traduzir por "respiro" ou "sopro" em vista da conotação original.

99. Preferiu-se traduzir à letra o termo latino *intellectuale*, embora ocorra talvez recordar que o adjetivo qualifica o amor mais alto, e que ele combina os significados de "espiritual" (enquanto oposto a "material"), e de "intuitivo"

beijo espiritual unindo as almas, o beijo intelectual com a infusão da graça mediante o Espírito de Deus.

- O BEIJO CORPORAL.

O beijo corporal deve ser dado e recebido só em certas condições que o tornam honesto: por exemplo, como sinal de reconciliação, quando dois que antes eram inimigos se tornam amigos; como sinal de paz, quando aqueles que estão para comungar na igreja exprimem externamente com o beijo a paz que têm no coração; como sinal de amor entre o esposo e a esposa, ou então entre amigos que se encontram depois de uma longa ausência; como sinal da unidade católica, como se costuma fazer quando se recebe um hóspede.

25. Mas como muitos usam coisas boas por natureza – como a água, o fogo, o ferro, a comida e o ar – para fazer delas instrumento da própria crueldade ou do próprio prazer, assim pessoas perversas e maldosas servem-se deste bem, querido pela lei natural para exprimir as coisas que dissemos, para amenizar de algum modo os seus delitos, sujando o próprio fato de beijar de modo tão vergonhoso que um beijo do gênero não é mais que um adultério. Toda pessoa honesta percebe o quanto é detestável e odioso um beijo semelhante, que deve ser evitado e recusado.

- O BEIJO ESPIRITUAL.

26. Vem agora o beijo espiritual, característico daqueles amigos que estão ligados por uma mesma lei de amizade.

Não é um contato da boca, mas um sentimento do coração[100]; não é um unir dos lábios, mas um fundir dos espíritos, e o Espírito de Deus torna tudo casto e ali permeia com a sua presença o gosto das realidades celestes. Não acharia inconveniente chamar

(enquanto oposto a "racional" ou "fruto de argumentação"). Como tal, e considerando também a explicação que dele dá o próprio Aelredo, ele indica o ímpeto que introduz no mistério e na paz sem limites de Deus, e é praticamente sinônimo de "místico", termo que foi escolhido na mais recente tradução francesa aos cuidados de G. de Briey.

100. Cf. *Espelho* 1, 109, no qual Aelredo usa a mesma expressão para descrever o afeto que o unia a Simão.

este beijo de o beijo de Cristo, porque é Ele quem o dá, não diretamente com a sua boca, mas com aquela do amigo, e é Ele que inspira naqueles que se amam aquele santíssimo afeto que os faz sentir unidos ao ponto de parecer a eles que em corpos diversos habite uma só alma, o que lhes faz dizer com o profeta: Como é bom e alegre que os irmãos vivam unidos (Sl 132,1).

- O BEIJO INTELECTUAL.

27. Então, a alma habituada a este beijo, não duvidando que toda esta doçura vem de Cristo, encontra-se a refletir e a dizer: "Oh, se Ele viesse em pessoa"! E assim aspira ao beijo intelectual, e com todo o ardor do desejo exclama: Beija-me com um beijo da tua boca (Ct 1,2). Então, acalmados os afetos terrenos, e aplacados os afanos e os desejos deste mundo, encontrarei a minha alegria só no beijo de Cristo, repousarei no seu abraço, e direi à completa felicidade: A tua esquerda me sustenta a cabeça, e a tua direita me abraça (Ct 2,6).

28. GRAZIANO. Uma amizade assim não me parece exatamente popular[101], nem se assemelha àquela que nós comumente imaginamos. Não sei o que pensas disto Walter; da minha parte sempre considerei que a amizade não seja outra coisa que uma identidade de vontades entre duas pessoas, de modo que um não quer aquilo que não quer o outro[102], mas que exista uma tal sintonia na boa e na má sorte que aquilo que um possui – vida, riqueza, honra ou qualquer outra coisa –, seja dividido com o outro para que use ou abuse segundo o seu desejo.

29. WALTER. Lembro ter aprendido coisas muito diversas desde o primeiro diálogo: foi justamente a definição de amizade que lá foi dada e comentada que me suscitou um desejo veemente de voltar a examinar tudo com maior profundidade,

101. O latim *POPULARIS*, tomado à letra na tradução, significa antes de tudo "difuso, comum", mas pode também adquirir um sentido negativo, referindo-se a coisas "banais, de pouco valor". É provável que Graziano compreenda ambos os significados, e destaque a raridade e ao mesmo tempo a dificuldade do tipo de amizade proposto por Aelredo.

102. Cf. SALLUSTIO, *LA CONGIURA DI CATILINA* 20,4.

para ver quais frutos ela produz. Já que sobre isto sabemos o bastante, devemos agora nos propor a determinar quais são os limites da amizade e até onde ela pode chegar, também porque existem opiniões diferentes a propósito. De fato, existem alguns que consideram dever ajudar o amigo também contra a lealdade[103], contra a honestidade, contra o bem comum ou privado. Outros consideram que, feita exceção para a lealdade, todo o resto é permitido[104].

30. Outros ainda pensam que, pelo amigo, deve-se desprezar o dinheiro, recusar as honras, sofrer a inimizade dos potentes, aceitar também o exílio, se for o caso, e até mesmo perder a face em ações vergonhosas e desonestas, desde que daí não venha um dano à pátria ou não se arruíne um terceiro contra o lícito. Há também quem põe nisto a meta da amizade: experimentar pelo amigo os mesmos sentimentos que alguém experimenta por si mesmo.

31. Outros acreditam satisfazer as exigências da amizade retribuindo toda vez o favor ou o serviço recebido pelo amigo[105]. Esta nossa conversa convenceu-me suficientemente que não se pode aceitar nenhuma destas opiniões. Por isso, peço-te para fixar para a amizade alguns confins que sejam certos, sobretudo para o nosso Graziano, para que não aconteça que, querendo ser,

103. O termo "lealdade" é uma tentativa de traduzir o latim *FIDES*, cuja área semântica é principalmente fluida, e compreende também a "fidelidade" e a "fé". Não está bem claro se se trata de honestidade consigo mesmo e/ou nos confrontos de pessoas ou instituições com as quais se assumiram alguns compromissos. Já que no contexto Aelredo depende de Cícero, o sentido mais provável pareceu aquele de "lealdade" (cf. PIZZOLATO, *L'IDEA DI AMICIZIA*, p.124). Não penso que se possa entender a "fé" no sentido religioso, embora este seja um caso típico em que o uso de termos da literatura clássica em contexto cristão põe sérios problemas de interpretação (cf. HYATTE, R. *THE ARTS OF FRIENDSHIP*, pp. 39-40). Os tradutores modernos revelam uma notável incerteza nas escolhas: "bonne foi" (DUBOIS, p.67), "fedeltà" (GAPAROTTO), "faith" (LAKER, M. E.), "foi" (DE BRIEY).

104. Cf. *LÉLIO* 61.

105. Estas duas últimas opiniões são referidas por Cícero, que as recusa, em *LÉLIO* 56.

como diz o seu nome, "gracioso", termine tornando-se imprudentemente "vicioso".

32. GRAZIANO. Agradeço-te pela solicitude que te prende a mim; poderia também restituir-te logo o favor, se não me impedisse a sede de aprender. E então escutemos juntos qual pode ser a resposta às tuas perguntas.

33. AELREDO. Um limite preciso para a amizade foi colocado pelo próprio Cristo, quando disse: Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida pelos amigos (Jo 15,13). Eis até onde deve chegar o amor entre os amigos: que estejam dispostos a morrer um pelo outro. Basta a vocês?

34. GRAZIANO. Já que não pode existir amizade maior, por que não bastaria?

35. WALTER. Diremos, então, que se uns bandidos ou uns pagãos estão tão de acordo em cometer crimes e avarias até estarem dispostos a morrer um pelo outro, estes chegaram ao ápice da amizade?

36. AELREDO. Nem mesmo em sonho: não pode haver amizade entre bandidos.

37. GRAZIANO. Explica-nos, então, peço-te, entre quais pessoas a amizade pode nascer e ser preservada.

Entre quem pode nascer a amizade

38. AELREDO. Conseguirei rapidamente. Ela pode nascer entre os bons[106], progredir entre os melhores, alcançar a perfeição entre os perfeitos. Quando alguém se agrada propositadamente em fazer o mal, ou propõe a gente honesta coisas desonestas, quando prefere o prazer à pureza, a temeridade à moderação, a adulação à correção, como poderá este apenas aspirar à amizade, a partir do momento em que ela nasce da estima pela virtude?[107]

106. Cf. *Lélio* 18.

107. Cf. *Lélio* 37: "A partir do momento que a fama de virtude alcançou a

Seria difícil, ou melhor, impossível, aproveitar só os inícios se não se conhece a fonte de onde ela brota.

39. É um amor sujo, e indigno do nome de amizade, aquele que exige algo de perverso do amigo que, não tendo ainda acalmado e eliminado os seus vícios, é impulsionado pela necessidade de fazer qualquer coisa ilícita que lhe seja proposta ou imposta. Por isso, é decididamente recusada a opinião daqueles que consideram que se pode fazer pelo amigo qualquer coisa que seja contra a honestidade ou a lealdade.

40. Não existe nenhuma desculpa para o pecado, ainda que tenha sido feito por amor de um amigo.

O nosso pai Adão teria feito muito melhor reclamando da mulher pela sua presunção do que a agradando ao apropriar-se daquilo que era proibido (cf. Gn 3,6). Os servos do rei Saul foram muito mais fiéis ao seu senhor recusando executar a sua ordem para derramar sangue do que Doeg, o edomita, que, fazendo-se interprete da crueldade do rei, matou com mão sacrílega os sacerdotes do Senhor (cf. 1Sam 22,17-18). Também Jonadab, o amigo de Amnon, teria feito melhor impedindo o amigo do incesto do que lhe indicando como apoderar-se daquilo que desejava (cf. 2Sam 13,3-5).

41. Nem a virtude da amizade pode desculpar os amigos de Absalão que, unindo-se a ele na rebelião, pegaram em armas contra a pátria (cf. 2Sam 15,12-13). E para falar de coisas contemporâneas a nós, fez muito melhor Otão, Cardeal da Igreja romana, afastando-se de Guido, que lhe era muito amigo, do que Giovanni, que aderiu a um cisma tão grave pela amizade que o unia a Otaviano[108]. Portanto, vejam que a amizade não pode subsistir se não entre quem é bom.

amizade, é difícil que a amizade permaneça se nos afastamos da virtude".

108. Trata-se do cardeal Otaviano que, com a morte de Adriano IV em 1159, foi eleito antipapa com o nome de Vítor IV, tendo o apoio do Imperador Frederico I, contra o Papa legítimo Alexandre III, apoiado, dentre outros, pelos cistercienses. A intervenção de Aelredo teve um destaque decisivo para convencer o Rei Henrique II da Inglaterra a ficar do lado de Alexandre (cf. GRILL,

42. WALTER. Mas então, o que temos a ver com a amizade, nós que bons não somos?

43. AELREDO. Quando digo "bom" não pretendo dar à palavra um sentido tão preciso como os que consideram bom somente aquele que alcançou a perfeição. Digo que é bom aquele homem que, segundo as capacidades da nossa natureza mortal[109], vivendo neste mundo com sobriedade, justiça e piedade (Tt 2,12), não pede nada de desonesto a alguém nem se presta a fazer o mal, se o pedirem[110]. Entre pessoas assim não hesito em dizer que a amizade pode nascer, conservar-se e alcançar a perfeição.

44. Mas aqueles que, desde que seja respeitada a fidelidade [ao amigo] e seja evitado um dano à pátria ou uma lesão do direito do outro[111], se prestam a agradar as vontades dos seus amigos, não os chamarei bobos, mas principalmente doidos: têm respeito pelos outros, mas não por si mesmos; se dão trabalho pela reputação dos outros, e desgraçadamente colocam em risco a própria.

A amizade entre solicitude e ânsias

45. WALTER. Quase estou de acordo com aqueles que dizem que precisa proteger-se da amizade, porque comporta inúmeras ânsias e preocupações, não está privada de temores, e arrasta

L. *Das Wirken des Abtes Aelred Von Rievaulx für Papst Alexander III, bei König Heinrich II, Von England, in Citeaux* 18, 1967, p. 370-384). Os outros cardeais evocados são: João de S. Martino, Guido de Crema (que em 1164 sucederá como antipapa a Vitor com o nome de Papa Pasqual III) e Otão que, depois de sustentado Guido, o abandonou para voltar à obediência do papa legítimo. O tratado de Aelredo deve, portanto, ter sido composto entre abril de 1164 e janeiro de 1167 (cf. Dubois, p. XCII).

109. Aelredo segue *Lélio* 18, no qual Cícero mostra tomar distância de certo rigorismo e perfeccionismo estoico.

110. *Lélio* 40.

111. Cf. *Lélio* 39. Sobre o sentido de *fides* (lealdade) que ocorre aqui se veja acima a nota 63.

consigo não poucos sofrimentos[112]. Uma vez que já basta que cada um cuide de si mesmo, é imprudente, dizem, unir-se a outros a ponto de envolverem-se em uma série de ânsias, aflições e incômodos[113].

46. Além disso, consideram que nada seja mais difícil que conservar a amizade até os últimos instantes da vida[114] e, por outro lado, seria muito feio iniciar uma amizade para depois revirá-la no seu contrário. Por isso pensam que seja mais seguro amar sim uma pessoa, mas com a possibilidade de poder odiá-la se e quando se quer: em suma, "ter soltas as rédeas da amizade de modo a poder puxar ou afrouxar à vontade"[115].

47. GRAZIANO. Teremos trabalhado exatamente para nada, tu a falares e nós a escutar, se o nosso desejo de amizade se esfriasse com tanta facilidade, depois que tu de muitas maneiras recomendaste a nós o fruto dela como coisa extremamente útil e santa, tão agradável a Deus e sumamente próxima da perfeição. Deixemos aquela opinião para quem deseja amar hoje de modo a ser livre de odiar amanhã; para quem quer ser amigo de todos sem ser fiel a ninguém; que hoje está pronto ao louvor e amanhã ao insulto; hoje a amenizar e amanhã a morder; que um dia presenteia beijos e no dia seguinte distribui insultos: este amor se compra por pouquíssimo e basta uma ofensa de nada para fazê-lo desaparecer.

48. WALTER. Pensava que as pombas fossem privadas de fel. De qualquer modo, explica-nos como se pode refutar esta opinião que desagrada tanto a Graziano.

112. Walter resume nesta sua intervenção a posição dos estoicos: cf. Sêneca, *Carta a Lucílio* 9,1. Para uma apresentação sintética da doutrina estoica sobre a amizade cf. PIZZOLATO, L. F. *L'idea di amicizia*, pp. 80-88 (estoicismo antigo), pp. 106-128 (estoicismo de meio e Cícero), pp. 157-177 (Sêneca e o estoicismo novo).

113. Cf. *Lélio* 45.

114. Cf. *Lélio* 33.

115. Cf. *Lélio* 45.

49. AELREDO. Existe uma magnífica resposta de Cícero: "Tiram o sol do mundo aqueles que tiram a amizade da vida, já que de Deus não temos nada melhor, nada que nos torne mais felizes"[116]. Não é nada sábio recusar a amizade para evitar as preocupações e as ânsias e libertar-se dos medos, como se existisse alguma virtude que possa ser conquistada e conservada sem labuta[117]. Será que em ti a prudência consegue lutar contra os erros, ou a temperança contra a luxúria, ou a justiça contra a malícia, ou a fortaleza contra a ociosidade, sem que tu devas fazer uma grande labuta?

50. Diga-me quem, sobretudo na adolescência, consegue conservar a sua pureza, ou frear o instinto que se diverte atrás de tantas vontades, sem um grande sofrimento e um temor constante? Teria sido louco São Paulo, que não quis viver livre do cuidado e da solicitude pelos outros, mas, impulsionado pela caridade, que era para ele a máxima virtude, foi fraco com os fracos, e se contorcia com quem sofria escândalo (cf. 2Cor 11,28-29). E mais, tinha no coração uma grande tristeza e uma pena contínua por aqueles que eram os seus irmãos segundo a carne (cf. Rm 9,2-3).

51. Deveria abandonar a caridade se queria viver sem tantas dores e medos, ora para dar à luz de novo àqueles que tinha gerado (cf. Gl 4,19); ora acariciando como uma babá, ora chamando atenção como um mestre (cf. Col 1,28); ora com o medo que a mente deles pudesse se corromper e se afastar da fé (cf. 2Cor 11,3); ora estimulando à conversão com grande dor e muitas lágrimas (cf. 2Cor 2,4), ora chorando sobre aqueles que não queriam se converter (cf. 2Cor 12,21). Portanto, vejam como no final trabalham para eliminar do mundo as virtudes aqueles que querem tirar do meio a fatiga que as acompanha.

116. Cf. *Lélio* 47: Aelredo substitui com "Deus" aqueles que no texto de Cícero eram "os deuses imortais".
117. Cf. *Lélio* 48. Cf. também AGOSTINHO, *A cidade de Deus* 19,8 (CC 48, 672-673).

52. Será que foi louco Cusai, o araquita, quando fiel até o fim à amizade que tinha por Davi, preferiu a ânsia à tranquilidade e escolheu dividir o sofrimento do amigo mais do que mergulhar nas alegrias e nas honras oferecidas pelo parricida? (cf. 2Sam 16,16-19;17,5-16). Considero que não sejam homens, mas animais, quantos pensam que o ideal seja viver sem ter que consolar ninguém, sem ser peso ou causa de dor para alguém; sem tirar alegria alguma do bem dos outros, nem amargá-los com os próprios erros; estando bem atentos a não amar ninguém, e não se cuidando para ser amado por alguém.

53. Não sonho nem mesmo em pensar que realmente amam aqueles que julgam a amizade um negócio[118]: dizem-se amigos, mas só com os lábios, quando lhes sorri a esperança de alguma vantagem material, ou quando procuram fazer do amigo um instrumento para alguma infâmia.

Falsas e verdadeiras amizades

54. WALTER. Já que é certo que muitos se deixam enganar por aquela que é só uma aparência de amizade, mostra-nos, peço-te, quais amizades devemos evitar, e quais, ao contrário, desejar, cultivar e conservar.

55. AELREDO. Uma vez estabelecido que a amizade não possa subsistir se não entre os bons, deveria ser fácil para ti ver com clareza que não se deve aceitar alguma amizade que não convenha a quem é bom.

56. GRAZIANO. Mas acontece que ao discernir aquilo que convém daquilo que não convém nós nos perdermos na neblina.

57. AELREDO. Farei como quiserem, e direi brevemente, entre as amizades que nos apresentam, quais se devem evitar. Existe uma amizade infantil, suscitada por um sentimento

118. Cf. *Lélio* 79, e CASSIANO, *Conferências* 16,28 (pp. 246-247).

vagabundo e caprichoso: oferece-se a qualquer um que passe ao lado, não conhece razão, nem ponderação, nem medida; não avalia nem a utilidade que pode oferecer nem o dano que pode causar. Este sentimento por um pouco perturba com veemência, cria um laço muito estreito e atrai de modo sedutor. Mas o sentimento sem a razão é um movimento puramente animal, pronto a qualquer manifestação ilícita, ou melhor, incapaz de distinguir entre lícito e ilícito. E se é verdade que para a maioria de nós o sentimento precede a amizade, todavia, devemos segui-lo só na condição de que a razão o guie, a honestidade o modere e a justiça o dirija[119].

58. De consequência, esta amizade, que temos chamado de infantil – porque é sobretudo nas crianças que domina o sentimento –, é instável, não confiável e sempre misturada a afeições impuras, e deve ser evitada de todos os modos por aqueles que são fascinados pela doçura da amizade espiritual. Esta não é uma amizade, mas é principalmente o veneno da amizade, dado que nela não se pode conservar nunca a justa medida daquele amor que une uma alma a outra, mas aquela veia secreta de honestidade que ela também possui é encoberta e corrompida pela fumaça que se levanta pela concupiscência carnal; assim, abandonado, o espírito é arrastado para os desejos da carne[120].

59. Por estas razões a amizade espiritual deve ter como base inicial a pureza da intenção, o magistério da razão e o freio da temperança: o sentido do prazer intenso que se acrescentará a estas coisas será certamente experimentado como doçura, sem por isso cessar de ser um afeto ordenado.

Outro tipo de amizade é aquela que une os malvados pela semelhança dos comportamentos: desta não falo mesmo, porque, como já disse, não é nem mesmo digna do nome de amizade[121].

119. Todo o parágrafo retoma quanto foi escrito em *Espelho* 3,54.
120. Cf. AGOSTINHO, *Confissões* 3,1,1.
121. Cf. *Amizade* 1,44.

60. Existe, além disso, uma amizade que se acende pela esperança de algum ganho, e muitos consideram que justamente por este motivo deva ser desejada, cultivada e conservada[122]. Se isto fosse verdadeiro, quantos seriam excluídos por um amor do qual também são altamente dignos, só porque não têm nada, não possuem nada, e não se pode esperar obter deles alguma vantagem material.

61. Se, porém, colocas entre as vantagens o conselho quando tiveres dúvida, a consolação quando sofreres por alguma adversidade, e outras coisas do gênero, isto é certamente aquilo que alguém tem o direito de esperar de um amigo, mas são coisas que devem seguir a amizade, não precedê-la. E na verdade pode-se dizer que ainda não aprendeu o que seja a amizade quem nela procura uma recompensa que não seja a amizade em si[123]. Esta recompensa será plena para os amantes da amizade quando esta, inteiramente transportada em Deus, mergulhar na contemplação Dele aqueles que antes uniu.

A amizade é prêmio em si mesma: exemplos bíblicos

62. Embora a amizade fiel dos bons produza muitas e grandes vantagens, estou certo que não é das vantagens que nasce a amizade, mas aquelas desta[124]. Não penso que a generosidade com que Berzelai, o Galaadita, acolheu Davi que fugia do filho parricida, deu-lhe assistência e o tratou como amigo (cf. 2Sam

122. Cf. *Lélio* 51.
123. Cf. *Lélio* 30,51. Sobre a gratuidade do amor, que é prêmio em si mesmo, e sobre a hierarquia entre amor e recompensa, cf. também SÃO BERNARDO, *Sobre o dever de amar a Deus* 7,17: "Não se ama Deus sem ter disto um prêmio, embora se deva amá-lo não para ter um prêmio... A caridade é um afeto, não é um contrato. O verdadeiro amor se contenta de si mesmo. Tem um prêmio, mas isto é aquilo que se ama. O verdadeiro amor não pede o prêmio, mas o merece". Cf. também, do mesmo São Bernardo, *Sermões sobre o Cântico dos Cânticos* 83, 2,5.
124. Cf. *Lélio* 30.

17,27-28), tenha feito nascer a amizade entre aqueles grandes homens: estes favores manifestaram principalmente aquilo que já existia; de fato, não tem quem ouse pensar que antes daquela ocasião o rei possa ter tido necessidade daquele homem.

63. Por outro lado, que ele, já muito rico, não esperava nada em troca daquilo que tinha feito pelo rei, resulta muito claro quando se considera que, tendo-lhe sido oferecidas todas as delícias e as riquezas da cidade, não quis aceitar nada, contentando-se das suas coisas (cf. 2Sam 19, 32-40). O mesmo podemos dizer da magnífica união entre Davi e Jonatas, consagrada não pela esperança de um futuro vantajoso, mas pela admiração da virtude, embora ela tenha tido uma grande utilidade para ambos, já que pelo empenho de um foi poupada a vida do outro (cf. 1Sam 20, 4-42), e pela bondade do primeiro não foi destruída a posteridade do segundo (cf. 2Sam 9,1).

Revisão

64. Portanto, já que entre os bons é sempre a amizade que vem antes, e depois as vantagens, pode-se dizer com certeza que a nossa alegria não nasce tanto da vantagem que nos é dada pelo amigo, mas do seu amor. Julguem vocês agora se basta quanto eu disse sobre o fruto da amizade, se fui claro a precisar entre que pessoas ela pode nascer, conservar-se e alcançar a perfeição, se consegui desmascarar aquelas formas de adulação que se camuflam falsamente com o nome de amizade, se fui preciso em indicar as metas a que deve tender o amor entre os amigos.

65. WALTER. Não me parece que tu tenhas falado de modo adequado deste último ponto.

66. AELREDO. Vocês recordarão, acredito, como recusei a opinião daqueles que colocam o limite da amizade no consenso para cometer crimes, e também daqueles que consideram que

se pode chegar até o exílio e a qualquer depravação desde que daí não venham danos a terceiras pessoas.

67. E na verdade também recusei aqueles que medem a quantidade de amizade pela quantidade de vantagens esperadas. Ao contrário, não considerei nem mesmo dignas de serem lembradas duas das opiniões referidas por Walter. De fato, não existe ideia mais deselegante que entender a amizade exatamente como um prestar ao amigo o serviço e os louvores recebidos por ele, quando, ao contrário, tudo entre eles deve ser comum, já que formam um só coração e uma só alma (At 4,32). E é também horrorosa e errada a ideia que alguém deve experimentar pelo amigo os mesmos sentimentos que tem por si, quando, ao contrário, cada um deve ter uma pequena opinião de si, e uma estima altíssima pelo amigo.

68. Depois de ter cancelado como falsos estes confins da amizade, escolhi fixar o confim verdadeiro retomando-o a partir das palavras do Senhor, a qual estabelece que pelos amigos não se deve recuar nem mesmo diante da morte. Todavia, para que não se pense que, se alguns malvados chegassem a morrer um pelo outro teriam por isso mesmo alcançado o vértice da amizade, precisei entre quem ela pode nascer e alcançar a perfeição. Quanto àqueles que consideram devê-la evitar pelas muitas solicitudes e preocupações que ela comporta, concluí que são simplesmente tolos. Enfim, mostrei de modo muito sumário de quais amizades os bons devem se guardar.

69. De tudo quanto se disse parece claro quais sejam os limites certos e verdadeiros da amizade espiritual: ou seja, nada se deve negar ao amigo, nada se deve recusar de suportar pelo amigo em tudo aquilo que é menos precioso que a vida do corpo, que a autoridade do Senhor estabeleceu que se deva oferecer por quem se ama. Por outro lado, já que a vida da alma é muito mais excelente que a do corpo, considero que se deve negar absolutamente ao amigo aquilo que pode levar a morte da alma, o que afinal outra coisa não é que o pecado, que separa Deus da alma,

e a alma da vida. Pelo resto, não há agora tempo para explicar qual medida seja observada, e com qual cautela comportar-se naquilo que se deve fazer pelo amigo ou suportar por ele.

70. GRAZIANO. Admito que o nosso Walter me foi de muita utilidade: provocado pelas suas perguntas reuniste num breve sumário o sumo de tudo quanto discutimos até aqui, e como que nos pintaste para os olhos da memória. Continua, peço-te, a explicar-nos que medida deve ser observada nos serviços que prestamos aos amigos, ou qual cautela deve ser colocada em ato.

71. AELREDO. Estas e outras coisas ainda faltam dizer sobre a amizade. Mas a hora avança, e vocês mesmos podem ver como aqueles que apenas chegaram nos pedem com impaciência para passar a outra ocupação.

72. WALTER. Vou embora, mas de má vontade, e certamente voltarei amanhã, quando me aparecerá a ocasião. Que Graziano faça em modo de apresentar-se solícito amanhã de manhã, de modo que nem ele possa nos acusar de negligência, nem nós possamos reclamar pelo atraso.

TERCEIRO LIVRO
A escolha dos amigos e a prática da amizade

1. AELREDO. De onde vens? E para quê?

GRAZIANO. Sabes bem porque estou aqui.

AELREDO. Walter também está aí?

GRAZIANO. Isso é problema dele. Certamente hoje não poderá acusar-nos de estar atrasados.

AELREDO. Queres que continuemos a nossa conversa?

GRAZIANO. Confio que Walter virá. Além disso, acho que a sua presença seja necessária, porque tem uma sensibilidade que o faz mais aguçado pra intuir, uma língua que sabe interrogar com inteligência, e uma memória mais tenaz que a minha para guardar.

(entra Walter)

AELREDO. Ouviste Walter? Graziano é mais teu amigo de quanto pensaste.

WALTER. E como não poderia ser meu amigo, ele que o é de todos? Mas já que agora, lembrando da tua promessa, estamos todos dois aqui, não desperdicemos o tempo que nos é concedido.

Amizade e Amor

2. AELREDO. A fonte e a origem da amizade é o amor, já que pode existir amor sem que exista amizade, mas não pode nunca existir amizade sem amor. O amor, por sua vez, nasce ou da natureza ou do dever, ou apenas da razão, ou apenas do sentimento, ou destes dois juntos. Por natureza, por exemplo, a mãe ama o filho. Por dever, em razão de alguma coisa que se dá ou se recebe, unimo-nos com um afeto especial. Em nome da razão somente amamos os inimigos, não por uma espontânea inclinação do coração, mas para obedecer a um comando. Move-nos só o sentimento quando somos atraídos para alguém apenas por certas qualidades físicas, como a beleza, a força, a capacidade em falar.

3. Existe, enfim, um amor que tem origem na razão e no sentimento juntos, e é quando, persuadidos pela razão a amar alguém por motivo das suas virtudes, sentimo-nos ainda mais atraídos para ele pelo encanto do seu comportamento e pela doçura de uma mais rica vitalidade: assim a razão se une ao sentimento, e o amor que daí deriva torna-se casto pela razão, doce pelo sentimento[125]. Qual destas formas de amor vos parece que se adapta melhor à ideia de amizade?

4. WALTER. Certamente esta última, que tem como estrutura a contemplação das virtudes, e como ornamento a amabilidade dos modos[126]. Mas queria saber se devemos acolher no doce segredo da amizade todos aqueles que amamos deste modo.

125. Todo este trecho (nn. 2-3) reflete e retoma quanto Aelredo escreveu em *Espelho* 3,20 sobre a distinção entre amor e caridade, e sobre o seu contraste com a cobiça.

126. Note-se a distinção entre "estrutura" (lat. forma) e "ornamento": Walter demonstra ter entendido bem em qual relação hierárquica estejam estas duas fontes da amizade.

O amor de Deus, fundamento da amizade

5. AELREDO. Deve-se antes estabelecer qual seja o fundamento sólido de onde o amor espiritual tira os princípios que o regulam: assim, quem quer alcançar por um caminho direto os picos deste amor, usará a máxima cautela para não transcurar ou ir além do próprio fundamento. Este fundamento é o amor de Deus[127]: a Ele é necessário levar tudo quanto o amor e o sentimento sugerem, tudo aquilo que um espírito qualquer, secretamente sussurra, ou um amigo propõe abertamente; e deve-se ficar muito atento para que tudo aquilo que se constrói se encontre em sintonia com o fundamento, e tudo aquilo que se afasta disso seja reconduzido ao modelo de base e seja corrigido sem demora a partir das características do próprio modelo.

6. De qualquer modo, nós somos levados a acolher na nossa amizade todos aqueles que amamos, porque nem todos são capazes disto. De fato, o amigo é o esposo da tua alma, e tu unes o teu espírito ao seu, envolvendo-te a ponto de querer tornar-se com ele uma coisa só; nele confias como outro tu mesmo, nada lhe escondes e nada tens a temer dele[128]. Se considerar que alguém esteja adequado a tudo isso, precisa primeiro escolhê-lo, depois colocá-lo à prova, e por fim acolhê-lo. De fato, a amizade deve ser estável, quase uma imagem da eternidade, e permanecer constante no afeto.

7. Por isso não devemos seguir impressões vagas, e com base nelas mudar continuamente os amigos de modo infantil[129]. Ninguém é mais detestável do que aquele que ofende e trai a amizade; nada atormenta tanto a alma quanto ser abandonado ou combatido por um amigo. Por isso é necessário escolher com

127. Cícero chama a amizade "dom dos deuses imortais" (*Lélio* 20). Cf. *Espelho* 3,4; SÃO BERNARDO, *Sobre o dever de amar a Deus* 8,26.

128. Cf. SANTO AMBRÓSIO, *Sobre os deveres* 3,131.

129. Esta e a frase anterior remetem largamente a SANTO AMBRÓSIO, *Sobre os deveres* 3,128; Aelredo, porém, opera nelas alguns retoques como "estável" ao invés de "constante" e, sobretudo, a inserção da ideia de "imagem da eternidade".

sumo cuidado um amigo, e usar uma extrema cautela ao colocá-lo à prova. Mas, uma vez que é acolhido, deve ser tolerado, tratado e seguido de tal modo que, se não se afastar de modo irrevogável do fundamento que estabelecemos, ele seja a tal ponto teu, e tu dele, nas coisas do corpo como naquelas do espírito, que nada divida as almas, os afetos, as vontades, as ideias.

Os quatro degraus

8. Então, quatro são os degraus que nos fazem subir para a perfeição da amizade: o primeiro é a escolha, o segundo é a prova, o terceiro é o acolhimento, o quarto é "o sumo acordo nas coisas divinas e humanas acompanhado da caridade e benevolência"[130].

9. WALTER. Recordo que no teu primeiro diálogo, aquele com o teu querido Ivo, explicaste suficientemente esta definição; mas, já que depois falaste de muitos gêneros de amizade, gostaria de saber se ela inclui todos eles.

10. AELREDO. Já que a verdadeira amizade só pode subsistir entre os bons[131], ou seja, aqueles que não podem nem querem fazer algo contra a lealdade e a honestidade, é claro que esta definição não diz respeito a qualquer tipo de amizade, mas só aquela que pode ser chamada verdadeira.

11. GRAZIANO. E por que não aceitar também a definição que, antes do diálogo de ontem, agradava-me muito, ou seja, a amizade como um acordo nas coisas que se querem ou não se querem?[132]

130. *Lélio* 20; cf. também *Amizade* 1,11.

131. Cf. *Amizade* 2,38.41.55 e *Lélio* 18,56. O par. 56 do texto de Cícero tem como sujeito a *fides* que, no contexto, significa a "confiança" que nasce da transparência da relação sobre a qual se fundamenta a estabilidade da amizade: é este o sentido que Aelredo pretende dar aqui ao termo que entendemos como "fé".

132. SALÚSTIO, *Catilina* 20,4 (*idem velle et idem nolle*).

12. AELREDO. Certo, esta também pode ir bem, desde que ela una duas pessoas que tem hábitos puros, uma vida bem equilibrada, e afetos ordenados.

13. WALTER. Verás Graziano se estes requisitos existem nele ou no seu amigo, de modo a poder viver com ele em união de vontades, não concedendo a si mesmo ou ao outro nada que seja injusto, ou desonesto, ou indecoroso. Mas agora nos interessa ouvir a tua opinião sobre os quatro degraus de que falaste.

A escolha do amigo: os temperamentos difíceis

14. AELREDO. Então, tratemos antes de tudo da escolha. Existem certos defeitos que impedem quem se encontra preso neles de observar com constância as leis e os direitos da amizade. Quem é assim não deve ser escolhido rapidamente como amigo. Porém, se existem nestas pessoas outros aspectos da vida e do comportamento que agradam, então deve-se fazer todo esforço para curá-los de modo a torná-los idôneos à amizade. Estou falando daqueles que por caráter são irascíveis, instáveis, desconfiados e fofoqueiros.

-Os irascíveis.

15. É difícil, de fato, que quem é frequentemente envolvido pelo furor da ira não se irrite um dia ou outro também contra o amigo, como está escrito no Eclesiástico: *Há amigo que se torna inimigo e que revelará querelas para tua vergonha* (Eclo 6,9). Por isso a Escritura diz: *Não te juntes ao homem irascível, nem frequentes o homem colérico, para que (...) não encontres uma cilada para tua vida* (Pr 22,24-25). E Salomão diz: *A ira repousa no coração do insensato* (Ecl 7,9). E existe talvez alguém que espere poder conservar por longo tempo a amizade com um insensato?

16. WALTER. Se bem recordo, ainda assim te vimos cultivar com imensa piedade uma amizade com um homem de terríveis

iras, e ouvimos dizer que até o fim dos seus dias nunca foi ofendido por ti, embora frequentemente ele tenha te ofendido.

17. AELREDO. Existem alguns que são irascíveis por temperamento natural, e que, todavia, sabem tão bem reprimir e moderar esta paixão para não cair nunca naquelas cinco culpas que, segundo a Escritura, arruínam a amizade até destruí-la[133], embora ofendam o amigo com palavras ou gestos impensados, ou com cenas indiscretas de ciúmes. Se acolhemos uma pessoa assim na nossa amizade, devemos suportá-la com paciência, e já que estamos seguros do seu afeto, devemos perdoar o amigo quando nas palavras ou nas ações passa o sinal, ou ao menos repreendê-lo sem fazer sofrer, usando, se for o caso, um tom brincalhão e amável[134].

18. GRAZIANO. Aquele teu amigo que, como parece a muitos, tu preferes a todos nós, faz alguns dias, impulsionado pela ira, disse e fez algo que sabia muito bem que te desagradaria. Ainda assim nos parece, e no mais o veremos, que não perdeu o teu favor. Nós nos maravilhamos não pouco em constatar que, enquanto tu, quando falamos juntos, estás atento a não transcurar nada daquilo que ele deseja, até uma ninharia, ele, ao contrário, não conseguiu suportar, por teu amor, nem mesmo uma pequena coisa.

19. WALTER. Este aqui é muito mais audacioso que eu. Eu também sabia estas coisas, mas conhecendo o teu sentimento em relação a ele, nunca teria ousado te falar disso.

20. AELREDO. Certamente que aquele homem me é muito querido, e uma vez que o acolhi na minha amizade, não posso não amá-lo. Aconteceu que naquela ocasião eu era mais forte que ele; já que não era possível fazer convergir as nossas duas

133. Aelredo refere-se a Eclo 22,27, segundo a numeração da Vulgata (Eclo 22,22 nas Bíblias atuais), citação que será retomada no n.23, e ainda no n.56, no qual será analisada em detalhe.

134. O latim indica o modo da correção com o advérbio *IUCUNDE*: a intenção evidente é aquela de neutralizar a tensão e fazer esfriar a ira.

vontades, foi mais fácil para mim dobrar a minha vontade e não ele a sua. Já que não estava em questão a honestidade, não era violada a confiança nem ameaçada a virtude, foi melhor ceder ao amigo: tolerei o seu ataque, e já que estava em perigo a sua paz, preferi a sua vontade à minha.

21. WALTER. Entendi. Porém, uma vez que o teu primeiro amigo já passou à outra vida, e este outro, embora nós não o saibamos, terá te pedido desculpa, explica-nos agora aquelas cinco coisas que arruínam a amizade até destruí-la, de modo que possamos saber quem são aqueles que não se devem por nenhum motivo escolher como amigos.

- AS CINCO CAUSAS QUE ARRUÍNAM UMA AMIZADE.

22. AELREDO. Não é a mim que vocês devem escutar, mas as palavras da Escritura: *QUEM INSULTA O AMIGO DESFAZ A AMIZADE. AINDA QUE TENHAS DESEMBAINHADO A ESPADA CONTRA O AMIGO, NÃO DESESPERES, PORQUE EXISTE RETORNO. SE ABRISTES A BOCA CONTRA O TEU AMIGO, NÃO TEMAS, PORQUE EXISTE RECONCILIAÇÃO* (Eclo 22,25-27). Considera o que está dito. Se o amigo, movido pela ira desembainha a espada, se diz palavras que fazem sofrer, se por um certo tempo não se faz mais ver como se não te amasse mais, se preferisse agir sozinho muito mais que seguir um teu conselho, se tem uma opinião diferente da tua, ou se numa discussão discorda de ti, não deves por isso dissolver a amizade.

23. De fato, pode haver, continua a Escritura, uma reconciliação com o amigo, *EXCETO EM CASO DE ULTRAJE, DESPREZO, TRAIÇÃO DE SEGREDO, GOLPE PÉRFIDO: NESSES CASOS QUALQUER AMIGO IRÁ EMBORA* (Eclo 22,27). Portanto, examinemos com diligência estas cinco coisas para evitar nos unirmos em amizade com pessoas que, ou por furor da ira, ou por qualquer outra paixão, são habitualmente vítimas destes vícios. A injúria arruína o bom nome e apaga a caridade. As pessoas, de fato, são tão maliciosas que se alguém, impulsionado pela ira, atira uma injúria contra um amigo, embora não se acredite, todavia tudo o que disser

será propagado como palavra de alguém que conhece os segredos da pessoa sobre a qual fala.

24. Existem, depois, muitas pessoas que experimentam a mesma alegria em louvar a si mesmas quanto em denegrir os outros. O que há de mais criminoso que o ultraje que, embora falso, consegue, todavia enrubescer de vergonha um inocente? Depois, a arrogância é a coisa mais difícil de suportar, pois retira o único remédio que poderia restaurar a amizade arruinada, isto é, o humilde reconhecimento do próprio erro, pois torna o homem atrevido para ofender e pomposo para corrigir. Então, vem a revelação das coisas escondidas, isto é, dos segredos: nada é mais vil ou mais detestável, porque tira dos amigos todo amor, toda graça, toda doçura, enche tudo de amargura e espalha em todas as coisas o fel do furor, do ódio e do ressentimento. Por isso está escrito: *QUEM REVELA SEGREDO PERDE SEU CRÉDITO E NÃO ENCONTRARÁ MAIS AMIGO SEGUNDO O SEU CORAÇÃO* (Eclo 27,17), e, mais adiante: *A FERIDA PODE CICATRIZAR, A INJÚRIA SE PERDOA, MAS O QUE REVELOU SEGREDOS PERDEU TODA ESPERANÇA* (Eclo 27,24). E, na verdade, quem é mais infeliz que aquele que perde a confiança e desfalece no desespero? A última causa que destrói a amizade é o golpe de traição, isto é, a difamação feita às escondidas. Realmente, este golpe é como uma armadilha, como uma mordida mortal de uma serpente ou de uma víbora: *SE A SERPENTE MORDE POR ERRO DE ENCANTAMENTO*, diz Salomão, *NÃO VALE A PENA SER ENCANTADOR* (Ecl 10,11).

26. Portanto, fica longe de qualquer um que tu vejas imerso nestes vícios: não o escolhas como teu amigo até que não esteja curado deles. Evitemos as injúrias, porque delas é o próprio Deus quem se vinga. O santo rei Davi, entre as recomendações deixadas em herança ao filho, ordena, com a autoridade do Espírito Santo, matar Semei (cf. 1Re 2,8-9) que tinha insultado-o enquanto fugia de Absalão (cf. 2Sam 16,5-13). Evitemos também o ultraje. O pobre Nabal do Carmelo, que tinha ultrajado Davi tratando-o como escravo fugitivo (cf. 1Sam 25,10),

foi atingido pelo Senhor e morreu (cf. 1Sam 25,38). E se depois acontecer de faltar a algum dever que a lei da amizade impõe, evitemos a arrogância, e procuremos, ao contrário, a benevolência do amigo oferecendo-lhe a nossa humildade.

27. O rei Davi tinha generosamente oferecido a Hanon a mesma amizade que teve com seu pai Naás, rei de Amon: aquele, ao contrário, ingrato e arrogante, recusou acrescentando no enfrentamento o desprezo (cf. 2Sam 10,1-4). Como consequência disto, ele e o seu povo pereceram, com suas cidades postas a ferro e fogo (cf. 2Sam 12,26-31).

Sobretudo consideremos como um sacrilégio revelar os segredos dos amigos, porque assim se perde a confiança, e na alma que é vítima disto entra o desespero. Isto se vê no malvado Aquitofel, que se juntou com o parricida Absalão e lhe revelou os planos do pai (cf. 2Sam 15,12): quando viu que o seu plano sugerido para contrastar o do rei não tinha sido seguido, com um fim digno de um traidor, enforcou-se (cf. 2Sam 17,23).

28. Recordemos, enfim, que denegrir um amigo é um verdadeiro e próprio veneno para a amizade: foi isto que encheu de lepra o rosto de Maria, com a consequência de ser expulsa do acampamento e privada por sete dias da comunhão com o seu povo (cf. Nm 12,10.15).

-OS INSTÁVEIS.

Na escolha, não se deve evitar apenas os irascíveis, mas também os instáveis e os desconfiados. De fato, o grande fruto da amizade é a segurança pela qual te colocas com confiança nas mãos de um amigo; mas como pode haver segurança no amor de alguém que vai atrás de todo vento e dá razão a todos? O seu afeto é como barro mole, que pode ser modelado em figuras diversas e opostas no correr de um dia, segundo o capricho de quem o trabalha.

-OS DESCONFIADOS.

29. Depois, o que melhor caracteriza uma amizade que uma paz partilhada e uma tranquilidade de coração? São coisas que

o tipo desconfiado não possui nunca. Está sempre em agitação[135], atacado pela curiosidade que, cutucando-o com contínuos estímulos, lhe fornece material que alimenta a sua inquietação e a sua perturbação. Se ele vê que o amigo está afastado dele falando com alguém, cheira a traição. Se o vê tratar alguém com benevolência e amabilidade, proclama que ele é menos amado do que aquele. Se ele é corrigido, dirá que o amigo o odeia. Se, ao contrário, é louvado, dirá que o outro está provocando ou zombando dele.

-OS FALADORES.

30. Considero que nem mesmo o tipo muito eloquente deve ser escolhido, porque o homem de língua longa não será justificado. *VISTES UM HOMEM PRECIPITADO NO FALAR?* (Jó 11,2), diz o Sábio, *ESPERA-SE MAIS DO INSENSATO DO QUE DELE* (Pr 29,20). Portanto, escolhas como amigo alguém que não esteja agitado pelo furor da ira, que não esteja esmigalhado pela instabilidade, que não esteja destruído pela desconfiança, e que não perca na eloquência a seriedade que se requer. É extremamente útil que tu escolhas um que esteja em consonância com o teu temperamento e as tuas qualidades. "Onde os costumes são diferentes, diz Santo Ambrósio, não pode existir amizade, e assim cada um deve estar em amável consonância com o outro"[136].

Como relacionar-se com quem tem estes defeitos

31. WALTER. Onde se pode encontrar alguém que não seja nem irascível, nem instável, nem desconfiado? Quanto ao falador, vê-se logo, e não pode certamente ficar escondido.

32. AELREDO. Concordo contigo que não é fácil encontrar quem não seja frequentemente vítima destas paixões, porém existem muitos que sabem superar estes defeitos: reprimem a ira

135. Cf. SÃO BENTO, *REGRA* 64,16.
136. Cf. SANTO AMBRÓSIO, *SOBRE OS DEVERES* 3,133.

com a paciência, corrigem a instabilidade com a seriedade, eliminam as desconfianças concentrando a atenção sobre o amor. Direi que, sobretudo estes precisariam escolher como amigos, porque são mais exercitados que os outros, e vencendo os vícios com as virtudes, tornam-se amigos mais seguros quanto mais são habituados a resistir com energia aos vícios que lhes atacam.

33. WALTER. Não te aborreças se falo. Aquele teu amigo que Graziano lembrou há pouco, e que tu certamente acolheste na tua amizade, queria saber se te parece uma pessoa irascível.

34. AELREDO. Certamente que é, mas na amizade não é de forma alguma.

35. GRAZIANO. Mas o que quer dizer, pergunto-te, não ser irascível na amizade?

36. AELREDO. Vocês estão convictos de que existe amizade entre nós?

GRAZIANO. Certamente.

AELREDO. Vocês ouviram alguma vez que surgiram entre nós raivas, rixas, discórdias, rivalidades, desentendimentos?

GRAZIANO. Nunca, mas isto não é mérito dele, mas da tua paciência.

37. AELREDO. Vocês se enganam. Uma ira que não é freada pelo afeto não pode de algum modo ser bloqueada pela paciência de ninguém. Ao contrário, a paciência desencadeia no irascível o furor[137], porque aquilo que o consola só um pouco é ver que outro se aborrece e a ele se iguala nos insultos. A pessoa de que estamos agora falando observa a tal ponto as leis da amizade que, quando às vezes se aborrece e está para explodir com palavras incontroláveis, com um simples aceno consigo frea-lo; nunca exprime em público coisas desagradáveis, mas para desabafar aquilo que tem na mente espera sempre quando ficamos a sós.

38. Se este comportamento lhe fosse sugerido pela natureza, e não pela amizade, não o consideraria nem virtuoso nem digno

137. Cf. SÊNECA, *SOBRE A CÓLERA* 3,8,5.

de louvor. Se ao contrário, como pode acontecer, ocorre-me às vezes de discordar dele, é tanto o respeito que temos um pelo outro que às vezes é ele que renuncia à sua ideia, com mais frequência sou eu que renuncio à minha.

Como desmanchar uma amizade arruinada

39. WALTER. Penso que Graziano pode estar satisfeito. Queria que tu me dissesses o que se deve fazer quando descuidadamente se entra em amizade com aqueles que tu nos disseste para evitar, ou quando um daqueles que tu julgaste idôneos cai naqueles mesmos vícios ou em outros piores: até que ponto se deve conservar a confiança deles e mostrar benevolência?

40. AELREDO. Estas coisas, enquanto possível, devem ser consideradas com cuidado no momento da escolha, ou também no período da provação, para evitar oferecer rápido demais a nossa amizade a quem não é minimamente digno dela. "São dignos de amizade aqueles que têm em si mesmos o motivo pelo qual são amados"[138]. Todavia, também naqueles que foram colocados à prova e considerados dignos, "explodem frequentemente vícios que fazem mal ou aos próprios amigos deles, ou a outros, cuja vergonha, porém, cai de qualquer modo sobre os amigos"[139]. É necessário usar todo cuidado para que estes amigos sejam curados.

41. Se isto se revela impossível, não considero que a amizade deva ser rompida ou dilacerada imediatamente, mas como alguém disse com delicadeza, ela "deve ser desmanchada pouco a pouco, a menos que não aconteça uma ofensa intolerável a ponto que justiça e honestidade requerem que se chegue a uma imediata separação ou ruptura"[140]. Se, de fato, o amigo trama

138. Cf. *Lélio* 79.
139. Cf. *Lélio* 76.
140. Cf. *Lélio* 76. Este critério, atribuído a Catão, foi retomado pelo mesmo Cícero (*Sobre os deveres* 1,120), e por outros, como Sêneca. *Carta a Lucílio* 22,3 e São Jerônimo, *Cartas* 8,2.

alguma coisa, ou contra o pai ou contra a pátria, pelo que se exige uma correção rápida e sem demoras, não se ofende certamente a amizade se se desmascara um traidor e um inimigo público.

42. Existem outros vícios que aconselham não romper a amizade, como se disse, mas desmanchá-la pouco a pouco, cuidando, porém, para não provocar até mesmo uma inimizade, de onde viriam depois litígios, injúrias, insultos[141]: de fato, é igualmente vergonhoso fazer guerra justamente com quem se viveu em intimidade[142].

43. Pode também acontecer que tu sejas atacado com todas estas ofensas por aquele que tinhas acolhido na tua amizade, e que também este seja daqueles que tem o hábito de derramar toda a culpa sobre o amigo se lhes acontece algo de errado, quando, ao contrário, foram eles a comportar-se de modo a não merecer serem amados. Então dizem que a amizade foi ofendida, consideram duvidoso todo conselho que lhes vem do amigo, e quando é evidente que a culpa da traição é deles, não sabendo mais como defender-se, derramam sobre o amigo ódios e maldições, caluniam-no em cada canto, fofocam no escuro, encontram falsas desculpas para si mesmos, e acusações mentirosas para os outros.

44. Portanto, se depois que desmanchastes a amizade, foste agredido com todas estas injurias, suporta-as enquanto podes: assim tu rendes honra à antiga amizade, e em culpa está quem fez a ofensa, não quem a sofreu[143]. De fato, a amizade é eterna, porque *QUEM É AMIGO SEMPRE AMA* (Pr 17,17). Se te ofendes aquele que tu amas, tu continuas a amá-lo. Se ele se comporta de modo a ter que tirar-lhe a amizade, nunca deixes de amá-lo. Pensa a quanto podes fazer pela sua salvação, preocupa-te pelo seu bom

141. Cf. *Lélio* 78.
142. Cf. *Lélio* 77.
143. Cf. *Lélio* 78.

nome, e não reveles nunca os segredos da sua amizade, mesmo que ele tenha revelado os teus.

45. WALTER. Diz-me, peço-te, quais são aqueles vícios pelos quais a amizade desmancha-se pouco a pouco.

46. AELREDO. Aqueles cinco que apenas descrevemos, sobretudo a revelação dos segredos, e a oculta mordida da difamação. A estes acrescentaria um sexto: se o amigo ofende aqueles que tu deves igualmente amar, e se, depois de ter sido corrigido, continua a oferecer motivo de escândalo e de ruína àqueles que são confiados à tua responsabilidade, sobretudo se a vergonha destes vícios cai sobre ti. O amor não deve, de fato, prevalecer sobre a religião nem sobre a fé, a caridade de pátria ou o bem-estar dos cidadãos.

47. O rei Assuero colocou na cruz o soberbíssimo Amã, que era o seu melhor amigo, preferindo a salvação do povo e o amor da mulher à amizade que aquele tinha ofendido com conselhos fraudulentos (cf. Est 7). Jael, a mulher de Héber, o quenita, embora houvesse paz entre Sísara e a casa de Héber, antepondo a esta amizade a salvação do povo, com um prego e um martelo fez dormir para sempre o próprio Sísara (cf. Jz 4,17-22). O santo profeta Davi, segundo as leis da amizade, deveria ter perdoado a parentela de Jonatas; quando ouviu do Senhor que por culpa de Saul e da sua casa sanguinária que havia assassinado os Gabaonitas o povo tinha sofrido por três anos a fome, entregou aos Gabaonitas sete homens da família de Jonatas (cf. 2Sam 21, 1-14) para que os punissem.

48. Porém, vocês não devem esquecer que, quando dois amigos perfeitos[144], depois de uma sábia escolha e um acurado período de prova, unem-se numa amizade verdadeira e espiritual, não pode surgir entre eles alguma divergência. De fato, já que a amizade faz de dois uma só coisa: como não se pode dividir a unidade, assim a amizade não pode ser separada de si mesma. Portanto,

144. Veja-se *AMIZADE* 2,43, onde Aelredo precisa que ele não entende a "perfeição" segundo os critérios rigorosos e elitistas dos estoicos.

está claro que aquela amizade que sofre uma ruptura nunca foi verdadeira naquela parte que é causa da ruptura, porque "a amizade que pode terminar nunca foi verdadeira"[145].

49. Todavia, neste caso a amizade aparece mais evidente e demonstra de modo mais claro ser uma virtude pelo fato que em quem é ofendido não falta o amor que havia antes: ama quem não o ama mais, honra quem o despreza, abençoa quem o amaldiçoa, faz o bem a quem trama a ruína contra ele.

50. GRAZIANO. Como podes dizer que a amizade é dissolvida se aquele que a interrompe deve ter ainda estas considerações por aquele que é excluído?

51. AELREDO. Quatro são os elementos que qualificam de modo particular a amizade: o amor e o afeto, a segurança e a alegria. O amor manifesta-se ao oferecer favores e serviços com ânimo benevolente; o afeto nasce de uma agradável sensação interior; a segurança está em poder revelar sem temor ou desconfiança todos os segredos e os pensamentos íntimos; a alegria surge da troca doce e amigável de tudo aquilo que acontece, seja alegre ou triste; de tudo aquilo que se pensa, seja útil ou nocivo; de tudo aquilo que se ensina ou se aprende.

52. Vês agora em que coisas a amizade se dissolve naqueles que não são dignos dela? Certamente vai embora aquela satisfação interior tirada abundantemente do coração do amigo; vai embora aquela segurança que nos fazia confiar a ele os nossos segredos; vai embora a alegria que nascia da conversa amigável. Assim, deve-se negar-lhe aquela familiaridade que se exprimia em todas estas coisas, mas o amor deve permanecer, com medida e respeito, a ponto de, se a ofensa não tiver sido grande demais, sempre se pode ver alguns vestígios da antiga amizade.

53. GRAZIANO. Gosto muito daquilo que disseste.

AELREDO. Digam-me se podemos considerar concluída a conversa sobre a escolha.

145. Cf. SÃO JERÔNIMO, *CARTAS* 3,6.

WALTER. Queria que tu resumisses brevemente, como uma conclusão, aquilo que disseste.

Resumo da primeira parte

54. AELREDO. Com prazer. Dissemos que a fonte da amizade é o amor. Não um amor qualquer, mas aquele que procede juntamente da razão e do sentimento, amor que a razão torna casto e o sentimento faz doce. Dissemos depois que é necessário dar à amizade um fundamento, e este é o amor de Deus, a quem é necessário reconduzir todas as coisas que propomos, examinando a sua convergência ou divergência em relação ao fundamento.

55. Depois fixamos quatro degraus que conduzem ao vértice da amizade: isto é, deve-se primeiro escolher o amigo, depois colocá-lo à prova, enfim acolhê-lo, e assim comportar-se com ele como convém. Falando da escolha, excluímos os irascíveis, os instáveis, os desconfiados, os faladores: não todos, mas só aqueles que não conseguem ou não querem moderar estas paixões. De fato, muitos são atingidos por estes distúrbios, mas comportam-se de maneira tal que não é minimamente ferida a perfeição deles, e ao dominá-los a virtude deles se reforça de modo louvável.

56. Aqueles que, ao contrário, como cavalos sem freio, são continuamente impulsionados pelas suas paixões para a beira do abismo, inevitavelmente escorregarão e afundarão naqueles vícios que, nas palavras da Escritura, arruínam a amizade até destruí-la: ou seja, a injúria, *O ULTRAJE, A REVELAÇÃO DOS SEGREDOS, A ARROGÂNCIA E O GOLPE DE TRAIÇÃO* (Eclo 22,27).

57. Todavia, se tu vens a sofrer todas estas coisas por parte daquele que tinhas acolhido na tua amizade, não deves romper logo a relação, mas desmanchá-la gradualmente, conservando ao mesmo tempo tal respeito pela antiga amizade que, embora

não lhe confies mais os teus segredos, não lhe tire, porém, nem o amor e nem a ajuda, e nem mesmo lhe negue o conselho. Se a sua loucura o levar a proferir blasfêmias ou ultrajes, que tu respeites o pacto e respeites a caridade, de modo que esteja em culpa quem lança a injúria, não quem a sofre.

58. Se, ao contrário, se descobre que pode ser perigoso para o pai, para a pátria, os cidadãos, os súditos, os amigos, deve-se romper logo o vínculo de familiaridade, porque não se deve antepor o amor por uma pessoa ao risco de arruinar uma multidão. É no momento da escolha que se deve ficar atento para que isto não aconteça. Ou seja, escolhe alguém que não seja impulsionado pelo furor, desorientado pela superficialidade, arrastado pelo falatório, ou conduzido pela desconfiança a fazer aquilo que não se deve[146]. Sobretudo, seja alguém que não tenha o temperamento diverso demais ou um caráter discordante demais do teu.

59. Uma vez que falamos da verdadeira amizade, que não pode subsistir se não entre os bons, não nomeamos nem mesmo aqueles que são para descartar sem demora, como os infames, os avaros, os ambiciosos, os caluniadores. Se o quanto dissemos sobre a escolha basta a vocês, podemos passar a falar sobre como se prova um amigo.

WALTER. Parece-me bem oportuno. De fato, estou sempre com um olho na porta temendo que chegue alguém que ponha fim ao prazer da nossa conversa, ou misture nela qualquer amargura, ou a ela sobreponha algum vazio bobo.

146. Note-se com que maestria linguística Aelredo insere nos verbos que usa imagens eficacíssimas para indicar como a pessoa presa por uma ou mais das quatro paixões, significativamente chamadas *PERTURBATIONES*, perde o controle de si, e com isso a capacidade de relacionar-se com os outros: o furor impulsiona brutalmente (*IMPELLIT*), a superficialidade arrasta (*TRAHIT*), o falatório empurra como a beira de um abismo (*PRAECIPITAT*), e o desconfiado sequestra (*ABDUCIT*) a pessoa fechando-a como numa prisão. As três primeiras imagens colocam seriamente em questão a "estabilidade", que é ao mesmo tempo condição e fruto da amizade; a quarta enrosca o indivíduo sobre si mesmo e mata na raiz a possibilidade de abertura e de relação.

60. GRAZIANO. Está aqui fora o despenseiro, e se o fazes entrar não conseguirás mais ir adiante na tua exposição. Mas faço eu a guarda da porta: tu, ó pai, continuas até a meta.

Avaliação das quatro características da relação de amizade

61. AELREDO. Quatro são as coisas que devem ser colocadas à prova no amigo: a fidelidade, para que tu possas confiar-lhe com segurança a ti mesmo e todas as tuas coisas; a intenção, para que ele não espere da amizade nada se não Deus e o bem que lhe é próprio por natureza; o critério, para que saiba discernir o que se deve dar ao amigo, o que se pode lhe pedir, em que coisas se deve afligir pelo amigo, em que coisas alegrar-se por ele, e já que penso que às vezes o amigo deve também ser corrigido, saiba compreender as razões para fazê-lo, sem ignorar o modo, o tempo e o lugar; a paciência, enfim, para que quando for corrigido não se entristeça, nem jogue ódio ou desprezo sobre quem o corrige, e seja capaz de suportar corajosamente pelo amigo qualquer adversidade.

- A FIDELIDADE.

62. Na amizade nada é mais importante que a fidelidade, que é nutridora e guarda da amizade. A fidelidade é sempre igual a si mesma, na boa e na má sorte, nas horas alegres e nas tristes, nos júbilos e nas amarguras. A fidelidade olha com o mesmo olho para quem é humilde e quem é sublime, para o pobre e o rico, para o forte e o fraco, para o são e o doente. O amigo fiel não vê nada fora do coração do amigo: vai abraçar a virtude onde está em casa, tudo o mais fica de fora, se existe não dá muito peso, se não existe não se preocupa para exigi-lo.

63. A fidelidade, todavia, permanece sim escondida quando sorri a sorte, mas se destaca claramente na adversidade. Alguém

disse[147] que o amigo se prova quando se está na necessidade. *SÃO MUITOS OS AMIGOS DE QUEM É RICO* (Pr 14,20). Mas, se são verdadeiros amigos, vê-se quando ocorre a pobreza. Um amigo, diz Salomão, *QUER BEM SEMPRE, E É NA DESGRAÇA QUE SE DEMONSTRA IRMÃO* (Pr 17,17). E em outro lugar, repreendendo a falta de fidelidade, diz: *QUEM ESPERA NA AJUDA DO AMIGO INFIEL NO DIA DA DESGRAÇA, É COMO SE TIVESSE UM DENTE CARIADO OU UM PÉ TORCIDO* (Pr 25,19).

64. GRAZIANO. E se tudo vai sempre bem, e não acontece nunca alguma adversidade, como se pode provar a fidelidade de um amigo?

65. AELREDO. Existem muitos outros modos para colocar à prova a fidelidade de um amigo, embora seja verdade que a melhor avaliação é a adversidade. Já dissemos, por exemplo, que nada arruína mais a amizade que a revelação das confidências do amigo. Está escrito no Evangelho: *QUEM É FIEL NO POUCO É TAMBÉM FIEL NO MUITO* (Lc 16,10;19,17). Como consequência disto, aos amigos para os quais consideramos necessário um ulterior período de prova, não devemos confiar todos os nossos segredos, nem aqueles mais pessoais; fale das coisas principalmente externas ou de pouca importância, que não fará muita diferença esconder ou revelar, porém enfatizando que revelá-las traria um grave dano, enquanto grande seria a vantagem em mantê-las escondidas.

66. Se tu o encontras fiel neste empenho, não hesites em colocá-lo à prova com coisas de maior peso. Se acontecer de difundirem coisas desagradáveis sobre ti, ou se a maldade de alguém arruína a tua reputação, e ele não for induzido por alguma insinuação a acreditar nestas coisas, nem abalado por alguma desconfiança, nem perturbado por alguma dúvida, então não é mais o caso de suspeitar da sua fidelidade, mas grande será a tua alegria por ter encontrado nele um amigo equilibrado e estável.

147. Cf. SANTO AMBRÓSIO, *SOBRE OS DEVERES* 3,130: "O amigo é colocado à prova na adversidade, porque na prosperidade todos parecem amigos".

67. GRAZIANO. Agora me vem em mente aquele teu amigo vindo do exterior[148], de quem nos falaste com frequência: percebeste que era realmente um amigo fidelíssimo e absolutamente sincero quando não só não acreditou em quem reportava coisas falsas sobre ti, mas não ficou perturbado e nem abalado pela mínima hesitação; nem mesmo daquele teu amigo querido, o velho sacristão de Claraval[149], terias esperado tanto! Mas já que se disse o suficiente sobre como se coloca à prova a fidelidade, passa a analisar os pontos que faltam.

-A INTENÇÃO.

68. AELREDO. Disse que se deve provar também a intenção. Isto é absolutamente necessário. De fato, existem muitos que nas coisas humanas consideram bom só aquilo que dá algum ganho visível no tempo. Estes amam os seus amigos como amam os seus bois, dos quais esperam obter alguma vantagem[150]: pessoas que não sabem nem mesmo o que seja a amizade genuína e espiritual, aquela que é procurada por Deus e pelo valor que tem em si mesma, pessoas que não refletem seriamente sobre o modelo natural do amor que têm em si, no qual poderiam descobrir facilmente qual e quão grande é a força da amizade[151].

69. O próprio Senhor e Salvador nosso nos ofereceu o modelo da verdadeira amizade quando disse: *AMA O TEU PRÓXIMO COMO A TI MESMO* (Mt 22,39). Eis o espelho[152]: ama a ti mesmo. Sim, certo,

148. M. Powicke (*LIFE*, p. LXVII) identifica este amigo em Gofredo de Dinan, de quem Aelredo voltará a falar, com termos de uma intensa comoção, a partir do n. 124.

149. J. Dubois (*L'AMITIÉ SPIRITUELLE*) pensa em traços do beato Geraldo, irmão de São Bernardo.

150. Cf. *LÉLIO* 79.

151. Cf. *LÉLIO* 80: "São privados daquela amizade que é belíssima e em tudo aderente à natureza, aquela que é procurada em si e por si, e não consideram em si mesmos qual e quão grande seja a força desta amizade. Cada um , de fato, ama si mesmo não para exigir de si um prêmio por tal amor, mas porque cada um quer bem a si por si mesmo".

152. O termo *SPECULUM* teve muito sucesso na literatura medieval, não certamente como instrumento para contemplar a si mesmo, mas nos seus dois significados fundamentais: de tratado enciclopédico informativo e de forma

se amas Deus, ou seja, se correspondes àquele que descrevemos como digno de ser escolhido para amigo. Eu me pergunto: será que porque queres bem exiges que isto te seja recompensado? Certamente não, porque é próprio na natureza das coisas querer bem a si mesmo. Por consequência, se não transferires este mesmo afeto em outro, amando o amigo gratuitamente, só porque é querido por si mesmo, não poderás experimentar o sabor da verdadeira amizade.

70. Aquele que amas será como outro tu mesmo quando tiveres transferido nele o amor com o qual te amas. "A amizade, como diz Santo Ambrósio, não é um dever ou uma renda, mas é cheia de beleza e de graça. De fato, é uma virtude, não um negócio, porque não é gerada pelo dinheiro, mas pela graça; não se adquire contratando por um preço, mas é o fruto de uma competição de afeto"[153].

Então, deves examinar com lucidez a intenção de quem escolheste como amigo, para que não pense em se unir em amizade contigo na esperança de obter uma vantagem qualquer, quase como se tratasse de um bem comercial, e não de um dom. Frequentemente as amizades entre quem é pobre ou necessitado são mais seguras que aquelas entre os ricos[154]: a pobreza, de fato, elimina a espera de um ganho qualquer, e não só não diminui, mas principalmente aumenta a força da caridade da amizade.

71. Aos ricos se doa por bajulação; para com o pobre ninguém age por fingimento. Tudo quanto se dá ao pobre é dom sincero, porque a amizade do pobre não conhece a inveja. Disse isso para que nos amigos se coloque à prova o comportamento, e não se avalie, ao contrário, a riqueza dele. E eis como se verifica

exemplar na qual contemplar o ideal para poder a ele conformar-se. Este último é o significado entendido por Aelredo neste trecho, assim como na obra que leva o termo no mesmo título, o *ESPELHO DA CARIDADE*, onde a palavra é explicada no Prólogo 3 e em 2,78. Cf. também a voz *MIROIR* em DSp 10, 1292.

153. Cf. SANTO AMBRÓSIO, *SOBRE OS DEVERES* 3,134.

154. Cf.SANTO AMBRÓSIO, *SOBRE OS DEVERES*, 3, 135: Aelredo substitui os "melhores" deSanto Ambrósio com "mais seguras".

a intenção. Se tu vês que é mais ávido dos teus bens do que de ti, sempre em espera que tu lhe consigas algo com os teus esforços, como honrarias, riquezas, sucesso, liberdade: se em todas estas coisas é preferido alguém mais digno que ele, ou se tu não tens a possibilidade de lhe fazer ter aquilo que deseja, perceberás facilmente quais eram as suas intenções quando se uniu a ti.

-O CRITÉRIO.

72. Consideremos agora o critério. "Alguns, com ânimo perverso, para não dizer atrevido, querem um amigo que seja tudo aquilo que eles não conseguem ser"[155]. São aqueles que se impacientam com as faltas, mesmo leves, dos seus amigos, repreendem-no asperamente e, por falta de critério, não veem as coisas grandes e se jogam contra as pequenas, confundem tudo, e não sabem onde, quando, e a quem convenha revelar ou esconder as coisas. Por isso deve-se verificar se a pessoa que escolhes tem critério, porque unir-se em amizade com alguém que é descuidado e imprudente significa procurar brigas e discussões quotidianas.

73. Na verdade é bastante fácil demonstrar que na amizade esta virtude é necessária: se alguém é privado dela, é como um navio sem timão que, sob o ímpeto do vento, é agitado num movimento frenético e caprichoso.

-A PACIÊNCIA.

Terás também muitas ocasiões para por à prova a paciência de quem queres ser amigo, pois terás que corrigir aquele que amas: deverás usar às vezes de propósito um tom mais duro, para que assim seja posta à prova e colocada em exercício a sua capacidade de suportar.

74. Deves também ficar atento a outra coisa: se encontras naquele que estás colocando à prova algo que ofende a tua alma, como a descuidada revelação de um segredo, ou o desejo de alguma vantagem temporal, ou uma repreensão feita com pouco critério, ou uma violação das regras da amabilidade,

155. Cf. *Lélio* 82: Aelredo reduz o "muitos" de Cícero a "alguns".

não deves por isto renunciar logo à escolha e à amizade que tinhas te proposto, ao menos até que brilhe uma esperança de correção. E não te canses de cuidar com solicitude da escolha e da prova dos amigos: o fruto deste teu trabalho será um remédio pela vida (Eclo 6,16) e um fundamento solidíssimo de imortalidade[156].

75. De fato, existem muitos que são bastante espertos quando se trata de fazer dinheiro, criar, escolher e adquirir bois e burros, ovelhas e cabras, e conhecem muito bem os critérios com os quais conduzir estas operações: é loucura não usar a mesma habilidade em fazer amigos e em prová-los, e aprender a utilizar aqueles sinais que permitem avaliar se aqueles que escolhemos como amigos estão idôneos à amizade. Além disso, é necessário proteger-se de certos impulsos de amor que submergem o juízo, e destroem a possibilidade de avaliação[157].

76. É próprio do homem prudente colocar uma pausa, frear estes impulsos, colocar limites à benevolência[158], proceder gradualmente no afeto, até que, terminada a prova, possa dar-se e confiar completamente ao amigo.

A amizade como antecipação da beatitude celeste

WALTER. Devo admitir que continua a fazer efeito sobre mim a ideia daqueles que consideram que se vive mais tranquilos sem amigos deste tipo.

AELREDO. Eu me admiro: nenhuma vida pode ser feliz sem amigos, de modo mais absoluto[159].

WALTER. E por quê? Diga-me.

156. A citação de Eclo 6,16, já usada em 2,12, é referida no texto da Vulgata: *AMICUS FIDELIS MEDICAMENTUM VITAE ET IMMORTALITATIS.*

157. Todo o parágrafo é tirado abundantemente de *Lélio* 62.

158. Cf. *Lélio* 63.

159. Cf. CÍCERO, *Pro Plancio* 33,80 (in Discours, t, XVI/2, a cura de P. GRIMAL, Paris, 1976, p.118). Cf. também *Lélio* 86: "sem a amizade não há vida".

77. AELREDO. Suponhamos que todo o gênero humano desapareça do mundo, e que tu sejas o único sobrevivente. E eis diante de ti todas as delícias e as riquezas do mundo[160], ouro, prata, pedras preciosas, cidades cercadas por muros, castelos com torres, prédios grandiosos, esculturas, pinturas. Imagina voltar nas condições das origens, com todas as coisas a ti submissas, *TODOS OS REBANHOS E MANADAS, TODAS AS FERAS DO CAMPO, OS PÁSSAROS DO CÉU E OS PEIXES DO MAR, QUE PERCORREM AS VIAS DO MAR* (Sl 8,8-9). Então, diga-me: talvez, se tu não tivesses um amigo, todas estas coisas poderiam te fazer feliz?

WALTER. Por nada.

78. AELREDO. E se estivesse perto de ti alguém que não conheces nem a língua nem o temperamento, que não sabes se te ama, e nem como é o seu coração?

WALTER. Se não conseguisse, ao menos com certos sinais, fazê-lo amigo, preferirei principalmente não ter ninguém que alguém assim.

AELREDO. Se, ao contrário, houvesse alguém que tu amas como a ti mesmo, de quem sabes com certeza ser igualmente amado, não é talvez verdade que todas aquelas coisas que antes pareciam amar se tornariam doces e gostosas?

WALTER. No modo mais absoluto.

AELREDO. E se existissem tantas pessoas assim, não é verdade que quantas mais existem tanto mais te sentirias feliz?

WALTER. Bem verdade.

79. AELREDO. Esta é a grande e maravilhosa felicidade que esperamos, quando o próprio Deus difundirá entre si e as suas criaturas que exaltou, entre as várias ordens e graus em que distinguiu as coisas, entre cada pessoa que escolheu, tanta amizade e tanta caridade que cada um amará o outro como a si mesmo, e assim cada um poderá gozar da felicidade do outro como da

160. Cf. *LÉLIO* 87, no qual Cícero hipotetiza a situação de quem teve "por um deus qualquer grande abundância de todas as coisas, mas lhe é tirada a possibilidade de ver um ser humano".

própria, a beatitude dos indivíduos será de todos, e a soma de todas as beatitudes será dos indivíduos.

80. Lá não existirão mais pensamentos escondidos e amores finitos. Esta é a amizade verdadeira e eterna, que começa aqui e se aperfeiçoa lá em cima; que aqui é de poucos, porque poucos são os bons; lá será de todos, porque todos serão bons. Aqui é necessária a prova, porque sábios e tolos estão juntos; lá não tem necessidade de prova, porque todos se tornaram beatos por uma perfeição angélica e quase divina. Este é o modelo com que podemos comparar aqueles amigos que amamos como a nós mesmos, de quem sabemos tudo de modo aberto, aos quais confiamos todos os nossos segredos, que são seguros e estáveis, e constantes em todas as coisas. Pensas talvez que exista algum ser humano que não deseje ser amado?

WALTER. Acredito que não.

81. AELREDO. Se tu conhecesses alguém que vive em meio a muitas pessoas, mas desconfia de todos, tem medo que todos tramem contra a sua vida, não ama ninguém, e pensa que ninguém o ame, não pensas que seria desesperadamente infeliz?

WALTER. Infelicíssimo, realmente.

AELREDO. E então não poderás negar que transborda de felicidade quem repousa nos corações daqueles com quem vive, cheio de amor por todos e por todos amado, num estado de docíssima tranquilidade, de onde a desconfiança não o afasta nem o medo o arranca[161].

WALTER. Bem dito, e absolutamente verdadeiro.

82. AELREDO. Mas talvez seja difícil na vida presente encontrar estas coisas realizadas em todos, já que elas são conservadas para aquela futura; e porém, justamente por isso, quanto mais numerosos forem aqueles que nos amam assim, tanto mais seremos felizes.

161. Quando fala de amizade, Aelredo volta continuamente sobre imagens de repouso e tranquilidade. É fácil ver como cenário deste trecho a imagem do "discípulo amado" inclinado sobre o coração de Jesus (cf. Jo 13,25 e 21,20), já evocada e comentada em *ESPELHO* 3,110.

Outro dia ia pelo claustro[162] do mosteiro, onde estavam sentados os irmãos, como a formar uma coroa de amor, e quase como num jardim de delícias admirava as folhas, as flores e frutos de cada árvore; não havia ninguém naquela multidão que eu não amasse, ninguém por quem não me sentisse amado. Fui invadido por uma alegria tão grande que superava todos os prazeres deste mundo. Sentia que o meu espírito tinha se espalhado em todos eles, e em mim tinha migrado o afeto deles, a ponto de dizer com o Profeta: *COMO É BOM, COMO É AGRADÁVEL VIVER JUNTOS COMO IRMÃOS* (Sl 132,1).

GRAZIANO. Então teremos que pensar que acolheste na tua amizade todos aqueles que deste modo tu amas e pelos quais te sentes amado?

Especificidade da amizade espiritual

83. AELREDO. São muitos aqueles que abraçamos com o nosso afeto, sem, porém, introduzi-los na intimidade da amizade, que

162. O "claustro" (*CLAUSTRUM*), termo que no início significa um "lugar fechado", e até mesmo uma "prisão", assume pouco a pouco na literatura monástica o significado de "paraíso", "lugar de frescor, de verde, de silêncio e de paz, de sombra e de luz, alto lugar de contemplação e de oração. O claustro é o coração do mosteiro, o lugar geométrico da vida comum, o centro da cidadezinha monástica" (MOULIN, L. *LA VITA QUOTIDIANA DEI MONACI NEL MEDIOEVO*. Milano, 1988, pp. 132-133). "No centro da clareira, no centro da clausura, o claustro é figura de um paraíso reconstruído. É uma área em que a domesticação do caos da floresta alcança o seu fim, onde todo o cosmo volta a ser um conjunto ordenado, um acorde musical. Desta última libertação, da plenitude recuperada, é sinal a própria forma da construção. O edifício é quadrado como a cidade de Deus, e esta quadratura evoca simultaneamente ao espírito meditativo os quatro rios do jardim do Éden, aquelas quatro fontes que são os Evangelhos, as quatro virtudes cardeais, e enfim o quaternário primordial que reside no próprio ser de Deus. São Bernardo reflete sobre estas quatro dimensões do divino: as três do espaço sensível, comprimento, largura e altura, que se acrescenta misteriosa, impensável, a profundidade" (DUBY, G. *SAINT BERNARD. L'ART CISTERCIEN*, Paris 1976, pp. 145-146). A cena evocada por Aelredo faz pensar que os monges estejam sentados no claustro, em repouso ou voltados para a leitura, segundo quanto prescrevia a *REGRA*, no cap. 42, para as várias atividades cotidianas.

consiste sobretudo na revelação de todos os nossos segredos e projetos. Como diz o Senhor no Evangelho: *NÃO VOS CHAMO MAIS SERVOS, MAS AMIGOS*, acrescentando a razão pela qual acredita chamá-los amigos: *PORQUE*, diz, *VOS FIZ CONHECER TUDO AQUILO QUE OUVI DO PAI* (Jo 15,15). E em outro lugar: *SEREIS MEUS AMIGOS SE FIZEREM O QUE VOS MANDO* (Jo 15,14). Com estas palavras, como diz Santo Ambrósio, "deu-nos um modelo de amizade a seguir: fazer a vontade do amigo, confiar-lhe os nossos segredos e tudo quanto temos no coração, não ignorar as suas coisas mais íntimas. Abramo-nos a ele, e que ele nos abra o seu coração. De fato, o amigo não esconde nada. Se é sincero, revela a sua alma, como o Senhor Jesus revelava os mistérios do Pai"[163].

84. Isto escreve Santo Ambrósio. Portanto, são muitos aqueles que nós amamos, aos quais, porém, não convém expor deste modo a nossa alma, nem revelar o nosso coração, porque não têm ainda uma idade, ou uma sensibilidade, ou um critério tal para torná-los capazes de acolher estas confidências.

85. WALTER. Uma amizade assim é tão sublime e perfeita que não ouso aspirar. A mim e a Graziano basta aquela que nos descreveu o teu Santo Agostinho: falar e rir juntos, trocar cortesias afetuosas; ler juntos e juntos discutir, brincar juntos e juntos fazer coisas sérias; discordar quando for o caso sem rancor, como alguém faz consigo mesmo, e usar os mesmos raríssimos contrastes para temperar as muitas coisas sobre as quais se está de acordo; ser um para o outro ora mestre, ora discípulo; desejar impacientemente os ausentes, acolher com alegria quem chega[164].

86. Com estes e com outros sinais que procedem do coração de quem ama e é amado, com o rosto, com a palavra, com os olhares e com outras mil expressões, atiça-se o fogo que funde as almas e que de muitos faz um só. Isto nos parece que se deve amar nos amigos, de modo que a nossa consciência se sentiria

163. Cf. SANTO AMBRÓSIO, *SOBRE OS DEVERES* 3,136.
164. Para todo este parágrafo, cf. SANTO AGOSTINHO, *CONFISSÕES* 4,8,13.

culpada se não amássemos quem responde ao nosso amor, e se não respondêssemos com o amor a quem nos ama.

87. Semelhante amizade é carnal, e é típica, sobretudo, dos jovens, como era então Santo Agostinho e o amigo de quem falava. Porém, não é de se recusar, exceto as brincadeiras pesadas e as mentiras, e se caso não intervenha um comportamento desonesto, porque traz em si a esperança de uma graça mais rica e é como o princípio de uma amizade mais santa. Uma vez que cresça a piedade e um comum empenho nas coisas do espírito, tornados com a idade mais maduros e mais sérios, e com os sentidos espirituais melhor iluminados, estes amigos poderão com um afeto purificado subir rumo a uma meta mais alta, partindo por assim dizer de não muito longe. No mais já dissemos ontem que se pode passar mais facilmente da amizade humana àquela pelo próprio Deus em razão da semelhança que existe entre as duas.

Como cultivar a amizade

88. Mas já é tempo de considerar como se deve cultivar a amizade. O fundamento da estabilidade e da constância na amizade é a confiança: de fato, nada é estável naquilo que é traiçoeiro. Os amigos devem, portanto, ser entre si simples, abertos, em sintonia, sensíveis às mesmas coisas: tudo isto diz respeito à fidelidade. Não pode ser digno de confiança um temperamento complicado e tortuoso. E também aqueles que não são sensíveis às mesmas coisas, ou não estão de acordo sobre coisas idênticas, não podem ser estáveis nem de confiança[165].

89. Sobretudo deve-se evitar a desconfiança, que é o veneno da amizade: não devemos nunca pensar mal do amigo, nem

165. O parágrafo inteiro inspira-se em *LÉLIO* 65. O termo "confiança" vem do latim *FIDES*, cujo sentido, como é claro pelo que segue, expande-se até incluir fidelidade, lealdade, transparência.

acreditar ou dar razão a quem dele fala mal. A isto se acrescente um falar afável, a alegria do rosto[166], a doçura dos modos, a serenidade do olhar, coisas todas que constituem um tempero não pequeno da amizade. A expressão austera e severa tem frequentemente uma decorosa solenidade, mas a amizade deve ser de algum modo mais relaxada, mais livre e amável, mais disponível à jovialidade e à indulgência, sem, porém, que isto se transforme em superficialidade ou dissipação[167].

90. A força da amizade está também em colocar em igualdade o inferior e o superior[168]. Frequentemente acontece que uma pessoa eminente acolha na sua amizade quem lhe é inferior por grau, ordem, dignidade ou ciência. Neste caso é necessário desprezar e estimar como um nada tudo aquilo que não pertença estritamente à natureza, mantendo constantemente o olhar fixo sobre a beleza da amizade em si, que não se enfeita com vestes de seda ou com joias, não cresce com o aumento das posses, não engorda nos prazeres, não se dilata com as riquezas, não sobe em dignidade com as honras. Assim, retornando continuamente ao princípio e às origens, deve-se considerar com

166. Encontram-se aqui alguns traços que Aelredo já elogiou no amigo Simão: a doçura no falar e a alegria do rosto "sem algum sinal de dissipação", um sorriso composto, digamos (cf. *ESPELHO* 1,108). Este conjunto de traços que tornam amável uma pessoa devia estar muito presente ao coração de Aelredo: reaparecem idênticos numa espécie de citação literal, em um sermão pela festa da Apresentação ao Templo: "Quando vemos um homem com o rosto alegre, suave nos modos, afável no falar, logo a nossa alma é atraída para ele por um sentimento de doçura" (*SERMONES INEDITI B. AELREDI ABBATIS RIEVALLENSIS* [C. H. TALBOT ed.], Romae 1952, p.48). Também na lembrança de Ivo de Wardon, Aelredo destaca o irradiar do rosto (*VULTUS EIUS ELUCET*), a doçura do olhar (*DULCES ARRIDENT OCULI*), e a agradável afabilidade da voz (*IUCUNDA VERBA*): veja *AMICIZIA* 2,5.

167. Cf. *LÉLIO* 69. Aelredo retoca o texto de Cícero, acrescentando uma restrição em relação à disponibilidade a "toda forma" de jovialidade do original: ver nota anterior.

168. Cf. *LÉLIO* 69. Cf. também São Jerônimo, *COMENTÁRIO SOBRE MIQUEIAS* II, 7, 5-7 (CCL 76, 510): "A amizade ou encontra ou torna iguais. Onde há desigualdade um toma a supremacia e o outro é obrigado a submeter-se. Isto, porém, não é amizade, mas adulação".

inteligente perspicácia a igualdade que a natureza estabeleceu, não os adornos e enfeites que a ganância ofereceu aos homens.

91. Por isso, na amizade, que é o melhor dom oferto ao mesmo tempo pela natureza e pela graça, quem está no alto desça, e quem está em baixo suba; o rico se encontre na necessidade, e o pobre se enriqueça; e cada um troque com o outro a própria condição, de modo que se realize a igualdade, como está escrito: *QUEM RECOLHEU MUITO NÃO TEVE EXCESSO, E QUEM RECOLHEU POUCO NÃO SOFREU PENÚRIA* (2Cor 8,15). Portanto, nunca te coloques na frente do amigo, mas se te reconheces superior a ele em alguma das coisas que nomeamos, tens um motivo a mais para abaixar-te diante dele sem dúvida, dar-lhe a tua confiança, louvá-lo se é tímido; e tanto mais o deves honrar quanto menor a sua condição ou a sua pobreza requer[169].

O exemplo de Davi e Jonatas

92. O belíssimo jovem Jonatas[170], não tendo em conta nem a glória real nem o seu direito ao trono, fez um pacto com Davi (cf. 1Sam 20): a amizade tornou o servo igual ao patrão, e ele o preferiu a si mesmo quando foi obrigado a fugir de Saul, seu pai, quando teve que se esconder no deserto porque fora condenado à morte; e humilhando a si mesmo para exaltá-lo, disse: *TU REINARÁS, E EU SEREI O TEU SEGUNDO* (1Sam 23,17). Oh esplêndido espelho da verdadeira amizade! Oh incrível maravilha! O rei se enfurecia contra o servo e lhe soltava atrás toda a nação como se fosse um pretendente usurpador; com base em uma simples

169. Cf. *LÉLIO* 72; SANTO AMBRÓSIO, *SOBRE OS DEVERES* 3,133, onde a amizade é definida *AEQUALITATIS MAGISTRA*.

170. Deste clássico *EXEMPLUM* de amizade na Bíblia, Aelredo já tinha se ocupado em Espelho 3, 69-71. Aqui, a reflexão desenvolveu-se e foi ritmada por um refrão constituído pela citação de 1Sm 23,17 repetida quatro vezes: o gesto de Jonatas que, em nome da amizade, reverte os papéis hierárquicos entre ele e Davi ilustra e ao mesmo tempo estrutura formalmente o tema da seção.

desconfiança acusa de traição os sacerdotes e os extermina; patrulha os bosques, vasculha os vales, sitia com o seu exército montanhas e penhascos; todos se empenhavam em vingar a ira do rei; apenas Jonatas, o único que podia com boas razões ter ciúmes de Davi, decidiu resistir ao pai, colocar-se do lado do amigo, oferecer-lhe o seu conselho em meio a tanta desgraça, e preferindo a amizade ao reino disse: *TU REINARÁS, E EU SEREI O TEU SEGUNDO* (1Sam 23,17).

93. E note como o pai se empenhava para fazer com que o jovem sentisse ciúme do amigo, atacando-o com insultos e assustando-o com a ameaça de privá-lo do reino e da dignidade. Quando, depois, o rei pronunciou a sentença de morte contra Davi, Jonatas não abandonou o amigo. Disse: *POR QUE DAVI DEVERÁ MORRER?* (1Sam 20,32) Em que pecou? *O QUE TE FEZ? ELE ARRISCOU A SUA VIDA, MATOU O FILISTEU, TU O VISTE E TE REGOZIJASTE* (1Sam 19,5) Então por que deve morrer? Ao ouvir estas palavras, louco de raiva, o rei atirou a lança contra Jonatas (cf. 1Sam 20,33), acrescentando aos insultos as ameaças: *FILHO DE UMA TRANSVIADA! NÃO SEI EU POR ACASO QUE TOMAS PARTIDO PELO FILHO DE JESSÉ, PARA TUA VERGONHA E PARA A VERGONHA DA NUDEZ DE TUA MÃE?* (1Sam 20,30).

94. Assim vomitou todo o veneno que tinha dentro para borrifa-lo no coração do jovem, acrescentando palavras que deviam desencadear a sua ambição, fomentar o ciúme, acender a inveja e o amargo rancor: *ENQUANTO O FILHO DE JESSÉ ESTIVER VIVO NA TERRA, TU NÃO CONSOLIDARÁS TUA REALEZA* (1Sam 20,31). Quem não estaria abalado por estas palavras? Quem não teria sentido inveja? Que amor, que graça, que amizade podia resistir a estas palavras sem ser abalada, diminuída e cancelada? Aquele jovem cheio de amor, fiel ao pacto da amizade, forte diante das ameaças, paciente diante dos insultos, desprezou o reino e preferiu a amizade, não considerou a glória porque tinha no coração a graça. *TU REINARÁS, E EU SEREI O TEU SEGUNDO* (1Sam 23,17).

95. Disse Cícero que há pessoas "que consideram desprezível preferir o dinheiro à amizade", mas que é impossível encontrar "quem antepõe a amizade aos cargos públicos, àqueles políticos, aos comandos militares, aos poderes e às riquezas de modo que quando lhes são oferecidas de um lado estas coisas e do outro o direito da amizade, poucos escolhem esta última. De fato, a natureza é fraca demais para desprezar o poder. Onde se encontrará", diz, "quem anteponha a honra do amigo à sua?"[171]. Aqui está, encontrou Jonatas que venceu a natureza, desprezou glória e poder, preferiu à própria a honra do amigo. *TU REINARÁS, E EU SEREI O TEU SEGUNDO* (1Sam 23,17).

96. Esta é a amizade verdadeira, perfeita, estável e eterna: não a corrompe a inveja, não a reduz a desconfiança, não a dissolve a ambição; colocada à prova não caiu; abalada não desabou; atingida por tantos insultos permaneceu inflexível, provocada por tantas injúrias ficou irremovível. *VAI, E FAZE TU O MESMO* (Lc 10,37). Porém, se pensas que seja duro e até mesmo impossível preferir aquele que amas a ti mesmo, vê ao menos em colocá-lo sobre o teu mesmo plano se queres ser teu amigo.

97. Quem, de fato, não mantém a igualdade com o outro não pratica a amizade de modo justo. "Seja respeitoso para com o amigo como um teu igual", diz Santo Ambrósio, "e não tenhas vergonha em antecipá-lo para fazer um serviço. A amizade, de fato, não conhece a soberba. O amigo fiel é realmente um remédio para a vida, uma graça de imortalidade"[172].

171. Cf. *LÉLIO* 63-64. Escrevendo "É impossível encontrar", Aelredo transforma e dá ainda mais força a quanto Cícero exprimia como pergunta retórica.
172. Cf. SANTO AMBRÓSIO, *SOBRE OS DEVERES* 3,129. A citação final de Eclo 6,16, já utilizada por Aelredo, é ainda mais aumentada por Santo Ambrósio com o acréscimo do termo *GRATIA*.

Amizade e troca de favores

Vejamos agora como se deve praticar a amizade em relação aos benefícios, e aqui roubarei alguma coisa das mãos de outros. Alguém disse: "Sancione-se na amizade esta lei: peçamos aos amigos coisas honestas, façamos coisas honestas para os amigos, sem esperar ser solicitado; não exista nunca a dúvida, exista sempre a gentileza"[173].

98. Se para o amigo se deve estar disposto a perder algum dinheiro, tanto mais se deve estar pronto a usá-lo para vir de encontro às suas necessidades. Mas não todos podem tudo. Há quem tem muito dinheiro, quem é, ao contrário, rico de campos e propriedades; alguém é melhor em dar conselhos, outro é melhor em distribuir honras. Considera com prudência como tu deves comportar-te com o amigo em relação a estas coisas. Sobre o dinheiro, a Escritura disse o quanto basta: *SACRIFICA TUA PRATA POR UM IRMÃO E UM AMIGO* (Eclo 29,13). Mas já que os olhos do sábio estão na sua cabeça (cf.Ecl 2,14), se nós somos os membros e Cristo é a cabeça (cf. Ef 1,22-23; Col 1,18), façamos aquilo que diz o Profeta: *OS MEUS OLHOS ESTÃO SEMPRE VOLTADOS PARA O SENHOR* (Sl 24,15), para receber dele a regra de vida, sobre a qual está escrito: *SE ALGUÉM DENTRE VÓS NECESSITA DE SABEDORIA, PEÇA-A A DEUS, QUE CONCEDE GENEROSAMENTE A TODOS SEM RECRIMINAÇÕES* (Tg 1,5).

99. E então dá ao teu ao amigo sem fazê-lo pesar, sem esperar uma recompensa, sem franzir a testa, sem voltar o rosto, sem abaixar o olhar; mas com aspecto sereno, um rosto brilhante e palavras amáveis, não esperes nem mesmo que termine o seu pedido, vai ao encontro dele com modo gentil, de modo a parecer que seja tu a dar-lhe quanto tem necessidade sem que nem mesmo o peça. Uma alma sensível pensa que nada o envergonhe quanto o ter que pedir. Já que tu formas com o teu amigo

173. Cf. *LÉLIO* 44.

um só coração e uma só alma, seria gravemente ofensivo não colocar em comum também o dinheiro. Assim, sobre isto se observe entre os amigos a regra seguinte: cada um deve dar a si mesmo e as suas coisas de modo que quem dá conserve o sorriso, e quem recebe não perca a sua tranquilidade.

100. Quando Booz percebeu a indigência de Rute, a Moabita, falou-lhe enquanto recolhia espigas atrás dos ceifadores, consolou-a, convidou-a à refeição dos seus servos e, tendo em conta, com coração nobre, a sua timidez, ordenou aos ceifadores para deixarem cair de propósito algumas espigas para que ela pudesse recolhê-las sem se sentir humilhada (Cf. Rt 2,8-16). Assim devemos também nós adivinhar com delicadeza as necessidades dos amigos, antecipar com o nosso dom um pedido e usar para isto um estilo que dê a quem recebe a impressão que seja ele a fazer um favor, não aquele que oferece o dom.

WALTER. E nós, que não temos a licença nem para receber nem para dar alguma coisa, como podemos viver nesta parte a graça da amizade espiritual?

A reciprocidade na relação entre amigos

101. AELREDO. "Os homens", diz o Sábio, "teriam uma vida felicíssima se tirassem de seu meio estas duas palavras: meu e teu"[174]. A amizade espiritual recebe certamente um fundamento muito sólido da santa pobreza, que é justamente santa porque é voluntária. Já que a cobiça arruína mortalmente a amizade, é certamente muito mais fácil conservar uma amizade já iniciada quanto mais a alma estiver imune àquela peste.

Mas existem na amizade espiritual outros benefícios com os quais os amigos podem fazer sentir a presença deles e a ajuda deles. Antes de tudo, sejam solícitos um pelo outro, rezem um

174. Cf. SÊNECA, *Moniti* 97.

pelo outro, sinta cada um como própria a humilhação do outro, e alegre-se pela alegria do outro; um chore como próprio o erro do outro; e considere como seu o progresso do outro.

102. Use tudo quanto está no seu poder para encorajar o amigo se é tímido, sustentá-lo se está fraco, consolá-lo se está triste, suportá-lo se está indignado. Além disso, tenha tal respeito pelo olhar do amigo para não ousar fazer nada de desonesto, ou dizer alguma coisa de inconveniente. Pois cada erro que um faz cai sobre o amigo, a ponto que não é só quem erra que envergonha-se e sofre, mas o amigo que vê ou ouve quanto fez o outro culpa a si mesmo, como se ele que tivesse errado; e assim, se um não tem constrangimento por si, o tenha ao menos pelo amigo.

O respeito é o melhor companheiro da amizade; e assim, "tira da amizade o máximo ornamento quem lhe tira o respeito"[175].

103. Quantas vezes a chama da ira que já estava acesa dentro de mim e estava para explodir fora foi sufocada e apagada por um simples aceno do meu amigo; quantas vezes uma palavra inconveniente que já tinha chegado aos lábios foi reprimida pela severidade de seu olhar. Quantas vezes, encontrando-me imprudentemente a rir de modo estatelado, ou perdido em fúteis vazios, reencontrei apenas com o seu aproximar-se a devida seriedade.

Conselhos e correção fraterna

Além disso, quando se deve ser convencido de uma coisa, se aceita mais facilmente o parecer de um amigo e se está mais seguro de recordá-lo, pois a força de persuasão de um amigo é obviamente grande: de fato, nenhuma dúvida sobre a sua lealdade, e nenhuma suspeita de adulação.

104. O amigo, portanto, aconselhe ao amigo aquilo que é honesto, com firmeza, clareza e liberdade. Os amigos, pois,

175. Cf. *Lélio* 82.

não são só advertidos, mas, se for o caso, devem ser repreendidos. De fato, para alguns a verdade incomoda, e pode acontecer que dizê-la suscite ódio, como é dito: "A adulação gera amigos, a verdade ódio; a adulação, todavia, é muito mais prejudicial, porque, sendo indulgente com os erros, deixa que o amigo caia na ruína"[176]. Mas o amigo é gravemente culpável, e, portanto, sobre isto é repreendido, se despreza a verdade, e se se deixa induzir a cometer coisas graves pelas adulações e bajulações. Não que nos seja proibido agradar com doçura os amigos, e com frequência também louvá-los: mas em tudo deve ser respeitada a medida, de modo que a advertência seja desprovida de dureza, e a repreensão não se torne um insulto.

105. Na conciliação e nas saudações haja sempre uma doce e honesta afabilidade; eliminem, ao contrário, com decisão os risos falsos, que são fontes de vício, indignos não só de um amigo, mas também de um homem livre.

Depois, se alguém tem mesmo as orelhas fechadas à verdade, a ponto de não poder escutá-la nem mesmo de um amigo, então deve desesperar-se pela sua salvação.

106. Por isso, como diz Santo Ambrósio, "se descobres algum defeito no amigo, corrige-o em privado; se não te escuta, corrige-o em público. As correções, de fato, são boas, e com frequência são melhores que uma amizade que escolhe o silêncio. Embora o amigo se sinta ofendido, corrige-o da mesma forma. Embora a amargura da correção lhe fira a alma, corrige-o da mesma forma. *É MELHOR SUPORTAR AS FERIDAS INFLIGIDAS PELOS AMIGOS, QUE OS BEIJOS DOS ADULADORES* (Pr 27,6). Corrige, portanto, o amigo que está fora do caminho"[177].

176. Cf. *LÉLIO* 89. A primeira frase (*OBSEQUIUM AMICUS, VERITAS ODIUM PARIT*) é citada pelo próprio Cícero e encontra-se em Terêncio, *ANDRIA* 68 (Ed. J. Morouzeau, Vol I, Paris, 1947, p.128).
177. Cf. SANTO AMBRÓSIO, *SOBRE OS DEVERES* 3, 128.

Ao corrigir deve-se, sobretudo, evitar a ira e o ressentimento ácido, para que não pareça que, mais que corrigir um amigo, alguém queira liberar o excesso de bile.

107. De fato, vi alguns que ao corrigir os amigos faziam passar como zelo e franqueza aquilo que, ao contrário, era amargura e o ferver da exasperação. Este modo de corrigir, que segue o instinto e não a razão, nunca agradou ninguém, pelo contrário, frequentemente causou muitos danos. Entre amigos não há nenhuma justificação possível para este vício. De fato, o amigo deve entrar em sintonia com o próprio amigo, ser condescendente, sentir como seu o defeito do outro, corrigir de modo discreto, fazendo seus os sentimentos do outro. Corrija-o com tristeza no rosto, com palavras que exprimam pesar, com o pranto que interrompe as palavras: que o outro não só veja, mas também sinta que a correção brota do amor, e não do rancor. Se recusar uma primeira correção, acolha ao menos a segunda. Entretanto tu rezas, choras: mostra um rosto triste, mas conserva um afeto cheio de caridade.

108. Deves também sondar como é o seu ânimo. Existem, de fato, aqueles que se dobram com mais prazer às carícias, outros que não fazem nenhum caso, e corrigem-se mais facilmente com o chicote ou com as palavras. Assim, o amigo adapte-se ao amigo, regulando-se segundo o seu temperamento[178], e já que lhe deve estar perto nas adversidades que o atingem de fora, se apresse ainda mais para ir ao seu encontro nas dificuldades que afligem o seu espírito. "Portanto, se é próprio da amizade advertir e fazer algo com liberdade, mas sem aspereza,

178. Aelredo teoriza aqui o seu estilo de governo à frente da comunidade. De fato, assim escreve na *ORAÇÃO PASTORAL* (n.8): "Ensina-me, Senhor, a corrigir os inquietos, a consolar os medrosos, a sustentar os fracos, e a adaptar-me ao caráter de cada um segundo a sua natureza, o seu temperamento, os seus sentimentos, as suas capacidades, a sua simplicidade, segundo as circunstancias de tempo e de lugar, segundo quanto tu consideras útil para eles". Vejam-se, no mais, as indicações que dá a *REGRA* no cap. 2, onde se fala do comportamento do monge.

e suportar algo com paciência, mas sem repugnância, deve-se considerar que nas amizades não existe peste maior que a adulação e o servilismo; estas coisas são típicas de pessoas superficiais e mentirosas, que dizem sempre aquilo que o outro quer, e nunca a verdade"[179].

109. Não haja, portanto, nenhuma hesitação entre os amigos, nenhuma simulação, coisa que mais do que qualquer outra repugna a amizade. O amigo tem direito à "verdade, sem a qual o próprio nome de amizade não tem nenhum valor"[180]. Diz o santo rei Davi: *QUE O JUSTO ME BATA, QUE O BOM ME CORRIJA, QUE O ÓLEO DO ÍMPIO NÃO ME PERFUME A CABEÇA* (Sl 140,5). Quem é esperto e age com fingimento provoca a ira de Deus. Por isso, o Senhor diz por meio do Profeta: *Ó MEU POVO, OS TEUS CONDUTORES TE DESENCAMINHAM, BARALHAM AS VEREDAS EM QUE DEVES ANDAR* (Is 3,12). Porque, como diz Salomão, o ímpio arruína o próximo com a boca (Pr 11,9). Assim, deverás praticar a amizade de modo que, se às vezes, por motivos precisos, admitir a dissimulação, não haja nunca lugar para a simulação.

WALTER. Mas diga-me, como é possível que a dissimulação se torne necessária, se ela é sempre, ao menos me parece, um vício?

110. AELREDO. Tu te enganas, filho. De fato, diz-se que Deus [dissimula] fecha os olhos diante dos pecados de quem erra (cf. Sb 11,23), *NÃO QUERENDO A MORTE DO PECADOR, MAS QUE SE CONVERTA E VIVA* (Ez 33,11).

WALTER. Então, peço-te, faz-me entender que diferença existe entre a simulação e a dissimulação.

A dissimulação: uma forma de respeito

111. AELREDO. A simulação, parece-me, é um consenso enganador, contrário ao juízo da razão. Terêncio expressou com

179. Cf. *LÉLIO* 91.
180. Cf. *LÉLIO* 92.

bela elegância o conceito no personagem de Gnatone: "Alguém disse não? Digo não. Alguém disse sim? Digo sim. No final me impus de dar razão a todos"[181]. Pode ser que este pagão tenha tirado isso do nosso tesouro, exprimindo com as palavras quanto pensa um nosso profeta. De fato, está claro que o profeta pretende a mesma coisa quando faz dizer ao povo perverso: *NÃO PROCUREIS TER VISÕES QUE NOS REVELEM O QUE É RETO. DIZEI-NOS ANTES COISAS AGRADÁVEIS* (Is 30,10). E em outro lugar: *OS PROFETAS PROFETIZAM MENTIRAS, OS SACERDOTES PROCURAM PROVEITOS. E MEU POVO GOSTA DISTO!* (Jr 5,31). Este vício é sempre detestável, sempre e em qualquer lugar deve ser evitado.

112. A dissimulação, ao contrário, é uma forma de suspensão, pela qual a pena ou a correção são adiadas, sem com isto aprovar interiormente o erro, mas considerando o lugar, o momento da pessoa. Se, de fato, um amigo teu comete um erro em público, não é que tu devas repreendê-lo logo e na frente de todos; mas, considerado o lugar, é necessário dissimular, ou melhor, o quanto for possível, ficando salva a verdade, deve-se desculpar aquilo que fez, e esperar encontrar-se num lugar privado e familiar para fazer-lhe a repreensão que merece. Assim, quando o ânimo está ocupado com muitas coisas e se encontra menos disposto a escutar, ou então por algum motivo está emotivamente perturbado e principalmente agitado, é necessário dissimular, até que, cessado o tumulto interior, seja capaz de aceitar a repreensão com ouvidos mais tranquilos.

113. Quando o rei Davi, movido pela concupiscência, acrescentou ao adultério um homicídio, o profeta Natã, respeitoso pela majestade do rei, mesmo com agitação no coração, não foi logo acusar uma pessoa tão importante do crime cometido, mas, dissimulando por um tempo conveniente, conseguiu com prudência suspender a sentença que condenava o mesmo rei (Cf. 2Sam 12,1-14).

181. Cf. TERÊNCIO, *EUNUCO* 252-253 (Ed. J. Morouzeau, Paris, 1947, p.239).

Amizade e atribuição de cargos

114. WALTER. Agrada-me muito esta distinção. Mas queria saber se um amigo que goza de um certo poder, e está em condições de atribuir honras e dignidade àqueles que quiser, deve preferir nestas promoções aqueles que ama e pelos quais é amado, e se entre estes deve preferir aqueles que ama mais àqueles que ama menos.

115. AELREDO. É útil examinar como se deve praticar a amizade neste ponto. Existem alguns que consideram não serem amados se não são promovidos a alguma dignidade, e lamentam-se por serem deixados de lado se não são escolhidos para algum cargo ou função. Sabemos que este modo de pensar provocou discórdias não pequenas entre pessoas que se consideravam amigas: à raiva seguiu a separação, e à separação os insultos. Por isso, ao distribuir honras e cargos, sobretudo eclesiásticos, é usada uma grande cautela: não deves olhar aquilo que tu podes oferecer, mas se o outro está em condições de sustentar aquilo que tu ofereces a ele[182].

116. Muitas são as pessoas que merecem ser amadas, mas não por isso serem promovidas; como são muitos aqueles que podemos honestamente abraçar na doçura do nosso afeto, mas se confiássemos a eles um cargo ou função, cometeríamos um grave pecado e os colocaríamos em grave perigo. Nestas coisas deve-se sempre seguir a razão, não o sentimento, e não devemos impor encargos ou pesos nas costas daqueles que nos são mais amigos, mas daqueles que são mais idôneos a levá-los. Porém, onde a virtude é igual, não desaprovaria se de algum modo o afeto se intromete na decisão.

117. Ninguém, então, se sinta desprezado se não receber uma promoção, já que o Senhor Jesus, em um caso análogo, preferiu Pedro a João, e dando a Pedro o comando certamente não tirou o afeto por João. A Pedro confiou a sua Igreja, a João confiou a

182. Cf. *Lélio* 73.

sua docíssima mãe (cf. Jo 19,27). A Pedro deu as chaves do seu Reino (cf. Mt 16,19), a João abriu os segredos do seu coração[183]. Pedro, portanto, está mais no alto, mas João está mais na segurança. Pedro, embora constituído de autoridade, quando Jesus diz: "*Um de vós me trairá*" (Jo 13,21-25), com os outros treme e tem medo; João, audacioso pela sua intimidade com Jesus, sobre quem o peito estava inclinado, captando o aceno de Pedro que quis saber quem era, ousa interrogar. Pedro, então, é lançado na ação, João é reservado para o afeto, porque diz: *Eu quero que ele permaneça até que eu venha* (Jo 21,22). De fato, deu-nos um exemplo, para que nós façamos assim (cf. Jo 13,15).

118. Damos ao amigo tudo quanto está em nosso poder em amor, graça, doçura, caridade; ao invés, damos as honras fúteis e os cargos àqueles que nos sugere a razão, sabendo que alguém não amará nunca realmente um amigo se o amigo não lhe basta assim como é, e quer mais estas coisas vis e desprezíveis dele.

Mas também se deve estar muito atentos para não impedir uma vantagem maior porque impedidos por um afeto terno demais[184]. Isto acontece quando, apresentando-se a possibilidade de utilizar melhor pessoas a quem estamos ligados por um grande afeto, não queremos separar-nos deles nem sobrecarregá-los de pesos. Na amizade bem ordenada[185], a razão deve governar o sentimento, e deve-se olhar não tanto ao gosto do amigo, quanto principalmente à utilidade geral.

Lembranças de dois amigos de Aelredo

119. Agora me vem em mente dois amigos meus que, embora não estejam mais neste mundo, para mim estão e estarão sempre

183. Cf. *Espelho* 3,110.
184. Cf. *Lélio* 74. Aelredo substitui a *intemperata benevolentia* de Cícero por *tenerior affectus*.
185. Cf. *Espelho* 3,41.

vivos[186]. O primeiro o ganhei no início da minha conversão, quando era ainda jovem, e tínhamos nos tornado amigos por uma certa semelhança de temperamento e de interesses[187]. O outro eu o escolhi quando era ainda um adolescente, e depois de tê-lo colocado à prova repetidamente de muitos modos, quando afinal a idade começava a mudar-me a cor dos cabelos, o acolhi numa profundíssima amizade[188].

O primeiro tinha-o escolhido como sócio e companheiro para dividir com ele as delícias do claustro e as doçuras do espírito que começava então a apreciar, não tendo sido ainda oprimido por algum cargo pastoral nem distraído por alguma preocupação temporal. Não pedia nem dava outra coisa a não ser o afeto, e certas suaves expressões do mesmo, segundo o que ditava a caridade. O outro, que havia escolhido ainda jovem como ajudante nas minhas ocupações, tive como colaborador nas fadigas presentes.

Na onda da memória, fazendo uma comparação entre estas duas amizades, diria que a primeira se apoiava, sobretudo, sobre o sentimento, e a segunda sobre a razão, embora a esta não faltasse o afeto, e nem a primeira foi abandonada pela razão.

120. O primeiro foi depois arrancado da vida no início da nossa amizade, então pude apenas escolhê-lo, mas não prová-lo, como dissemos que se deve fazer; o outro, que me foi deixado, e foi por mim amado desde a adolescência até a meia idade, subiu comigo todos os degraus da amizade, no que foi possível à nossa imperfeição.

A primeira coisa que atraiu o meu sentimento para com ele foi a admiração pelas suas virtudes. Então, tirei-o das terras do sul e conduzi-o nesta solidão nórdica, e fui eu o primeiro a formá-lo na disciplina da regra. Desde então, vitorioso sobre o

186. Cf. Lélio 102.

187. Trata-se quase certamente de Simão, que Aelredo conheceu durante os anos de noviciado, e sobre quem pronuncia um comovido elogio em *Espelho* 1, 98-114.

188. Pensa-se que seja Gofredo de Dinan.

corpo, capaz de suportar a fatiga e a fome, foi para muitíssimos um exemplo, suscitou a admiração de muitos, para mim fonte de orgulho e de satisfação. Considerei, então, cultivá-lo segundo os princípios da amizade, como era natural fazer com alguém que não era um peso a ninguém, mas era simpático a todos.

121. Ia e vinha seguindo as ordens dos superiores, humilde, manso, sério no comportamento, de poucas palavras, alheio do que fosse a raiva, a fofoca, o rancor, a difamação. Caminhava *COMO UM SURDO QUE NÃO OUVE, E COMO UM MUDO QUE NÃO ABRE A SUA BOCA* (Sl 37,14). *TORNOU-SE COMO UM ANIMAL DE CARGA* (Sl 72,22), submisso ao freio da obediência, levando incansavelmente, na mente e no corpo, o jugo da disciplina monástica.

Uma vez, ainda adolescente, tendo sido internado na enfermaria, foi repreendido pelo santo abade, meu antecessor, porque ainda tão jovem abandonou-se tão cedo ao repouso e à inércia: ficou todo vermelho pela vergonha, e, saindo, imediatamente submeteu-se com tanto fervor aos exercícios físicos que, por muitos anos, nem mesmo quando foi atingido por uma grave doença, nunca se permitiu diminuir o rigor habitual.

122. Estas coisas fizeram-no entrar de modo admirável no mais íntimo do meu coração, e introduziram-no a tal ponto na minha alma que de inferior se tornou companheiro, de companheiro amigo, e de amigo amicíssimo.

Quando percebi que na graça e na virtude tinha, afinal, alcançado alguns anciãos[189], escutado o conselho dos irmãos, coloquei em suas costas o cargo do subpriorado. Não era este certamente o seu desejo, mas já que era inteiramente devotado à obediência, aceitou docilmente. Todavia, falando-me em privado, procurou de muitos modos fazer-me aceitar seu pedido de demissão, dando como motivos a idade, a inexperiência, e também a amizade que então estava brotando entre nós: temia que naquele cargo tivesse tido menos possibilidade de amar e de ser amado.

189. Literalmente: "quanto à graça e virtude tinha afinal os cabelos brancos". Cf. a mesma expressão em *Espelho* 3,67.

123. Mas, apesar de todas estas tentativas, já que não conseguia obter nada, com plena liberdade, embora com humildade e moderação, começou a revelar os temores que nutria por nós dois, e a dizer todas aquelas coisas que em mim lhe agradavam menos, esperando, como me confessou depois, que esta sua presunção tivesse me ofendido, e assim teria me convencido mais facilmente a conceder-lhe quanto pedia.

Mas esta sua liberdade de coração e de palavra teve apenas o efeito de levar ao ápice a nossa amizade: queria-o como amigo, e não um qualquer. Quando percebeu que aquilo que tinha dito me agradava, que tinha respondido humildemente a toda singular observação, dando-lhe satisfação sobre tudo, e que não só não havia alguma razão de ofensa, mas sim um fruto mais abundante, então começou ele também a amar-me com mais força que antes, a folgar as rédeas[190] do sentimento, e a derramar-se inteiramente no meu coração. Isto demonstrou a mim a sua franqueza, e a ele a minha paciência.

124. Quando se apresentou a ocasião, eu também, dando-lhe em troca, considerei ter que repreendê-lo com maior severidade, não poupando palavras que pareciam insultos, mas esta minha franqueza não o tornou nem impaciente nem ingrato. Comecei, então, a revelar-lhe os meus propósitos mais íntimos, e o encontrei fiel. Assim, entre nós cresceu o amor, aqueceu o afeto, reforçou a caridade, até que chegamos a ter um só coração e uma só alma, a querer ou não querer as mesmas coisas[191], num amor que não conhecia medos, desconhecia a ofensa, era privado de desconfianças, detestava a adulação.

125. Não haviam entre nós fingimentos ou simulações, nenhum riso falso, nenhuma agressividade inconveniente, nenhum desvio, nenhuma ocultação; tudo era claro e aberto, a ponto de às vezes parecer que o meu coração fosse o seu, e o seu o meu, e esta era também a sua sensação. Agindo assim no caminho reto

190. Cf. *Lélio* 45.

191. Retomada da definição de amizade em At 4,32 e em SALÚSTIO, *Catilina* 20,4.

da amizade, a correção não suscitava indignação, nem o consenso se tornava complacência culpada. Por isso, demonstrando-se amigo em tudo, ele me oferecia, enquanto estava nele, paz e tranquilidade. Era ele a expor-se aos perigos e a enfrentar os obstáculos a nascer.

126. Às vezes, quando estava já doente, eu desejava dar-lhe um pouco de alívio material; ele, porém, proibia-me, dizendo que devíamos ficar atentos para que o nosso amor não fosse medido em base a uma consolação física, ou que o gesto fosse atribuído mais ao meu afeto carnal que à sua real necessidade, o que teria diminuído a minha autoridade. Era como a minha mão, o meu olho, o bastão da minha velhice (Tb 5,23). Era o travesseiro sobre o qual repousava o meu espírito, era o doce alívio das minhas dores; exausto pelas fadigas, eu era acolhido no seio do seu amor; mergulhado no desânimo e na tristeza, as suas palavras me recriavam.

127. Se estava agitado, ele me trazia à calma; se estava aborrecido, ele me tranquilizava. Se acontecia alguma coisa menos agradável, eu lhe contava, para poder, unido a ele, sustentar mais facilmente aquilo que sozinho não conseguia suportar.

Que mais dizer? Não foi talvez um antegozo da felicidade do céu este modo de amar e ser amado, ajudar e ser ajudado, e pela doçura da caridade fraterna, este ganhar força para voar naquele lugar altíssimo onde brilha o sublime esplendor do amor de Deus; e sobre a escada da caridade ora subir rumo ao abraço do próprio Cristo, ora descer ao amor do próximo para uma doce pausa de repouso? Se nesta nossa amizade, de que falei para mostrar um exemplo, vocês encontram alguma coisa para imitar, sirvam-se dela para o ganho de vocês.

Conclusão

128. Mas para concluir finalmente esta nossa conversa, também porque o sol está se pondo, digamos que agora vocês estão

convencidos de que a amizade nasce do amor. Se alguém, porém, não ama a si mesmo, não pode nem mesmo amar um outro, já que o amor do próximo se constrói sobre o modelo do amor com o qual alguém ama a si mesmo. Mas não ama a si mesmo aquele que ou exige de si ou se impõe alguma coisa desprezível e desonesta.

129. O primeiro passo, portanto, consiste em purificar a si mesmo, não cedendo a nada que seja indecoroso, nem tirando nada de quanto pode ser útil. Quem ama a si mesmo deste modo, ame também o próximo, seguindo a mesma regra. Mas, já que este amor compreende muitas pessoas, escolha entre elas quem admitir com um vínculo mais familiar na intimidade da amizade, e nele derrame copiosamente o seu afeto, abrindo o seu peito até mostrar as entranhas e a medula, os pensamentos e os desejos secretos do seu coração.

130. A escolha seja feita, porém, não atrás do impulso escorregadio do sentimento, mas segundo a perspicácia da razão, em base à semelhança dos temperamentos e em consideração das virtudes. Portanto, gaste-se pelo amigo, cuidando para que seja excluída toda superficialidade, e tudo seja pleno de alegria, nem faltem a ajuda e o respeito gentil que nascem de uma benevolência e de uma caridade bem ordenadas. Coloque depois à prova a sua fidelidade, a sua honestidade, a sua paciência. Então, passe gradualmente à comunhão dos pensamentos, ao empenho constante sobre interesses comuns, chegando até a certa conformação dos rostos[192].

192. Sobre o significado do rosto Aelredo escreveu: "O rosto, me parece, é a consciência da alma, aquele que é a testemunha de todas as ações, as palavras e os pensamentos... A consciência é como um espelho da alma" (*SERMÕES SOBRE ISAÁS* 10: PL 195,399C). Veja-se quanto escreve A. Fiske (Aelred of Rievaulx's Idea of Friendship and Love In: *CÎTEAUX* 13, 1962, 127): "O rosto significa presença: é também um reflexo da própria alma, o seu espelho, a sua consciência. Por isto o simples ver um amigo é uma graça. E o rosto de Simão bastava para ajudar Aelredo a recolher-se em Deus".

131. Os amigos, de fato, devem estar tão conformes que, apenas um vê o outro, também o aspecto do rosto de um se reflete naquele do outro, seja quando está triste e abatido, seja quando está sereno e alegre.

Depois de tê-lo escolhido e colocado à prova, certifique-se de que não queira nem concorde, se pedido, com nada de inconveniente; verifique se considera a amizade uma virtude, e não um negócio lucrativo, se ele foge da adulação e detesta os risos falsos, se é franco e ao mesmo tempo discreto no falar, se aceita com paciência a correção, se é constante e equilibrado no querer bem: então apreciarás aquela doçura espiritual que faz dizer: *COMO É BOM, COMO É AGRADÁVEL HABITAR TODOS JUNTOS COMO IRMÃOS* (Sl 132,1).

132. Então verás quanto ganhamos ao sofrer um pelo outro, a labutar um pelo outro, a carregar os pesos um do outro (cf. Gl 6,2), quando cada um acha doce esquecer a si mesmo em favor do outro, preferir a vontade do outro à própria, ir ao encontro da necessidade do outro antes de pensar nas próprias, expor-se e opor-se às adversidades para poupar o amigo. E, no entanto, quanta doçura ao falarem-se, ao partilharem projetos e pensamentos, examinando tudo juntos, e em tudo convergindo a um único parecer.

133. Além disto, existe o rezar um pelo outro, uma oração que, vindo de um amigo, é tanto mais eficaz quanto mais carregada de afeto e sobe a Deus, junto a um derramar de lágrimas, sejam estas provocadas pelo temor, ou estimuladas pelo afeto, ou evocadas pela dor. Assim, um amigo que suplica a Cristo pelo amigo, e deseja ser atendido por Cristo por amor do amigo, termina por levar a Cristo o seu amor e o seu desejo; assim, acontece às vezes que rapidamente e de modo imperceptível se passe de um afeto ao outro e, com a sensação de tocar de perto a doçura do próprio Cristo, o amigo começa a experimentar o quanto ele é doce e suave (cf. Sl 33,9; 99,5).

134. Deste modo, por aquele amor santo com o qual se abraça o próprio amigo, se sobe àquele com o qual abraçamos Cristo: alcança-se assim, na felicidade, completamente, o fruto da amizade espiritual, na expectativa de uma plenitude que se realizará num tempo que virá quando, eliminado aquele temor que agora nos deixa em ânsia e nos faz preocupar-nos um com o outro, superadas todas aquelas adversidades que agora toleramos um pelo outro, destruído junto com a morte o seu aguilhão (cf. 1Cor 15,54-55), que agora frequentemente nos incomoda e nos obriga a sofrer um pelo outro, alcançada a segurança, gozaremos pela eternidade o sumo Bem: então esta amizade, na qual agora admitimos apenas poucos, será infundida em todos, e de todos fluirá sobre Deus, quando *DEUS SERÁ TUDO EM TODOS* (1Cor 15,28).

ORAÇÃO PASTORAL

INTRODUÇÃO

A *Oração pastoral* foi escrita por Aelredo de Rievaulx, provavelmente no final de sua vida. É um texto breve, mas denso, e, segundo alguns, apresenta-se como uma espécie de "resumo de sua vida espiritual"[193].

O texto encontra-se em um só manuscrito (final do século XII ou início do XIII), o n. 34 do Jesus College de Cambridge, nas folhas 97r-99r. O texto original foi descoberto e publicado por dom Wilmart no ano de 1925.

Trata-se de uma pequena obra prima, cuja concisão conseguiu recolher os aspectos mais cativantes de sua personalidade: ternura, benevolência, afabilidade, mansidão, benignidade, honestidade, afeto cordial, paternidade, compaixão, confiança e abandono em Cristo.

Cristo é apresentado à luz do Evangelho de São João, como o Pastor bom e pio, a quem Aelredo confia a sua própria vida e a da comunidade monástica que lhe foi confiada. O abade de Rievaulx revela através de suas palavras uma profunda consciência de suas fraquezas e, ao mesmo tempo, da responsabilidade em relação aos seus irmãos, a quem ele deseja servir, pelos quais deseja consumir a sua própria vida, buscando viver sempre como um deles (cf. *Oração Pastoral* n. 8) e, com eles, construir a unidade e a paz da comunidade[194].

O texto começa com a sua oração, invocando Jesus como bom Pastor (cf. *Oração pastoral* n. 1) e reconhecendo a sua própria indignidade (*Oração pastoral* nn. 2-3), mas o texto não parece ter um caráter meramente retórico como confissões análogas

193. A. LE BAIL, *s. v. Aelred de Rievaulx*, in: DSp I (1937), 229-230.
194. Cf. D. PEZZINI, *Introduzione*, in: A. DE RIVEAULX, *Gesù dodicenne – Preghiera pastorale*, Milano 2001, pp. 132-133.

(Santo Anselmo, João de Fécamp, etc.), pois os demais escritos de Aelredo confirmam que o abade de Rievaulx com muita liberdade interior falava de suas próprias fraquezas, fraquezas que ele aceita e apresenta à misericórdia de Deus, fraquezas que o ajudam a ser um instrumento de compaixão e de ternura para os seus irmãos.

Se por um lado pode-se dizer que a *ORAÇÃO PASTORAL* poderia ter sido escrita por um autor como João de Fécamp, por outro lado devemos observar que o autor revela um grau de autoconsciência e de autoavaliação, como se nota no fato de que Aelredo aceite até a possibilidade de seus defeitos e fragilidades exercitarem um papel positivo em vista da sua própria santificação e do serviço que realiza em favor dos demais[195].

A *CONFESSIO VITAE* (confissão de vida), junto com a *CONFESSIO FIDEI* (confissão de fé), preparam a *CONFESSIO LAUDIS* (confissão ou canto de gratidão-louvor). Sentindo-se imerso no mar da bondade e misericórdia de Deus, Aelredo se reconhece um pecador, alguém que tem uma dívida para com Deus, não apenas por causa dos pecados cometidos, mas também por aqueles não cometidos, pois, se não os cometeu, deve-o à graça de Deus.

Diante da grandeza de Deus e da consciência de sua pequenez, Aelredo prorrompe em oração, consagra dois longos parágrafos (*ORAÇÃO PASTORAL* nn. 5-6) a uma oração, pela qual pede a Deus o seu Espírito e os dons do fervor, da discrição, perseverança, amor e sabedoria (cf. *ORAÇÃO PASTORAL* n. 6).

Iluminado pelo ideal beneditino que pede ao abade que mais sirva do que comande, Aelredo reza também pela comunidade que lhe foi confiada (*ORAÇÃO PASTORAL* nn. 7-8), revelando em cada palavra a grandeza de seu coração, a doçura de seu terno amor e a dimensão afetiva do seu efetivo serviço abacial.

Antes de concluir a sua oração, o abade, com uma delicadeza que revela o seu olhar atento a todas as dimensões da vida

195. Cf. A. SQUIRE, *AELRED OF RIEVAULX. A STUDY*, London 1969, p. 150; PEZZINI, *INTRODUZIONE*, 134.

humana, pede a Deus que proveja os bens temporais necessários para o bom andamento da vida monástica em Rievaulx (cf. *ORAÇÃO ESPIRITUAL* n. 9).

Ao final de sua *ORAÇÃO*, roga a Deus que ninguém retire os seus irmãos nem das mãos de Jesus, nem de suas mãos, às quais estes foram confiados (cf. *ORAÇÃO PASTORAL* n. 10). O modelo de Jesus volta, como no início da *ORAÇÃO*, recordando que, na verdade, toda a Oração pastoral se dirige a Ele, nasce da contemplação de seu rosto, busca-o como exemplo. Nele, o homem pode encontrar ao mesmo tempo a grandeza da misericórdia de Deus e pequenez de sua própria miséria e, graças ao Espírito, viver na paz de quem se abandona no Espírito (Graça), e, ao mesmo tempo, tem uma profunda consciência de sua própria responsabilidade (Liberdade).

Pe. João Paulo de Mendonça Dantas

TEXTO

Oração Pastoral

[Oração do venerável[196] Aelredo, abade de Rievaulx, destinada aos prelados, sobretudo aos abades][197]
[composta e usada por ele][198]

Oração do bom pastor

Oh bom pastor Jesus[199], pastor bom, pastor clemente, pastor afável, um pastor pobre e miserável eleva a Ti o seu grito, um pastor fraco, incapaz e inútil, mas, todavia, um pastor qualquer de Tuas ovelhas[200]. A Ti, digo, eleva o seu grito, oh bom pastor, esse pastor que não é bom[201]; a Ti se eleva o grito, em ânsia por mim mesmo[202], em ânsia pelas Tuas ovelhas[203].

196. O título de "venerável" atribuído a Aelredo foi acrescentado ao manuscrito no século XIII e parece indicar que o manuscrito provém do ambiente familiar da abadia de Rievaulx.
197. Esta observação foi acrescentada ao manuscrito no século XIII.
198. Esta observação foi acrescentada ao manuscrito por volta do século XIV ou XV.
199. Cf. Jo 10,11-14.
200. Cf. Jo 21,17.
201. Encontramos uma análoga confissão de indignidade em Santo Anselmo: "Sou chamado mestre, mas não o sei ser. Sou chamado pastor, mas não consigo ser. Sou chamado abade, e não o sou" (*Oração 17*, in: *Sancti Anselmi Opera Omnia*, vol. III, Edimburgo 1946, p. 68).
202. Cf. Sl 101,1-2.
203. A frase parece inspirar-se em outra de Santo Anselmo ("*anxius de me et de mihi commissis*"), cf. *Oração 17*, p. 68.

Ato de Contrição

Repensando, de fato, na amargura do meu coração, nos meus anos passados[204], espanto-me e tremo apenas ao sentir-me chamar de pastor: se eu não me sentisse indigno desse nome, seria, certamente, um louco.

Sei que a Tua santa misericórdia está sobre mim, para arrancar do profundo inferno a minha pobre alma, Tu que tens piedade de quem Tu queres e ofereces misericórdia a quem Te é agradável: Tu perdoas os pecados, e não condenas por vingança, não confundes com as reprovações, e, mesmo quando imputas a culpa, não nos amas menos por causa disso. Todavia, perturbo-me e confundo-me, pois recordo a Tua bondade e não ignoro a minha ingratidão. Agora, pois, coloco diante de Ti a confissão do meu coração, a confissão de inumeráveis pecados, dos quais libertaste a minha alma infeliz, como quis a Tua misericórdia. Por tudo isso, as fibras mais íntimas do meu coração, com todas as forças, dissolvem-se[205] elevando a Ti um canto de gratidão e de louvor.

Mas não Te sou menos devedor também por aqueles males, quaisquer que sejam, que não realizei, pois, seguramente, os males que não realizei, não os realizei somente porque Tu intervieste guiando-me, ou retirando-me a possibilidade de realiza-los ou corrigindo a minha vontade, ou, ainda, dando-me forças para resistir.

Mas, o que farei, Senhor meu Deus, com relação aos males que Tu, segundo o Teu justo juízo, ainda permites que dobrem ou atormentem o Teu servo e filho da Tua serva[206] ?

São inumeráveis, de fato, oh Senhor, as razões pelas quais a minha alma pecadora se inquieta diante do Teu olhar, não

204. Cf. Is 38,15; Hb 10,32. Cf. também SANTO AGOSTINHO, *Confissões* 2,1,1.
205. Em latim, encontramos o verbo *exsolvit* (dissolver-se), que deseja expressar a libertação interior de um coração que experimentou o alívio dos seus pecados, graças à misericórdia divina.
206. Cf. Sl 115,7.

obstante sem a contrição e a atenção que eu deveria ter e que a minha vontade desejaria.

Exame do encargo de abade

Confesso-Te, portanto, oh meu Jesus, meu Salvador, minha esperança, minha consolação. Confesso-Te, oh meu Deus, não estar, com relação aos meus atos passados, arrependido e temoroso como deveria, nem ser, pensando no presente, solícito como conviria.

E Tu, doce Senhor, colocaste alguém como eu como chefe de Tua família[207], das ovelhas do Teu rebanho[208]. Eu sou tão pouco solícito comigo mesmo, e Tu me mandas ser solícito com eles; eu não consigo rezar por dever pelos meus pecados, e Tu me mandas rezar por eles; eu aprendi tão pouco para mim mesmo, e Tu me mandas ensiná-los. Pobre de mim, o que fiz, o que realizei, com o que consenti?[209] Ou melhor, Tu, oh doce Senhor, como pudeste dar o Teu consentimento a este pobrezinho? Suplico-Te, doce Senhor, não é essa a Tua família[210], o Teu povo predileto[211], que fizeste sair do Egito[212] pela segunda vez [213], que criaste, que redimiste? E, ainda, os reuniste de tantas regiões[214] e os fizeste habitar nesta casa[215] para que vivessem

207. Cf. Mt. 24,45-47.
208. Cf. Sl 71,1; 78,13.
209. As três interrogações se encontram na carta de Santo Anselmo, cf. *Oração 17*, p. 68.
210. Cf. Mt 24,45.
211. Cf. Dt 7,6.
212. Cf. Sl 80,11.
213. Aelredo desenvolve este tema nos sermões 6 e 8 da edição crítica CCCM IIA. A ideia de fundo é que São Bento é apresentado como um novo Moisés que conduz os seus monges do Egito à Terra prometida, ou seja, de uma vida mundana a uma vida evangélica e santa.
214. Cf. Sl 106,2.
215. O autor parece referir-se ao mosteiro de Rievaulx.

em comunidade[216]. Por que, oh fonte da misericórdia, quiseste confiá-los a alguém como eu, pessoas a Ti tão caras confiadas a alguém tão distante do teu olhar?

Por acaso, quiseste consentir com os meus sentimentos e entregar-me aos meus desejos[217], de um modo que pudesse acusar-me mais severamente, condenar-me com maior rigor, punir-me não apenas pelos meus pecados, mas também por aqueles dos outros?[218] Mas, nesse caso, valia a pena, oh piedosíssimo, para manifestar a razão pela qual um só pecador fora punido, expor ao perigo um número tão grande de almas, e que almas? Há, portanto, para os súditos, algum perigo maior do que ter um superior tolo e pecador? Ou talvez, isso me parece mais digno da Tua bondade e mais doce de experimentar, quiseste colocar como chefe de Tua família[219] alguém como eu, para que, manifestada a Tua misericórdia e revelada a Tua sabedoria[220], e se fosse querido à Tua benevolência governar bem a Tua família mediante tal homem, fosse vista a sublimidade da Tua força, não a do homem[221], de modo que o sábio não possa se gloriar de sua sabedoria, nem o justo de sua justiça, nem o forte de sua força[222], pois quando eles governam bem o Teu povo, és Tu quem os governa, não eles. E, portanto, *NÃO A NÓS, SENHOR, NÃO A NÓS, MAS AO TEU NOME SEJA A GLÓRIA* (Sl 113,9).

Introdução à oração por si e por seus súditos

Qualquer que seja a razão pela qual colocaste ou deixaste colocar nesse ofício alguém como eu, indigno e pecador, Tu me

216. Cf. Sl 67,7.
217. Cf. Rm 1,24.
218. Cf. Sl. 18,14.
219. Cf. Mt 24,43.
220. Cf. Sl 105,8.
221. Cf. 2Cor 4,7.
222. Cf. Jr 9,23.

mandas cuidar deles e rezar por eles com especial solicitude, até quando suportares que eu seja o seu chefe. Portanto, Senhor, prostro-me em oração diante da Tua face, não apelando aos meus méritos, mas a Tua grande misericórdia[223], e, onde cala o mérito, grita o dever.

Estejam, então, os Teus olhos fixos sobre mim, e sejam atentos os Teus ouvidos às minhas orações[224]. Mas, como segundo a lei divina, é um compito do sacerdote rezar primeiro por si mesmo e depois oferecer sacrifícios pelo povo[225], começo a oferecer à Tua majestade este pobre sacrifício de oração pelos meus pecados.

Oração por si mesmo

Eis as feridas da minha alma, oh Senhor. O Teu olho vivo e eficaz vê tudo[226], e *CHEGA ATÉ O PONTO DE DIVISÃO DA ALMA E DO ESPÍRITO* (Hb 4,12). Tu vês certamente, oh meu Senhor, vês certamente dentro da minha alma os vestígios dos meus pecados passados, os perigos do presente e o porquê, e o que me acontecerá no futuro. Essas coisas Tu as vês, oh Senhor, quero que as veja. Tu sabes bem, Tu que perscrutas o meu coração[227], que não existe nada na minha alma que eu queira que permaneça escondido aos Teus olhos, mesmo que pudessem se esconder do Teu olhar. Ai daqueles que desejam esconder-se de Ti. O que eles conseguem, na verdade, não é tanto esquivarem-se do Teu olhar, mas não serem curados e ainda serem punidos.

Olha-me doce Senhor, olha-me. Espero, de fato, na Tua piedade, oh cheio de misericórdia, porque Tu, como um médico

223. Cf. Dn 9,18. Cf, também João de Fécamp, *ORAÇÃO 29*, in: PL 158,923B. A referida oração, que aparece no plural no texto de Fécamp, deveria ser recitada pelo sacerdote como preparação para a celebração eucarística.
224. Cf. Sl 33,16.
225. Cf. Lv 9,7; Hb 5,3.
226. Eclo 23,27.
227. Cf. Pr 24,12.

benevolente me olhas e me devolves a saúde, ou como um mestre cheio de compreensão me corriges, ou como um pai indulgentíssimo me perdoas[228].

Isso é, portanto, o que peço, oh fonte de piedade, confiando na Tua misericórdia onipotente e na Tua onipotência misericordiosa, para que, em virtude do Teu docíssimo nome e do mistério da Tua sacrossanta humanidade, Tu perdoes os meus pecados e cures as feridas da minha alma, recordando da Tua bondade e sem recordar a minha própria ingratidão. E contra os vícios e más paixões que até hoje guerreiam contra a minha alma, seja por causa de um hábito mal e inveterado[229], seja por causa de minhas infinitas e cotidianas negligências, seja pela fraqueza da minha natureza corrupta e viciada, seja por causa das tentações ocultas dos maus espíritos, a Tua doce graça me dê virtude e força, para que eu não consinta e não permita que os vícios reinem neste meu corpo mortal, nem ofereça os meus membros como armas de iniquidade[230], até o momento em que curarás completamente as minhas enfermidades, e cuidarás de minhas feridas e darás de novo forma à minha deformidade[231].

Desça o Teu Espírito bom e doce[232] no meu coração, e prepare-o como uma morada para Si[233], purificando-o de toda imundície da carne e do espírito[234], e infundindo um incremento de fé, esperança e caridade, bem como sentimentos de compunção, de ternura e de amabilidade. Extinga com o orvalho da sua benção o fogo das concupiscências, mortifique com a sua força

228. Encontramos expressões análogas em A. de Rievaulx, *Gesù dodicenne* 3, Milano 2001, pp. 74 (nota 1).
229. Encontramos um trecho semelhante a esse em A. DE RIVEAULX, *Regra das Reclusas*, 32, in: CCCM I, pp. 674-675.
230. Cf. Rm 6,12-13.
231. "*deformia mea formes*", esta expressão, segundo o pensamento de Aelredo, deseja recordar que o homem "deformado" pelo pecado recebe de novo a sua verdadeira "forma" graças a ação do Espírito de Deus.
232. Cf. Sl 142,10; Eclo 24,27.
233. Cf. Sl 32,14.
234. Cf. 2Cor 7,1.

os movimentos da libido e dos afetos carnais. Conceda-me nos trabalhos (cansativos), nas vigílias e na abstinência, fervor e discrição, e para Te amar, Te louvar, rezar e meditar, agir e pensar movido por Ti, dá-me força e eficácia, e conceda-me ser perseverante em tudo isso até o final da minha vida.

Súplica especial pela Sabedoria

Preciso de todas essas coisas em minha vida, oh minha esperança. Mas existem outras coisas que necessito, não tanto para mim mesmo, mas para aqueles que Tu me mandas servir mais do que presidir[235]. Certa vez, alguém pediu-Te que lhe desse a sabedoria, para que fosse capaz de governar o Teu povo[236]. Tratava-se de um rei, e as suas palavras foram agradáveis aos teus olhos e, assim, atendeste o seu pedido, e ainda não tinhas nem sido crucificado[237], nem mostrado ao Teu povo a Tua maravilhosa caridade.

Eis, oh doce Senhor, eis agora diante de Ti, o Teu povo predileto, que tem diante de seus olhos a Tua Cruz e os sinais da Tua Paixão[238]. Confiaste-os ao governo desse Teu servo pequeno e pecador. Deus meu, Tu conheces a minha insipiência e a minha fraqueza não Te é desconhecida[239]. Peço-Te, portanto, doce Senhor, que me dês não ouro, nem prata, nem pedras preciosas, mas a Tua sabedoria, para que eu saiba governar o Teu povo. Envia-a, oh fonte de sabedoria, da sede da Tua majestade, para que esteja comigo e trabalhe comigo (Sb 9,10), opere comigo e fale em mim, e disponha de todos os meus pensamentos, palavras, obras e

235. Cf. *Regra de São Bento* 64,8: "(...) saiba convir-lhe mais servir que presidir [*sciat sibi oportere prodesse magis quam praeesse*]".
236. Cf. 2Cr 1,10.
237. Sobre a relação existente entre o tema da Cruz e o da Sabedoria, cf. 1Cor 1,23-24.
238. Aelredo define os monges como professores *crucis Christi*, no sentido em que a Cruz é, de um certo modo, o conteúdo da consagração monástica, cf. A. DE RIVEAULX, *Specchio di Carità* 2,3 (nota 4), p. 191.
239. Cf. Sl 68,6.

decisões, segundo a Tua vontade, para a honra do Teu nome, para o seu progresso e a minha salvação.

Oração pelo bem de todos

Tu conheces, Senhor, o meu coração: Tu sabes que tudo o que deste a mim, Teu servo, desejo que seja totalmente doado aos irmãos e gasto por eles. E ainda, eu mesmo livremente me oferecerei inteiramente por eles[240]. Que seja assim, meu Senhor, que seja assim. Que os meus sentimentos e as minhas palavras, o meu repouso e o meu trabalho, as minhas ações e os meus pensamentos, os momentos belos e difíceis, a minha morte e a minha vida, a minha saúde e a minha enfermidade, tudo o que sou, o que vivo, o que sinto, o que compreendo, tudo seja entregue por eles e tudo se consuma por eles[241], pelos quais Tu mesmo não hesitaste em Te consumir.

Ensina-me, Teu servo, oh Senhor, ensina-me, peço-Te, através do Teu Espírito Santo, como eu posso servi-los e consumir-me por eles. Dá-me, oh Senhor, pela Tua graça inefável, saber suportar com paciência as suas fraquezas, saber compartilhar com benevolência os seus sofrimentos e ajuda-los com discrição. Que na escola do Teu Espírito eu possa aprender a consolar quem está triste, reforçar os pusilânimes, levantar quem está caído, ser fraco com os fracos, indignar-me com quem sofre com escândalo[242], fazer-me tudo para todos para salvar a todos[243]. Coloca na minha boca palavras verdadeiras, justas e agradáveis, de modo que eles sejam edificados na fé, na esperança e na

240. Cf. 2Cor 12,15.
241. Reencontramos a mesma ideia que possivelmente regeu a vida abacial de Aelredo em dois outros textos de sua autoria: *Sermões sobre Isaías* (*De oneribus*), in: PL 195,422C; Sermão de Pentecoste, in: *Sermones inediti B. Aelredi Abbatis Rievallensis*, p. 112.
242. Cf. 2 Cor 11,29.
243. Cf. 1 Cor 9,19.22.

caridade, na castidade e na humildade, na paciência e na obediência, no fervor do espírito e no impulso do coração.

E porque Tu deste a eles esse guia cego[244], esse mestre ignorante, esse chefe incapaz, não tanto por mim, mas por eles, instrui aquele que Tu colocaste como mestre, guia aquele que Tu mandaste guiar os outros, dirige aquele que Tu estabeleceste para dirigir outros[245]. Ensina-me, portanto, doce Senhor, a governar os irrequietos, a consolar os pusilânimes, a acolher os fracos[246] e a adaptar-me ao caráter de cada um, prestando atenção à sua natureza, ao seu temperamento, aos seus sentimentos, às suas capacidades, à sua simplicidade, conforme o lugar e o tempo, na medida em que isso seja, aos Teus olhos, útil para eles. E na medida em que, por causa da fraqueza da minha carne[247], ou pela pusilanimidade do meu espírito[248], ou pela corrupção do meu coração, o meu trabalho, as minhas vigílias ou a minha abstinência pouco ou nada os edificam, peço-Te, pela generosidade da Tua misericórdia, que os edifique a minha humildade, a minha caridade, a minha paciência e a minha misericórdia. Edifique-os as minhas palavras e os meus ensinamentos, e seja sempre benéfica para eles a minha oração.

Oração pelos subordinados

E por tudo isso, Tu, nosso Deus misericordioso, atende-me por causa deles, dado que o dever me impulsiona, o afeto[249] me convida e a consideração da Tua benignidade me encoraja a rezar

244. Cf. Mt 15,14.
245. Mais uma vez encontramos aqui um eco de um trecho da oração 17 de Santo Anselmo, cf. *Oração 17*, p. 69.
246. Cf. 1 Ts 5,14.
247. Cf. Rm 6,19; Gl 4,13.
248. Cf. Sl 54,9.
249. Encontramos um texto análogo (o dever impulsiona, o afeto convida e a bondade de Deus encoraja) a esse em A. DE RIVEAULX, *Sermões sobre Isaías* (*De oneribus*), in: PL 195,365B

por eles. Tu sabes, doce Senhor, o quanto os amo, o quanto se derrame sobre eles a minha ternura e o quanto se dirija a eles o meu afeto. Tu sabes, oh meu Senhor, que não os governo com dureza ou com um espírito de dominação[250], mas que desejo na caridade mais servi-los do que me impor a eles[251], e que gostaria de humildemente submeter-me a eles, e com afeto estar no meio deles, como um deles.

Atende-me, portanto, atende-me, Senhor meu Deus[252], de modo que os teus olhos estejam dia e noite[253] abertos sobre eles. Abre, oh terníssimo Senhor, as Tuas asas[254] e protege-os, estende o Teu braço direito e abençoa-os; infunde nos seus corações o Teu Espírito Santo, para que Ele os conserve na unidade e no vínculo da paz (Ef 4,3), na castidade do corpo e na humildade da mente.

Esteja Ele ao lado de quem reza, preencha as suas vísceras com a unção e a riqueza do Teu amor[255], restaure as suas mentes com a doçura da compunção, e ilumine com a luz da Tua graça os seus corações; com a esperança reerga-os, com o temor torne-os humildes, com a caridade inflame-os.

Sugira ele mesmo as orações que Tu desejarás atender na Tua benevolência. Que o mesmo Espírito esteja neles quando meditam, para que, iluminados por Ele, conheçam a Ti e Te guardem (impresso) na sua memória, de modo que Te invoquem na adversidade e Te consultem quando tiverem dúvidas. Quando cansados estiverem sob o peso da tentação, o mesmo amável consolador venha e socorra-os, e quando estiverem nas angústias e nas tribulações desta vida, que Ele os ajude em suas fraquezas.

250. Cf. Ez 34,4.
251. Mais uma vez aparece a ideia presente na *REGRA DE SÃO BENTO* 64,8.
252. Cf. 1Re 18,37.
253. Cf. 1Re 8,29.
254. Cf. Dt 32,11.
255. Cf. Sl 62,6.

Que eles sejam, oh doce Senhor, por obra do Teu próprio Espírito, em si mesmos, entre eles e comigo, pacatos, discretos, gentis, obedecendo, servindo[256] e sustentando uns aos outros[257]. Sejam fervorosos no espírito, alegres na esperança[258], na pobreza, na abstinência, nos cansaços e nas vigílias[259], no silêncio e na solidão, pacientes em tudo[260].

Arranca dos seus corações, Senhor, o espírito de soberba e de vã-glória, de inveja e de tristeza, de acídia e de blasfêmia, de desespero e de desconfiança, de fornicação e de impureza, de presunção e de discórdia. Permanece, conforme a Tua promessa de fidelidade, no meio deles[261], e, como Tu sabes o que cada um necessita, suplico-Te que consolides o que existe de fraco neles[262], não descarte o que é frágil, cure o que está doente, coloque alegria no que está triste, faça ferver o que está morno, dê força ao que está instável[263], de modo que cada um sinta que nas suas necessidades e nas suas tentações não lhe falta a Tua graça.

Oração pelas necessidades temporais

No que concerne às coisas temporais com as quais nessa vida se sustenta a fraqueza desse pobre corpo, proveja para os Teus servos segundo o que vês e o que queres. Apenas isso peço a Tua dulcíssima piedade, oh meu Senhor, que o que quer que seja que

256. Cf. *REGRA DE SÃO BENTO* 35,1: "Que os irmãos se sirvam mutuamente (...)".
257. Cf. Col 3,13.
258. Cf. Rm 12,11-12.
259. Cf. 2Cor 6,5.
260. Cf. 1Ts 5,14.
261. Cf. Mt 18,20.
262. Cf. Ez 34,4.
263. D. Pezzini observa que é digno de nota o fato de que Aelredo utiliza sempre os aspectos negativos da vida dos monges, consciente de que correspondem apenas a uma parte (ou dimensão), e não à integralidade, da pessoa humana, cf. A. DE RIVEAULX, *GESÙ DODICENNE – PREGHIERA PASTORALE* (a cura di D. Pezzini), Milano 2001, p. 150 (nota 25).

eu tenha, pouco ou muito, Tu faças de mim, que sou Teu servo, o dispensador fiel, o distribuidor de graças, o prudente[264] administrador de todas as coisas que me darás.

Inspire-os também, oh meu Deus, a suportar com paciência quando Tu não lhes dás nada e a usar com moderação o que lhes dás. E de mim, Teu servo, e por caùsa de Ti também, servo deles, pensem sempre o que lhes for útil, que somente me amem[265] e me temam, segundo Tu consideres benéfico para eles.

Últimas recomendações

Eu, da minha parte, confio-os em Tuas santas mãos e em Tua terna providência, que ninguém os retire da Tua mão[266], nem da mão do Teu servo, a quem os confiaste, mas que perseverem com alegria no santo propósito, e, perseverando, obtenham a vida eterna, com o Teu auxílio, oh dulcíssimo Senhor nosso, que vives e reinas pelos séculos dos séculos. Amém.

264. Cf. Lc 12,42.
265. Cf. Regra de São Bento 72,10: "[os monges] amem ao seu Abade com sincera e humilde caridade".
266. Cf. Jo 10,28.